

**Maria Helena Rodrigues de Sousa Ferreira Pinto**

**O CONTRIBUTO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES  
PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:**

**ESTUDO DE CASO**



**Universidade Portucalense Infante D. Henrique**

**Porto, 2007**

**Maria Helena Rodrigues de Sousa Ferreira Pinto**

**O CONTRIBUTO DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES  
PARA A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO:  
ESTUDO DE CASO**

**Dissertação apresentada para obtenção do grau de Mestre em  
Administração e Planificação da Educação à Universidade Portucalense  
Infante D. Henrique**

**Professora Orientadora: Prof<sup>a</sup> Doutora Manuela Barreto Nunes**

**Universidade Portucalense Infante D. Henrique**

**Porto, 2007**

Em pedagogia não há receitas, tudo terá de ser objecto de investigação.  
Maurice Debesse

À memória da minha filha Francisquinha  
Por saudade e dor, enveredei pelos labirintos da biblioteconomia.

## **AGRADECIMENTOS**

No culminar deste trabalho, uma certeza, a vida académica tem sido uma experiência enriquecedora sob o ponto de vista pessoal e profissional. Tal foi possível, graças à boa vontade e empenho de todos aqueles que a seguir nomeio e a quem fica o meu eterno reconhecimento.

À Professora Doutora Alcina Manuela, pela confiança e pela oportunidade que me deu em desenvolver esta dissertação;

À minha Orientadora, Professora Doutora Manuela Belchior Barreto Nunes, pelo profissionalismo, dedicação, simpatia e competência. Um agradecimento muito especial pelas valiosas e profícuas discussões e pela condução no processo de amadurecimento que representou este estudo;

À Professora Doutora Ana Paula Cardoso, pelo apoio sincero e desinteressado e pela oportunidade que me deu de aprendizagem na senda de novos conhecimentos;

À minha amiga, Doutora Ana Maria Pessanha, pela amizade e pelo trilhar conjunto na trajectória da construção deste trabalho e pelo seu encorajamento nos momentos difíceis;

Ao Conselho Executivo, colegas e alunos da Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Aquilino Ribeiro, pela oportunidade que me deram de poder realizar o estudo de caso, pela disponibilidade e boa vontade em participar nesta pesquisa;

Aos meus amigos, pelo estímulo e carinho que sempre manifestaram;

Aos meus pais, por me ensinarem que viver é ter coragem e confiança no amanhã, apesar dos obstáculos;

Ao meu marido e filhos, pelo amor, ajuda e compreensão das minhas ausências.

## RESUMO

O presente estudo visa reflectir sobre o contributo das bibliotecas escolares e seus recursos para a construção do conhecimento na Escola. No contexto da sociedade de informação e das novas exigências e tecnologias disponíveis para a aprendizagem, destacamos o papel da Internet enquanto recurso de informação dinamizado a partir das bibliotecas escolares.

Trata-se assim de um trabalho de pesquisa e reflexão, cuja intenção primordial consiste em reconhecer a necessidade de, na actual sociedade da informação, nos empenharmos na criação de uma nova cultura educativa que promova a interacção, a autonomia e o sentido crítico, nomeadamente através da pesquisa escolar.

A acção investigativa centra-se em torno de três eixos indissociados: alunos, professores e recursos da Biblioteca Escolar. Nesse sentido, o estudo assentou numa exaustiva pesquisa bibliográfica que permitiu estabelecer os conceitos principais da fundamentação teórica.

A investigação empírica, a partir da qual se pretendeu obter informação sobre o uso real da biblioteca e dos recursos de informação, por parte de alunos e professores de uma Escola do Ensino Básico, incidiu sobre a Escola Básica 2,3 Aquilino Ribeiro, de Vila Nova de Paiva, no distrito de Viseu.

**Palavras-chave:** Biblioteca escolar; Pesquisa escolar; Internet; Construção do conhecimento.

## **ABSTRACT**

This presents study aims to reflected the contribution of the school library and its resources on the construction of the school knowledge. In the information society context and the new demanding and available thecnologies for the learning, we pointed out the role of the Internet while information resource dynamized from the school libraries.

So, this work is a research work and a reflection, whose primordial intention consists on recognising the need, in the nowadays society of information, of doing our best to create a new educational culture that promotes the interaction, the autonomy and the critical sense, especially through the school research.

The researching action goes around three inseparable axles: students, teachers and the school library resources. That way, the study was settled in a bibliographical exhaustive research that allowed to establish the main concepts of the theoretical foundation.

The empirical investigation, from which we aimed to get information about the real use of the library by the students and teachers of a High School, fell upon in Escola Básica 2,3 Aquilino Ribeiro, Vila Nova de Paiva, in Viseu district.

Keywords: School library; school research; Internet; knowledge construction.

# SUMÁRIO

<b>ÍNDICE DE FIGURAS.....</b>	<b>10</b>
<b>ÍNDICE DE GRÁFICOS.....</b>	<b>11</b>
<b>ÍNDICE DE QUADROS .....</b>	<b>12</b>
<b>SIGLAS E ABREVIATURAS .....</b>	<b>14</b>
<b>INTRODUÇÃO GERAL.....</b>	<b>16</b>
<b>PARTE 1 – ESTUDO TEÓRICO .....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO 1. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A ESCOLA NO SÉC. XXI .....</b>	<b>22</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>22</b>
1.1. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A ESCOLA NO SÉC. XXI.....	23
1.2. NOVOS PAPÉIS DA ESCOLA .....	27
1.3. A TRANSFORMAÇÃO DOS PARADIGMAS EDUCACIONAIS.....	28
1.4. O CONTEXTO EDUCATIVO PORTUGUÊS.....	33
<b>SÍNTESE CONCLUSIVA.....</b>	<b>37</b>
<b>CAPÍTULO 2. A INTEGRAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA ESCOLA .....</b>	<b>40</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>40</b>
2.1. BREVE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR.....	42
2.2. AS BIBLIOTECAS ESCOLARES E O SISTEMA EDUCATIVO PORTUGUÊS .....	44
2.3. O CONTRIBUTO DA REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS ESCOLARES .....	49
2.4. A BIBLIOTECA ESCOLAR E AS LITERACIAS DO SÉC.XX .....	52
2.5. FUNÇÕES DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES .....	57
<b>SÍNTESE CONCLUSIVA.....</b>	<b>60</b>
<b>CAPÍTULO 3. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ESCOLA .....</b>	<b>61</b>
<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>61</b>
3.1. INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO .....	63
3.2. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ESCOLA.....	66
3.3. PESQUISA ESCOLAR .....	67
3.4. A PESQUISA ESCOLAR E OS SEUS ACTORES: O PROFESSOR, O ALUNO E A BIBLIOTECA .....	70
3.5. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO COMO RECURSO EDUCATIVO.....	72

3.6. A IMPORTÂNCIA DA INTERNET COMO FERRAMENTA DE PESQUISA .....	75
<b>SÍNTESE CONCLUSIVA.....</b>	<b>77</b>
<b>PARTE 2 – ESTUDO EMPÍRICO.....</b>	<b>78</b>
<b>CAPÍTULO 4. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO .....</b>	<b>80</b>
4.1. CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE VILA NOVA DE PAIVA.....	81
4.2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA.....	84
4.3. CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	85
4.4. CARACTERIZAÇÃO DOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO .....	86
4.5. CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS .....	86
4.6. CARACTERIZAÇÃO DO PESSOAL DOCENTE .....	87
4.7. PERTINÊNCIA DO ESTUDO .....	87
4.8. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE ESTUDO .....	88
4.9. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA .....	89
4.10. DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES.....	90
4.11. OBJECTIVOS DO ESTUDO .....	91
4.12. TIPO DE ESTUDO.....	92
4.13. OPERACIONALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS .....	93
4.14. CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS AMOSTRAS .....	94
4.15. INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS.....	95
4.16. PROCEDIMENTOS ADOPTADOS .....	97
4.17. LIMITAÇÕES DO TRABALHO .....	98
<b>CAPÍTULO 5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>99</b>
5.1. ANÁLISE DESCRITIVA REFERENTE AOS ALUNOS .....	99
5.2. ANÁLISE DESCRITIVA REFERENTE AOS DOCENTES.....	116
<b>CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS .....</b>	<b>131</b>
6.1. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS REFERENTES AOS ALUNOS.....	131
6.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS REFERENTES AOS PROFESSORES.....	139
6.3. DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES.....	146
<b>CONCLUSÃO GERAL .....</b>	<b>159</b>
<b>RECOMENDAÇÕES .....</b>	<b>164</b>
<b>BIBLIOGRAFICA .....</b>	<b>166</b>
<b>ANEXOS.....</b>	<b>179</b>

## ÍNDICE DE FIGURAS

FIGURA 1 – MAPA DO CONCELHO DE VILA NOVA DE PAIVA .....	82
FIGURA 2 – SOCIEDADE DE INFORMAÇÃO / BIBLIOTECA ESCOLAR .....	163

## ÍNDICE DE GRÁFICOS

GRÁFICO 1 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE .....	100
GRÁFICO 2 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA IDADE. 101	
GRÁFICO 3 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO SEXO . 102	
GRÁFICO 4 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS ... 104	
GRÁFICO 5 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS FERRAMENTAS QUE UTILIZA PARA APOIAR OS ESTUDOS .....	105
GRÁFICO 6 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS RAZÕES DA AJUDA SER POUCO EFICAZ .....	109
GRÁFICO 7 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO TIPO DE FONTE DE INFORMAÇÃO QUE COSTUMA CONSULTAR PARA REALIZAR AS PESQUISAS.....	110
GRÁFICO 8 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS ACTIVIDADES QUE DESENVOLVEM NA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	111
GRÁFICO 9 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO QUE DEVERIA MELHORAR NA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	113
GRÁFICO 10 – REPRESENTAÇÃO GRÁFICA DA DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS ACTIVIDADES QUE DESENVOLVEM NA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	122
GRÁFICO 11 – PRINCIPAL LOCAL DE ACESSO À INTERNET POR ALUNOS E PROFESSORES.....	147
GRÁFICO 12 – INFLUÊNCIA DA SITUAÇÃO PROFISSIONAL NO USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR PARA REALIZAR PROJECTOS PEDAGÓGICOS.....	149
GRÁFICO 13 – INFLUÊNCIA DO DESEMPENHO PROFISSIONAL DOS PROFESSORES, APÓS O USO DA INTERNET, NO APOIO QUE ESTABELECEM NOS TRABALHOS DE PESQUISA.....	151
GRÁFICO 14 – INFLUÊNCIA DA IDADE DOS PROFESSORES NA FREQUÊNCIA COM QUE ACEDEM À INTERNET .....	152
GRÁFICO 15 – UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS EDUCATIVOS, POR ALUNOS E PROFESSORES, PARA REALIZAÇÃO DAS PESQUISAS .....	154

## ÍNDICE DE QUADROS

QUADRO 1 – ANÁLISE BIBLIOMÉTRICA .....	20
QUADRO 2 – A ESCOLA – PARADIGMAS DA ESCOLA.....	31
QUADRO 3 - FREGUESIAS DE VILA NOVA DE PAIVA.....	81
QUADRO 4 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE .....	99
QUADRO 5 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA IDADE .....	100
QUADRO 6 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO SEXO .....	101
QUADRO 7 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA PROFISSÃO DOS PAIS.....	103
QUADRO 8 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO NÍVEL DE ESCOLARIDADE DOS PAIS....	104
QUADRO 9 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO LOCAL DE ACESSO À INTERNET .....	105
QUADRO 10 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS FERRAMENTAS QUE UTILIZA PARA APOIAR OS ESTUDOS .....	105
QUADRO 11 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO CONTEXTO EM QUE ACEDE À INTERNET .....	106
QUADRO 12 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO PERÍODO QUE TEM MAIS DISPONIBILIDADE PARA CONSULTAR À INTERNET .....	107
QUADRO 13 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA DIFICULDADE NO USO DA INTERNET .	107
QUADRO 14 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA AJUDA QUE SOLICITAM QUANDO PROCEDEM A PESQUISAS NA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	108
QUADRO 15 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS RAZÕES DA AJUDA SER POUCO EFICAZ .....	108
QUADRO 16 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO TIPO DE FONTE DE INFORMAÇÃO QUE COSTUMA CONSULTAR PARA REALIZAR AS PESQUISAS.....	109
QUADRO 17 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO USO DA BIBLIOTECA .....	110
QUADRO 18 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA.....	111
QUADRO 19 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS ACTIVIDADES QUE DESENVOLVEM NA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	111
QUADRO 20 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA SATISFAÇÃO COM A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	112
QUADRO 21 – ANÁLISE DE CONTEÚDO SOBRE A OPINIÃO DO QUE DEVIA MELHORAR NA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	113
QUADRO 22 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS PESQUISAS PARA AS DISCIPLINAS DA ESCOLA .....	114
QUADRO 23 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DOS PROFESSORES QUE COSTUMAM SUGERIR A BIBLIOTECA PARA FAZER PESQUISAS .....	115
QUADRO 24 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO MATERIAL DA BIBLIOTECA.....	116
QUADRO 25 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO PROFISSIONAL .....	116

QUADRO 26 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA IDADE.....	117
QUADRO 27 - DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO SEXO.....	117
QUADRO 28 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS HABILITAÇÕES ACADÉMICAS .....	117
QUADRO 29 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA SITUAÇÃO PROFISSIONAL, NO PRESENTE ANO LECTIVO .....	118
QUADRO 30 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA DISCIPLINA QUE LECCIONA .....	119
QUADRO 31 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO ÁREA CURRICULAR NÃO DISCIPLINAR QUE LECCIONA .....	119
QUADRO 32 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO TEMPO DE SERVIÇO DA FUNÇÃO DOCENTE.....	120
QUADRO 33 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO USO DA BIBLIOTECA .....	121
QUADRO 34 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA UTILIZAÇÃO DA BIBLIOTECA.....	121
QUADRO 35 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS ACTIVIDADES QUE DESENVOLVEM NA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	122
QUADRO 36 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA UTILIZAÇÃO DOS RECURSOS PARA REALIZAR PROJECTOS PEDAGÓGICOS.....	123
QUADRO 37 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DOS DOCENTES QUE ESTIMULAM O USO DA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	123
QUADRO 38 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA SATISFAÇÃO COM A PRESTAÇÃO DE SERVIÇOS DA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	123
QUADRO 39 – ANÁLISE DE CONTEÚDO SOBRE A OPINIÃO DO QUE DEVIA MELHORAR NA BIBLIOTECA ESCOLAR .....	124
QUADRO 40 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA FREQUÊNCIA QUE COSTUMA ACEDER À INTERNET .....	124
QUADRO 41 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO LOCAL DE ACESSO À INTERNET.....	125
QUADRO 42 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA DIFICULDADE NO USO DA INTERNET .	126
QUADRO 43 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO DESEMPENHO PROFISSIONAL ANTES E APÓS O USO DA INTERNET .....	126
QUADRO 44 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA FORMAÇÃO SOBRE AS TIC .....	127
QUADRO 45 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS VANTAGENS DO USO PEDAGÓGICO DA INTERNET .....	127
QUADRO 46 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DA INTERNET COMO FERRAMENTA QUE PODE AUXILIAR NO PROCESSO ENSINO-APRENDIZAGEM .....	128
QUADRO 47 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DO TIPO DE PESQUISA.....	128
QUADRO 48 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DAS OUTRAS FONTES DE PESQUISA .....	129
QUADRO 49 – DISTRIBUIÇÃO DE FREQUÊNCIAS EM FUNÇÃO DOS DOCENTES QUE DÃO APOIO AOS ALUNOS NOS TRABALHOS DE PESQUISA .....	130
QUADRO 50 – POPULAÇÃO RESIDENTE NO CONCELHO DE VNP, SEGUNDO O NÍVEL DE ENSINO ATINGIDO E O SEXO .....	133

## **SIGLAS E ABREVIATURAS**

**BAD** – Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas

**CD-ROM** – Compact Disk Recordable

**CRIE** – Equipa de Missão, Computadores, Redes e Internet na Escola

**CTDI** – Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação

**DAISY** – Digital Accessible Information System Consortium (Projecto Literacia Digital sem Fronteiras)

**ENIS** – European Network of Innovative Schools (Rede Europeia de Escolas Inovadoras no uso das TIC)

**IASL** – International Association of School Librarianship (Associação Internacional de Biblioteconomia Escolar)

**IEA** – The Evaluation of Educational Achievement (Instituto de Estudos Avançados da Universidade de S. Paulo)

**IFLA** – International Federation of Library Associations (Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e Bibliotecas)

**INE** – Instituto Nacional de Estatística

**INOFOR** – Instituto para a Inovação na Formação

**M.E.** – Ministério da Educação

**NONIO** – Programa de Tecnologias de Informação e Comunicação na Educação

**OCDE** – Organisation for Economic Co-operation and Development (Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico)

**PISA** – Programme for International Student Assessment (Programa Internacional de Avaliação de Alunos)

**PRODEP** – Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal

**PROF2000** – Programa de formação de professores à distância e de Apoio às TIC nas escolas

**QND** – Quadro de Nomeação Definitiva

**S.P.S.S.** – Statistic Package for the Social Sciences (Programa de computador – pacote estatístico para as Ciências Sociais)

**TIC** – Tecnologias de Informação e Comunicação

**UNESCO** – United Educational, Scientific and Cultural Organization  
(Organização das Nações Unidas para a educação, a ciência e a cultura)

**WCOTP** – World Confederation of Organizations of the Teaching  
Professors (Confederação Mundial dos Professores de Ensino)

## Introdução Geral

“Who dares to teach, must never cease to learn.”  
John Cotton Dana (1912)

A nova sociedade, marcada pelo aparecimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), alterou radicalmente o nosso quotidiano, a forma como nos relacionamos e comunicamos, a cultura, a educação e até mesmo a economia. Tais alterações impõem novos desafios para toda a sociedade e, em especial, para o sistema educativo.

O desenvolvimento das Tecnologias da Informação e da Comunicação, com a crescente democratização da Internet e o reconhecimento do papel sócio-pedagógico das bibliotecas escolares têm tido repercussões na sociedade em geral, trazendo novas perspectivas para o contexto educativo.

Com a tecnologia a desempenhar um papel cada vez mais preponderante no quotidiano das pessoas, podia a biblioteca escolar manter-se hermeticamente fechada a esta realidade, como se de um espaço anacrónico se tratasse?

Efectivamente, as actuais mudanças sociais e tecnológicas exigem da escola um novo paradigma educacional em que a informação é processada de formas diferentes das tradicionais e o conhecimento se constrói em interacção com o mundo, nas suas diferentes dimensões.

Com efeito, se numa perspectiva mais tradicionalista, a escola era sobretudo um veículo de transmissão e reprodução de saberes estáticos e acabados, hoje sabemos que a escola deve, mais do que impor saberes desactualizados, dotar os alunos de competências de trabalho, organização e pesquisa, que possam preconizar uma aprendizagem que vai para além do ensino básico e/ou secundário, mas que se prolonga ao longo da vida.

Aponta-se para um paradigma diferente de escola, no sentido de combater o fosso entre o mundo escolar e o que está para além das suas paredes. Face a esta mudança de cenários, devemos encarar o panorama educativo de uma forma construtivista e exploratória dos recursos de que dispomos nas escolas.

---

Vivemos na apregoada “sociedade de informação”, em que a escola não pode ser considerada como a única responsável pela formação do indivíduo, mas antes o ponto de partida num processo contínuo de formação ao longo da vida, regulador das aprendizagens do cidadão nas sociedades actuais.

É urgente possibilitar aos alunos a construção das suas aprendizagens, acompanhados por professores conscientes das potencialidades que a biblioteca escolar oferece, enquanto recurso documental básico no actual contexto educativo.

Nestes novos desafios que são lançados à escola, as bibliotecas escolares, a par com as novas tecnologias assumem um papel determinante, constituindo-se como um meio facilitador de aprendizagens que permite desenvolver competências diversificadas. As previsões mais negras de que as tecnologias viriam substituir professores e livros, não se confirmam, como pensavam as pessoas mais conservadoras das décadas de 70 e 80. Elas, em vez de concorrerem, tornaram-se parceiros na dinamização da informação.

A Biblioteca Escolar, enquanto estrutura promotora de novos contextos de aprendizagem, constitui um recurso documental básico no processo educativo, permitindo desenvolver capacidades e competências indispensáveis ao binómio informação/comunicação, chave do sucesso para uma melhor integração na sociedade em que vivemos. Assim, integrar os recursos da biblioteca, incluindo as TIC, fomentando a pesquisa escolar, ao serviço do conhecimento, torna-se o grande desafio. Apesar dos inúmeros recursos disponíveis, rentabilizá-los para dar suporte à construção do conhecimento e não o vaguear da informação dispersa, descontextualizada e sem fins pedagógicos constitui a maior dificuldade da actual geração. Santos (1996, p.99) afirma que “...a maior dificuldade da actual geração nascida na era da tecnologia avançada, é o modo de consumo de cultura através de formas tão opostas como o livro e o computador”.

Afigura-se um longo caminho a percorrer, mas é animador constatar a organização e dinamização de muitas bibliotecas, nomeadamente aquelas que integram a Rede de Bibliotecas Escolares, fazendo eco do profissionalismo das suas equipas pluridisciplinares, contribuindo fortemente para o sucesso educativo e não apenas escolar dos alunos, revelando-se o motivo de alguns

destes reencontrarem a escola. Lamentavelmente, a nossa realidade ainda não é aquilo que gostaríamos que fosse, uma vez que a maior parte das escolas debate-se com a falta de recursos e estruturas de coordenação das diferentes instâncias que permitem uma comunicação entre a diversidade de intervenções à luz de um Projecto Educativo comum.

Partimos do princípio de que é importante integrar formas de actuação conjunta com, na e a partir das bibliotecas pois, "...aprender a viver e a trabalhar em colaboração é uma exigência ética e epistemológica da própria função pedagógica" (Gómez, 1994, p.12).

Para além das profundas mudanças que estão a decorrer na educação em Portugal, elas repercutem-se igualmente na nossa vida, no nosso trabalho, no nosso papel na sociedade. A familiaridade com os meios de comunicação é cada vez mais necessária para se viver num mundo em contínua transformação.

Confrontados com as competências gerais que deverão ser atingidas pelos alunos no final do 3º ciclo, constatamos que, muito embora estas abram a porta à mudança e à inovação, assumindo-se como veículos estruturantes que estimulam uma operacionalização transversal dos conteúdos das diferentes disciplinas e dos recursos existentes na biblioteca e ao dispor da escola, elas não conseguem responder aos desafios lançados pela sociedade.

Torna-se fundamental equacionar uma acção pedagógica centrada em metodologias activas, dinâmicas e construtivas do conhecimento, reforçando uma cultura escolar que deverá assentar na transversalidade, cooperação, autonomia, partilha e pesquisa

É neste âmbito que pretendemos reflectir sobre os três eixos fundamentais da acção pedagógica: biblioteca escolar, pesquisa escolar e recursos, com especial ênfase na Internet, tendo como vectores principais o aluno, o professor e os conteúdos.

Neste contexto, o estudo que nos propomos realizar tem os seguintes objectivos gerais:

- Reflectir sobre o contributo das Bibliotecas Escolares para a construção do conhecimento, no contexto do uso dos novos recursos de informação, como a Internet;

-Dotar a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Aquilino Ribeiro de Vila Nova de Paiva de um instrumento de análise útil, para o posterior desenvolvimento de estratégias de promoção e apoio ao uso da Internet, à aprendizagem autónoma e à produção de novo conhecimento por parte dos alunos.

Com o desenrolar deste estudo, pretendemos encontrar resposta para a seguinte questão: Que papel desempenha a biblioteca escolar no acesso aos recursos educativos?

Este trabalho de investigação está organizado em duas partes distintas mas complementares. A primeira parte é constituída por três capítulos, onde se faz o enquadramento teórico da temática a investigar.

No primeiro capítulo, fazemos uma abordagem geral da sociedade da informação e da Escola no século XXI.

No segundo capítulo, analisamos a actual situação das bibliotecas escolares, sua integração e valorização no actual contexto educativo.

No terceiro capítulo, descrevemos e acentuamos a importância da pesquisa escolar, realçando o papel dos recursos educativos para a construção do conhecimento, destacando um em especial: a Internet.

A segunda parte contempla a investigação empírica, ao longo de três capítulos.

Assim, no quarto capítulo enunciamos as hipóteses, as variáveis, caracterizamos a amostra e descrevemos a maneira como conduzimos a investigação.

No quinto capítulo, procedemos à apresentação dos dados descritivos e das hipóteses formuladas.

No sexto capítulo, fazemos a discussão e análise dos resultados obtidos, e sintetizamos as principais conclusões do estudo em causa.

Seguidamente, concluímos com as principais ilações retiradas da pesquisa e apresentamos a bibliografia constituída por todos os autores consultados e referidos ao longo do trabalho e por outros autores que, embora não referenciados, foram importantes para a concepção do mesmo. A bibliografia está organizada de acordo com as Normas de publicação da American Psychological Association (APA).

Efectuámos uma análise bibliométrica, cujos resultados apresentamos em seguida. De acordo com Rostaing (1997) a bibliometria é entendida como a

aplicação dos métodos estatísticos ou matemáticos sobre o conjunto de referências bibliográficas. Assim, procedemos ao registo quantitativo do conhecimento adquirido no quadro teórico e no quadro empírico do nosso estudo.

No Quadro 1, observa-se a análise bibliométrica do presente trabalho. No que diz respeito às Ciências da Educação, evidenciam-se 23% de autores com referências neste domínio; 9% das referências direccionam-se para a temática da Metodologia da Investigação; 26% situam-se ao nível das Ciências da Informação e da Documentação; 16% enquadram-se nas Ciências da Informática e 17% na Sociologia. São referenciados 10 documentos legais.

**Quadro 1 – Análise bibliométrica**

<b>Análise bibliométrica</b>	<b>N</b>	<b>%</b>
Ciências da Educação	25	23%
Metodologia da Investigação	10	9%
Ciências da Informação e da Documentação	28	26%
Informática	17	16%
Sociologia	18	17%
Documentos Oficiais	10	9%
Total	108	100%

Este estudo foi aplicado aos alunos do 3º ciclo da Escola Básica dos 2º e 3º ciclos Aquilino Ribeiro e aos professores do mesmo estabelecimento de ensino, onde a autora do presente trabalho acumula a docência com o cargo de coordenadora da biblioteca escolar.

Os dados obtidos foram analisados e interpretados de acordo com as técnicas e estratégias metodológicas adequadas, tendo sido feito o tratamento estatístico através dos programas Microsoft Excel e S.P.S.S. 13.0 (*Statistic Package for Social Sciences*).

## **PARTE 1 – ESTUDO TEÓRICO**

---

### **CAPÍTULO 1**

A Sociedade da Informação e a Escola no século XXI

### **CAPÍTULO 2**

A Integração e Valorização da Biblioteca Escolar na Escola

### **CAPÍTULO 3**

A Construção do Conhecimento na Escola

## **CAPÍTULO 1. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A ESCOLA NO SÉC. XXI**

“Num mundo tão marcado pela violência, pela agitação social mas também pelo progresso tecnológico e científico, impõe-se repensar as finalidades e os meios da educação”

Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional Sobre Educação para o séc. XXI

### **Introdução**

A actual sociedade está intimamente ligada à informação e às novas tecnologias. A acumulação de informação, a velocidade de transmissão, a superação das limitações espaciais são, entre outros, alguns dos elementos que explicam a mudança que ocorre continuamente.

Ao tentarmos perceber e analisar o mundo actual, não nos podemos alhear das mudanças profundas que esta realidade implica, nomeadamente ao nível cultural e educativo, perspectivando-a num enquadramento macrosociológico.

A utilização que fazemos da informação constitui um desafio para todas as sociedades actuais, na medida em que a capacidade individual de aceder e tratar a informação pode ser determinante para a sua integração social, onde a educação desempenha um papel determinante.

Tal como refere o *Livro Verde para a Sociedade da Informação (1997)*,

“Na sociedade moderna, o conhecimento é um bem de valor inestimável, pelo que é necessário promover mecanismos que contribuam para a sua consolidação e difusão. Aceder à informação disponível constituirá uma necessidade básica para os cidadãos e compete às diversas entidades garantir que esse acesso se efectue de forma eficaz e numa base equitativa” (p.37).

É neste âmbito que se enquadra o primeiro capítulo deste trabalho, onde abordamos a questão da educação no actual contexto social, à luz da perspectiva de alguns autores conceituados nesta área. Esta abordagem releva ainda da convicção de que, num mundo onde a informação é uma das mais importantes *mercadorias*, a escola tem o dever de preparar os alunos para o

manuseamento correcto da informação, em prol do conhecimento, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos em contínua aprendizagem, capazes de exercerem com direito a cidadania e de se realizarem pessoal, profissional e socialmente.

## 1.1. A SOCIEDADE DA INFORMAÇÃO E A ESCOLA NO SÉC. XXI

A Educação encontra-se numa fase crítica de viragem do século, em que as transformações tecnológicas e o processo de globalização<sup>1</sup> exigem que se redefina um novo sistema educativo, capaz de poder responder aos desafios da sociedade em que se integra.

Os últimos anos do séc. XX ficaram marcados pela discussão em torno da qualidade na educação, assistindo-se hoje a uma verdadeira revolução educativa.

Actualmente, falar de Educação é falar de um novo paradigma educacional, afastando-nos daquele que tradicionalmente nos servia de referência; o novo paradigma resulta, segundo Kuhn (1962), “de vários e anteriores paradigmas”. Vários factores – também designados por “choques motores” (*Comissão Europeia, 1995*) da nossa época – provocaram estas mudanças, entre eles o desenvolvimento das tecnologias de informação, o progresso provocado por várias descobertas científicas e técnicas e a mundialização da economia.

O desafio da mudança na educação impõe-se, exigindo novas posturas e adaptações. Estamos perante uma sociedade que exige de todos novas habilidades e formações. Conforme Moran (1995)

“Estamos numa etapa de grandes mudanças na transição para a Sociedade da Informação, que afecta também a Educação. Temos que repensar seriamente os modelos aprendidos até agora. Ensinar e aprender é um desafio que até agora não foi enfrentado com

---

<sup>1</sup> Em consequência do fenómeno da globalização, “as identificações nacionais perdem parte do seu poder e tornam-se menos relevantes para o processo de construção de identidades” (*Moreira e Macedo, 2002, p.17*).

profundidade (...) as tecnologias de informação e comunicação colocam em causa o conceito tradicional de sala de aula, de ensino e de organização dos procedimentos educacionais”.

Esta situação implica, igualmente, uma percepção de que

“é preciso educar para uma cidadania global que ensine a viver na mudança e que não queira controlá-la. Compreendendo, assim, que é impossível desacelerar o mundo, procurando adaptar-se a nossa forma de educar às rápidas mudanças presentes no mundo” (Moraes, 2004). Assim, a educação, quer através dos *Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* apontados por Edgar Morin (2000), quer através das *Dez Novas Competências para Ensinar*, defendidas por Perrenoud (2000), uns e outros, alunos e professores, ensino e aprendizagem, devem “construir em comunhão o conhecimento, mediatizados pelo mundo” (Freire, 1997).

Não é nossa intenção entrar nesta importante área do conhecimento humano que são as Ciências da Educação, porque tão complexa e profunda, nem analisar as várias teorias educacionais, tão bem descritas por Yves Bertrand (1994), mas julgamos ser importante que, como docentes com responsabilidades nesta matéria, estas questões nos mereçam reflexão, discussão e investigação.

Já António Nóvoa (1995), referia que “o que o mundo escolar mais precisa é de bom senso e sentido de responsabilidade”. Consideramos, pois, que investigar nesta área não é uma moda, mas sim uma necessidade decorrente do contexto sócio-cultural contemporâneo em que nos inserimos.

Pinto enfatiza esta ideia quando afirma:

“Aceitando as implicações decorrentes do modelo de Landsheere, baseado em E. Tylor (Landsheere, 1976), em que se afirma a dupla contribuição da escola, por um lado, na convergência entre cultura actual e cultura passada e, por outro, preparando uma cultura nova, percebe-se, olhando à nossa volta, que, neste dealbar do séc. XXI, mais do que os elementos estruturantes de cada modelo cultural, são as implicações das formas como os procedimentos comunicacionais se desenvolvem que estruturam essa cultura nova de que falam os teóricos” (Pinto, 2002, p.111).

Na verdade, foram os sistemas de informação que trouxeram à sociedade esta cultura nova, ou como refere o mesmo autor “ as construções do futuro estão assentes nas grandes descobertas de um passado recente” (Idem, p. 114).

Quando falamos de educação situamo-nos num plano abrangente, referimo-nos à escola do futuro. É o fim de uma visão restrita da Educação,

delimitada pela sala de aula e por um professor, complementando-se estes por uma aprendizagem que ocorre não apenas num local geograficamente chamado “escola”, mas que é uma forma de ser e estar permanente<sup>2</sup> individual, de investimento na aquisição de novos conhecimentos.

Neste sentido, prevendo o actual quadro social e educativo Toffler, diz

“ Os nossos sistemas de educação de massas tornaram-se em larga medida obsoletos (...), a educação exigirá uma proliferação de novos canais e um enorme aumento de diversidade dos programas. Um sistema rico em escolha terá de substituir o pobre, a fim de que as escolas possam preparar as pessoas para uma vida decente na nova sociedade da Terceira Vaga (...), no séc. XXI nenhuma economia poderá funcionar sem uma infra-estrutura electrónica também ela do séc. XXI, envolvendo computadores, comunicação de dados e os outros media. Isto exige uma população tão familiarizada com essa infra-estrutura informacional como o foi com automóveis, estradas, auto-estradas, comboios e a infra-estrutura de transporte do período fabril” (Toffler, 1990).

O sociólogo Castells defende mesmo que a sociedade da informação dos nossos dias representa uma ruptura com a sociedade industrial e mecânica que a precedeu, como a revolução industrial relativamente à sociedade agrária. Este investigador entende que a economia depende das tecnologias, afirma mesmo que “ a tecnologia digital e a Internet são o equivalente ao que foi a electricidade na sociedade industrial” (Castells, 1999).

A escola, ao sofrer a influência das Tecnologias da Informação e Comunicação (TIC), está a contribuir para o crescimento de uma “*net generation*”, embora o esforço encetado pelas partes vivas da escola, especialmente pelos professores, seja considerável ao ponto de não podermos falar de um choque geracional propriamente dito. Todos nós estamos integrados na sociedade do conhecimento, este entendido como uma construção decorrente das interacções do homem com o meio, cabendo à escola responder aos desafios da mudança. O mundo para o qual a educação e a escola preparam os jovens é aquele em que “ o conhecimento actua sobre o conhecimento num círculo virtuoso” (Castells, 1999).

Esta é a actual realidade de uma sociedade envolta pelas novas tecnologias, afirmando este autor que ficarão em desvantagem aquelas sociedades que não acompanharem a revolução informacional. Acompanhando

---

<sup>2</sup> A formação ao longo da vida está preconizada no *Livro Verde para a Sociedade da Informação em Portugal*, 1997, p.58.

o ponto de vista deste sociólogo, caso não sejam tomadas medidas adequadas, no campo educativo, o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação poderão, inclusive, provocar danos ao criar novas clivagens sociais, uma vez que nem todos têm competências e qualificações no domínio da gestão da informação.

Daí que o grande desafio actual da educação está na sua adaptação às grandes mutações sociais, culturais e económicas, é conseguir acompanhá-las num percurso vertiginoso, quase mesmo fulminante. Por um lado, assistimos à inclusão, com a educação de massas, mas por outro lado, apela-se à competitividade, ao controlo dos resultados, o que por si só já é selectivo<sup>3</sup> – “é a ameaça da chamada info-exclusão” (Pessanha, 2004, p.10).

Parte-se do pressuposto que é necessário dar-se um salto mortal pois que “as economias transitaram de lógicas industriais para lógicas do saber (...) pretendendo-se que a construção do saber possa ser uma actividade social plenamente integrada” (Castells, 2003)<sup>4</sup>.

Este autor introduz uma alternativa aos estabelecimentos de ensino formais, nomeadamente “outros canais de aprendizagem”: a auto-educação e a educação à distância ao longo da vida. No entanto, realça que apesar disto, a escola e o professor são indispensáveis e vitais no xadrez educativo, pois que segundo ele

“quanto mais tecnológica é uma sociedade, mais ela necessita de compensações ao nível dos valores humanos e da afectividade (...), esta é a função chave de uma escola reinventada – estruturar um mundo de diversidades, fornecer contextos e saberes de base para uma autonomia de sucesso nesse mundo” (Idem).

---

<sup>3</sup> Perante esta situação, citamos Delors (2001, p.35): “as informações mais rigorosas e mais actualizadas podem ser postas ao dispor de quem quer que seja, em qualquer parte do mundo (...) Não nos podemos esquecer, contudo, que numerosas populações carenciadas vivem ainda afastadas desta evolução”.

<sup>4</sup> Segundo Marques (1998, p.21) é necessário evoluir para expressões mais sérias e eficazes de exercício da “democracia electrónica” (cit. por Pessanha, 2004, p.11).

## 1.2. NOVOS PAPÉIS DA ESCOLA

Estabelecendo uma relação dicotómica, na escola tradicional, a aprendizagem faz-se “ouvindo” e nesta escola, que o mesmo designa de *reinventada*, faz-se “fazendo” – é a construção do saber resultante de uma interajuda, mas também de uma percepção do mundo que nos rodeia. A escola será a referência num quadro cognitivo sobrecarregado de informação, onde o professor é o filtro selectivo, como refere Castells (1999). A educação tradicional compartimenta o saber, a escola actual oferece contextos. Então, a mistura destes ingredientes – o saber, ou seja os conteúdos e os contextos em que eles se operam são fundamentais. Prossegue o mesmo autor,

“O grande desafio já não é o de preparar os professores para usarem as tecnologias da informação nas suas disciplinas, mas o de manter uma reflexão interdisciplinar e permanentemente renovada acerca dos modos como enfrentar as oportunidades e as ameaças de uma sociedade da informação”.

As TIC colocam, assim, imensos desafios, exigindo uma reorganização do sistema educativo, o que implica um novo papel do professor no cenário pedagógico-didáctico.

Se a escola tradicional debita informação para um público passivo, já a escola actual exige um trabalho de projecto com intervenientes activos, críticos e dinâmicos. O cerne não está nas ferramentas, mas sim no desenvolvimento curricular.

O mais importante “ não é aprender conhecimentos, mas sim a aprender a conhecer, não aprender pensamentos, mas aprender a pensar, não aprender investigações, mas aprender a investigar, não aprender modos de ser, mas aprender a ser” (Dias, cit. por Morgado, 2001, p.45), cabendo ao professor desempenhar também outros papéis mais consecutâneos com a sociedade actual.

### 1.3. A TRANSFORMAÇÃO DOS PARADIGMAS EDUCACIONAIS

“ A paradigm is (...) a constellation of concepts, values, perceptions and practices shared by a community which forms a particular vision of reality that is the basis of the way a community organises itself”.  
(Kuhn, 1962)

É um dado adquirido que a sociedade do séc. XXI está em permanente mutação. Acontecimentos mundiais – o desenvolvimento e conseqüente globalização das TIC, a mundialização da economia e as descobertas técnicas e científicas trouxeram ventos de mudança, provocando a ruptura de modelos sociais instituídos e contribuindo para aquilo que muitos sociólogos apelidam de paradigma emergente. Trata-se, basicamente, do deslocamento do método das ciências sociais para as humanidades no final do séc. XX (Santos, 1996) e do surgimento da sociedade da informação. Este fenómeno provocou novas formas de estar e de ser, onde se produz, armazena e distribui informação em vez de energia e petróleo.

Assistimos, como diz Fernandes (2000) a uma “deslocação do centro nevrálgico da vida em sociedade<sup>5</sup>”.

Constata-se que, agora, já não vigoram organizações estruturadas segundo modelos taylorianos, em que as tarefas se sequenciam segundo uma pirâmide, pois agora “falamos de células, de organismos, de tecidos e de sistemas” (Pinto, 2001, p. 45).

Na sociedade do conhecimento, o principal recurso não são os recursos naturais, mas sim as pessoas e o conhecimento que elas têm.

---

<sup>5</sup> Segundo a perspectiva de Maria João Rodrigues “Hoje, no que respeita às empresas fala-se muito na empresa que aprende, na organização que aprende, aquilo a que os ingleses chamam as “learning organisations”. Trata-se de perceber que a empresa tem sucesso na medida em que consiga tirar partido em tempo certo da informação que está disponível, consiga criar a partir daí e lançar para o mercado produtos e serviços que correspondam a novas necessidades não cobertas. Pois bem, de certo modo esse mesmo movimento deve ser vivido dentro da escola, porque as escolas, hoje, têm que ser organizações que aprendem para poderem ensinar melhor. As escolas hoje têm que tirar partido das redes de transmissão de conhecimentos, de informação, na qual elas estão inseridas” (Rodrigues, 1999, p.71).

No seu livro “A Terceira Vaga”, Alvin Toffler (1995), divide a organização social em três movimentos paradigmáticos, a que ele denomina de “vagas”. A primeira correspondeu a um período caracterizado basicamente por sociedades agrárias; a segunda “vaga” foi desencadeada fundamentalmente pela Revolução Industrial, a qual ainda predomina em muitos sectores da sociedade, porque nela nascemos e, em grande parte, ainda continuamos a viver nela. Quanto à educação, ela adquire marcas de passividade e de mecanicidade. É a acumulação da informação e da sua reprodução; a terceira fase desencadeou-se com a Revolução do Conhecimento, cuja principal inovação reside no conhecimento e não na mera informação<sup>6</sup>.

As competências que se valorizam, no século XXI, prendem-se com a tecnologia da informação: ter acesso à informação, ser capaz de qualificá-la para os fins exactos (transformá-la em conhecimento) e conseguir produzir uma nova informação. Neste contexto, Jacques Delors (2001, p.89) refere que não basta ser detentor de conhecimento circunscrito a uma área ou tempo, mas é necessário actualizar, aprofundar, enriquecer esses mesmos conhecimentos, adaptando-nos a um mundo em mudança; tal exige de todos um esforço, uma consciência, pois reconhecemos, tal como Souza (1996), que “é difícil despirmo-nos de velhos conceitos, velhas linguagens, dos paradigmas passados, quando eles são ainda naturalizados como uma parte de nós mesmos. É arrancar a própria carne”.

Ora, os modelos educativos também sofreram modificações de forma e de fundo, pois construir conhecimento e não apenas transmitir informação é a grande prioridade: falamos igualmente de um novo paradigma educativo, cuja responsabilidade se deve também e sobretudo às TIC e sua repercussão ao nível das metodologias e dos objectivos educacionais.

Dizemos que a sociedade do séc. XXI é uma sociedade global, em mudança. Ao nível educativo, alguma coisa está a mudar; no entanto, ainda estamos numa fase que poderíamos apelidar de teórica e de enquadramento

---

<sup>6</sup> Vários termos são usados para nos referirmos a este momento: “sociedade da informação”, “sociedade do conhecimento”, “sociedade emergente”, “sociedade da aprendizagem”. Não fazemos a respectiva distinção por entendermos não se contextualizar no actual texto.

conceptual, ou de reforma, e talvez por isso ainda não se valorize quanto se deveria as TIC e os recursos educativos no processo do ensino-aprendizagem.

Teremos de percorrer um caminho que passará necessariamente por maior e permanente formação/informação e pelo reconhecimento da mais-valia que a educação traz à sociedade. De facto, a sociedade está a mudar, a escola está em transformação e o interesse pela pedagogia cresce ao nível das Ciências Sociais<sup>7</sup>.

Outras preocupações surgem igualmente, como a de Habermas, que já em 1984 contrapunha à racionalidade instrumental a racionalidade comunicativa, valorizando a componente afectiva em todas as relações. Defende-se que “é tempo de pôr o coração na aprendizagem, ensino e liderança” (Hargreaves, 1998, p.331) e saber dosear as práticas educativas com vista a uma correcta formação de jovens. Boaventura de Sousa Santos descreve muito bem os tempos do hoje:

“há um desassossego no ar. Temos a sensação de estar na orla do tempo, entre um presente quase a terminar e um futuro que ainda não nasceu”, mas “o desassossego que experienciamos nada tem a ver com lógicas de calendário. Não é o calendário que nos empurra para a orla do tempo, é sim a desorientação dos mapas cognitivos, interaccionais e sociais em que até agora temos confiado” (Santos, p.108).

Vivemos, pois, numa sociedade intervalar, uma sociedade de “transição paradigmática” (Nogueira, 2001, p.109). Assiste-se, hoje, a uma verdadeira “revolução”, que nos coloca grandes desafios, alterando comportamentos e estilos de vida em sociedade, pelo que poderíamos mesmo dizer que estamos perante um novo paradigma civilizacional.

Situando-nos no tempo presente, em que o paradigma tradicional coabita com o paradigma actual ou emergente, uma realidade desponta: o conhecimento constrói-se, exigindo novas posturas, novos métodos, novos materiais didácticos, que culmina num processo do ensino-aprendizagem diferente. Uma nova mentalidade surge – por parte dos alunos, o *erro*, este

---

<sup>7</sup> Na verdade, hoje, e pelo menos ao nível retórico (que não nas práticas), é uma afirmação do «senso comum» considerar que o sistema e as escolas não mudam através das reformas. Como costume dizer, nestes últimos anos, no domínio da educação, passou-se do «mito da reforma à reforma do mito» (...) É caso para dizer que, apesar das reformas terem sido feitas para mudar as escolas, na prática, o que aconteceu, é que foram as escolas que acabaram por mudar as reformas” (Barroso, 1999, p.81).

adquire nova conotação, na medida em que ele é condição de novas aprendizagens; por parte dos professores, o *não sei* deixa de ser entendido como incompetência, até porque, na Era da Informação, é impossível saber-se tudo. Importante será adoptar uma atitude de pesquisa e abertura perante a informação.

Propomos alguns elementos de comparação entre o que chamaríamos de “velho” e “o novo”, numa prática pedagógica, onde a biblioteca desempenha um importante papel e faz a diferença.

**Quadro 2 – A Escola – Paradigmas da escola<sup>8</sup>**

A Escola – Paradigmas da escola	
Paradigma da Era Industrial	Paradigma do Séc. XXI
Lugar e Tempo Salas de aula fechadas	Salas abertas, multiuso e outros espaços de aprendizagem
O lugar da educação é a escola	A educação tem lugar em vários espaços: escola, casa, emprego, organizações culturais ou outras
Turmas isoladas	Turmas usam regularmente as TIC para comunicarem
Tempos rígidos	Horários flexíveis
Escola aberta a professores e alunos	Escola aberta à comunidade
Tecnologias instaladas na escola	Acesso remoto
Estudantes como consumidores de informação	Estudantes como produtores de conhecimento e media
Alunos isolados	Alunos colaborantes
Estilos de aprendizagem estandardizados	Diversos estilos de aprendizagem
Professores Competências baseadas fundamentalmente nos conteúdos e no ensino presencial	Professores Competências baseadas em conteúdos e processos de aprendizagem que incluem as TIC
Desenvolvimento de competências principalmente no período de formação inicial de professores	A formação faz-se ao longo da vida
Os professores são a base do ensino	A comunidade contribui com conhecimento, apoio e experiência
Os professores trabalham sozinhos	Os professores trabalham em equipa e com técnicos de educação e outros especialistas

<sup>8</sup> Commonwealth of Australia. Department of Education, Training and youth Affairs. Startegie Analysis: improving teaching and learning in Australian school education trough the use of information and communications technhnologies. Prep. By Life Long Learning Associates Pty Ltd. Australia:CC, 1999, P.14 (traduzido pelo Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares).

Conteúdos e Processos curriculares Ênfase nos conteúdos do currículo e nos “inputs”	Ênfase nos processos de aprendizagem e nos resultados
Conteúdos do currículo determinados pelo professor	Conteúdos e resultados a atingir negociados entre professores e alunos
O currículo descontextualizado	Currículo determinado pelo contexto com o qual se relaciona
Predominância da abordagem disciplinar dos conteúdos	Abordagem interdisciplinar dos conteúdos
Aprendizagem passiva	Aprendizagem activa baseada na resolução de problemas
Estratégia única de aprendizagem	Estratégias de aprendizagem múltiplas
Processo de avaliação estandardizado	Processos de avaliação individualizados
Media na Aprendizagem Utilização de um único media na aprendizagem	Utilização dos multimédia na aprendizagem
Tecnologias de informação localizadas em laboratórios	Tecnologias de informação presentes nas salas de aulas, biblioteca e espaços de aprendizagem
TIC constituem uma área específica de actividades e aquisição de competências	TIC integradas em todas as áreas do currículo

Compete aos profissionais da Educação conseguir acompanhar as mudanças do presente, em nome de um futuro que é manifestamente diferente do passado.

Conforme Carneiro

“ As instituições educacionais – que sempre tomaram como matéria-prima o conhecimento – têm a oportunidade de se recentrarem e de ocuparem o lugar nuclear que foram perdendo nas sociedades contemporâneas; os centros educativos podem – devem – ser as alavancas do paradigma da aprendizagem ao longo da vida” (Carneiro, 2006), o que pressupõe restaurar uma cultura de confiança, de credibilidade na escola e nos seus actores, um sistema desmotivado, em nome da mudança indispensável ao desenvolvimento do país<sup>9</sup>

Concluiríamos que torna-se urgente tomarmos uma atitude e não nos deixarmos presos àquilo que Souza (1998) chama de “paralisia paradigmática”:

<sup>9</sup> O Conselho Europeu de Estocolmo (23-24 de Março de 2001) fixou os três grandes desafios dos sistemas educativos europeus até 2010 para cumprir o desígnio da Cimeira de Lisboa: aumentar a qualidade e a eficácia dos sistemas de educação e formação na União Europeia, facilitar o acesso de todos aos sistemas de educação e formação, abrir os sistemas de educação e formação ao resto do mundo.

estar insatisfeito com a educação do passado, mas recear errar com medo do futuro.

#### 1.4. O CONTEXTO EDUCATIVO PORTUGUÊS

“Não existe sociedade que possa gerar conhecimento  
se não há um bom sistema de educação”  
Castells (1999)

Portugal é um dos países da União Europeia, cujos indicadores nacionais e internacionais revelam níveis de educação e de formação da população bastante inferiores aos dos outros países europeus<sup>10</sup>.

Creemos que o *déficit* educativo português está relacionado, em grande parte, com o regime autoritário que vigorou entre 1926 e 1974, e que considerava a educação e a cultura um “perigo” para o povo. Foi, sem dúvida, meio século de pouco investimento ao nível da educação.

Após 1974, desenvolveram-se políticas de democratização do acesso à educação e de aumento da escolaridade obrigatória, acções de alfabetização e de educação de adultos, bem como medidas centradas nas estruturas organizativas das escolas.

Em 1986 eclodiram mudanças ao nível do sistema educativo com a publicação da Lei nº 46/86, de 14 de Outubro (*Lei de Bases do Sistema Educativo*), tornando-se num documento de referência para a elaboração de subsequentes políticas educativas. Neste documento são definidos os objectivos da escolaridade básica, contemplando três dimensões: a dimensão pessoal da formação (domínio do Ser), a das aquisições básicas e intelectuais (domínio do Saber e do Saber Fazer) e a dimensão para a cidadania (domínio do Ser Social). Emerge um novo conceito de escola, uma outra organização, uma outra cultura, uma outra relação.

---

<sup>10</sup> David Justino, ex-Ministro da Educação, afirma que o sistema educativo português “não está apto para ensinar e formar os alunos enquanto cidadãos apetrechados para vencer os desafios da globalização”, quando comparado com o desempenho de outros países, nos estudos realizados pela OCDE e pela União Europeia; tal situação “vai remeter Portugal para uma posição cada vez mais periférica, caso não se crie no país mais eficácia e celeridade”. Artigo intitulado “A mudança para a qualidade”, in: Diário de Notícias Ensino, 5 de Julho de 2002, p.24 (cit. Por Pessanha, 2004, p.17).

Este documento prevê um sistema de ensino dotado de estruturas administrativas de âmbito nacional, simultaneamente dotado de estruturas regionais e locais, assegurando a interligação com a comunidade, e garantindo níveis de participação de toda a comunidade educativa<sup>11</sup>.

Um passo gigante foi dado com o Processo de Reflexão Participada sobre os Currículos do Ensino Básico em 1996/97<sup>12</sup> e o lançamento do Projecto de Gestão Flexível do Currículo em 1997/98. Esta medida foi mais uma “expressão de um movimento de civilização...uma consequência da evolução das mentalidades, do desenvolvimento de novas exigências sociais, do aparecimento de novas técnicas”, citando Hassenforder (1972), a propósito do surgimento de inovações educativas.

O contributo dado pela expansão das tecnologias de informação e comunicação foi determinante para a adopção de novas posturas pedagógico-didácticas e consequente valorização dos recursos educativos<sup>13</sup>. Assistiu-se, então, a uma alteração da estrutura curricular e organizacional da escola, entendendo-se esta como “o campo organizacional de produção da aprendizagem” (Barroso, 1999).

Com o Decreto-Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio, as escolas passaram a estar dotadas de autonomia, privilegiando-se a diferenciação pedagógica e a flexibilização curricular, nomeadamente através de um Projecto Curricular de Escola próprio. Aposta-se, a partir daí, em metodologias que favoreçam a

---

<sup>11</sup> Segundo Barroso (1999, p. 90) “É preciso passar da lógica, da norma e da regra, à lógica da negociação e do acordo. O grande desafio que se coloca à autonomia da escola, não é a constituição dos órgãos, com estes ou aqueles parceiros. O grande desafio da autonomia é a capacidade de criar na escola instâncias de regulação das diferenças, de interesses e pontos de vista, entre alunos, entre professores, entre pais e entre outros elementos do meio social local.

<sup>12</sup> Para Gonçalves (2001, p.149), a Reflexão Participada sobre os Currículos do Ensino Básico, “visava a determinação consensual, e activamente participada por todos os professores e escolas, do que devem ser as aprendizagens nucleares ao nível da escolaridade básica, de modo a promover, pela via dos conhecimentos, do desenvolvimento pessoal, do trabalho consciente e organização, e das experiências de vida, um conjunto de competências que se julga que todo o cidadão, pessoa autónoma e livre, e membro da sociedade do nosso tempo, deve possuir”.

<sup>13</sup> “Finalmente, é preciso passar da lógica do consumo de recursos à lógica da produção e distribuição de recursos” (Barroso, 1997, p.90).

aprendizagem investigativa, colaborativa e crítica, conducentes à construção do conhecimento (Alonso, 1994, p.19).

Esta vertente cimentou-se com a influência e adopção das TIC em contexto escolar.

Surge um novo paradigma: o da educação e formação ao longo da vida, despontando a sociedade educativa. É uma nova visão da escola e da comunidade educativa. A educação deixa de ser um momento na vida das pessoas, para passar a ser um desafio permanente, uma vez que, actualmente, o desenvolvimento social e económico deixou de ser aferido apenas pela evolução dos recursos materiais, para passar a depender da capacidade de aprender mais e melhor, ou seja valoriza-se cada vez mais o *capital cultural*.

É neste contexto que falamos hoje da educação para todos ao longo da vida. Mas, para tal e seguindo a sugestão da *Comissão Delors da UNESCO* é necessário rentabilizar melhor os recursos disponíveis, com vista a uma melhor eficácia na aprendizagem. Tem de se ultrapassar os “quatro uns” – um professor, uma disciplina, uma hora, uma sala de aula, como resposta à modernização e inovação dos tempos que correm, tentando recuperar o atraso educativo estrutural que ainda nos caracteriza.

Foi nesta perspectiva que o *Conselho Europeu de Lisboa, em 2000*, pôs a sua tónica na valorização dos recursos humanos, no reforço dos conhecimentos básicos essenciais, como o português, línguas estrangeiras, matemática e informática, no desenvolvimento de competências transversais, como por exemplo, de comunicação, pesquisa, raciocínio e resolução de problemas, e também a aposta nas novas qualificações e perfis profissionais necessários ao desenvolvimento competitivo.

Assim, a educação torna-se sinónimo de desenvolvimento e vice-versa, deixando a educação e a escola de ser estruturas centradas e fechadas em si próprias, arrastadas pela globalização. Os avanços científicos e técnicos conduzem-nos a novos saberes e a novos modos de pensar e agir, questionando-se a profissão de professor, pois a sociedade do conhecimento exige novas estratégias, porquanto o acto educativo está ao serviço da sociedade, a qual por sua vez exige uma formação permanente.

Em 2006, estabeleceram-se negociações e, após um período de debate público, foi aprovada a Alteração ao Estatuto da Carreira Docente, a qual introduz modificações no enquadramento funcional e estatutário da função docente, bem como ao nível organizativo e estrutural das escolas.

Apesar dos avanços registados, o atraso educativo não foi recuperado e o nosso país, no campo educativo, está ainda longe de ser aquilo que ambicionamos – em 1995, o primeiro estudo nacional de literacia<sup>14</sup> revelou que quase 80% da população entre os 15 e os 65 anos se situava nos níveis mais baixos de competências de leitura, escrita e cálculo. Este é um exemplo entre muitos outros, que demonstra evidente o processo de “actualização tardia da educação portuguesa”.

Numa análise abrangente, constatamos que a mudança impõe-se não só no plano da educação como ao nível da sociedade em geral. Hoje, a economia, a tecnologia e a cultura desviam-se do anterior padrão dominante, sendo a educação o seu reflexo.

Vive-se uma certa crispação quanto ao estado da educação - insucesso escolar, uniformização da acção pedagógica, ausência de políticas inovadoras, fraca articulação entre educação e formação profissional, e sobretudo falta de confiança na escola como bem público, capaz de dar o seu contributo para o crescimento económico e social.

A necessidade de criar novas estruturas (*Centros Educativos*), flexibilidade nos percursos dos alunos (dignificação do ensino tecnológico e profissionalizante), abertura da escola à comunidade são os desafios que a escola tem de enfrentar rumo à mudança e à modernidade, indo ao encontro do chamado “paradigma produtivo” (*INOFOR, 2002*).

A nossa perspectiva vai ao encontro do preconizado por Carneiro

---

<sup>14</sup> O Projecto Europeu no domínio da literacia foi encomendado pela Comissão Europeia, foi coordenado pelo Office for National Statistics, em Londres, e envolveu, além do Reino Unido, a França, a Suécia e Portugal. Os resultados encontram-se publicados no relatório *Measuring Adult Literacy. The International Adult Literacy Survey in the European Context* (Carey (ed.), 2000). A equipa portuguesa foi constituída por quatro investigadores do CIES – Centro de Investigação e Estudos de Sociologia: João Sebastião, Patrícia Ávila, Maria do Carmo Gomes e António Firmino da Costa. [on-line] <http://www.asp.pt/ivcong-actas/Acta>.

“o carácter livresco e tradicional do nosso ensino não facilita a conversão de conhecimento inerte em activo, nem o desenvolvimento de competências de resolução de problemas que ultrapassam a mera repetição de saberes memorizados” (Carneiro, 2000).

Nos últimos vinte e cinco anos grandes mudanças ocorreram no plano da educação em Portugal, envolvendo mesmo uma alteração do paradigma educacional, só que, por serem “invisíveis” e imediatas, não são tão reconhecidas, agravado ou não, pelo facto de termos necessidade de integrar a denominada “Sociedade do Conhecimento”.

Pensando no futuro, porque é a pensar no futuro que se vive o presente, vários autores, entre eles, Roberto Carneiro, elegem a educação como a grande prioridade política do séc. XXI, como forma de integração na “aldeia global” em que vivemos, abandonando a visão tradicional de *sozinhos e felizes à beira-mar plantados*. Efectivamente, Portugal tem de se adaptar às grandes mutações sociais, culturais e económicas que eclodiram com as novas tecnologias, sob pena de ficar excluída da família europeia.

No início do séc. XXI, a sociedade de informação e do conhecimento exigem um esforço de convergência educativa, capaz de dotar os cidadãos de competências, capacidades e níveis de literacia mais elevados. Estes objectivos gerais, definidos no *PRODEP III*, serão concretizados através de medidas, tais como: melhor qualidade da educação básica, formação inicial dos jovens, apostando-se na qualificação e empregabilidade dos jovens, aprendizagem ao longo da vida.

Só assim deixaremos o fatalismo do atraso, da periferia e da distância relativamente aos outros países europeus.

## **Síntese Conclusiva**

Concluiríamos que a perspectiva actual quanto à educação defende o paradigma da escola *reinventada*, onde a aprendizagem resulta de um esforço pessoal de construção do saber, num contexto de interacção social. Esta aprendizagem, porque permanente, constitui uma relação biunívoca entre

professores e alunos, onde a educação e não apenas a escolarização acontece.

A um nível mais específico e integrado, num mundo em que o saber e o poder estão cada vez mais interligados, o futuro da educação depende em grande parte da “capacidade de dotar as escolas com bibliotecas actualizadas” e de investir nas escolas um “currículo de habilidades de informação” (Calixto, 1996, p.124).<sup>15</sup>. Só assim a educação poderá desempenhar o seu verdadeiro papel no séc. XXI.

Cabe pois às escolas e às bibliotecas especificamente, a função essencial de criar e desenvolver nos alunos competências de informação para as exigências da sociedade actual, perspectivando e preparando o futuro. É preciso investir na educação, pois que ela é o capital mais precioso das sociedades, a alavanca do progresso pessoal e colectivo. As competências e os saberes adquiridos tornam-se obsoletos se não forem integrados numa aprendizagem existencial contínua, que vise a excelência pessoal e o progresso social.

Vivemos num mundo em constante mutação, cujos problemas não podem ser resolvidos na sua totalidade na escola, mas cabe-lhe um importante papel. Se considerarmos que “o conhecimento é a chave para o próximo milénio”, de acordo com as recomendações da União Europeia e da OCDE, de 1997, então a educação não pode ser um privilégio de uma elite, mas sim um direito de todos os elementos da sociedade. Esta perspectiva aponta para uma educação permanente, ao longo da vida<sup>16</sup>. Assim, todas estas vertentes – rapidez na mudança, crescente multiculturalidade e mobilidade sociais – aliadas à imprevisibilidade do futuro, colocam a Escola perante um enorme desafio, onde a qualidade da educação é muito importante. Este desafio, hoje, passa por uma nova realidade civilizacional e educativa, que leva Pinto a afirmar que “a evolução dos instrumentos de informação, muito mais do que o simples

---

<sup>15</sup> Mas para que tal objectivo se concretize será necessário que o Ministério de Educação proceda a uma valorização do papel dos coordenadores das bibliotecas escolares, dotando-os de formação especializada e de créditos horários suficientes.

<sup>16</sup> A educação permanente é recomendada por organizações internacionais, como a UNESCO, a OCDE e a União Europeia.

desenvolvimento da informática, provocou uma autêntica revolução silenciosa nos sistemas educativos através daquilo que eles têm de relevante, ou seja, os sujeitos de aprendizagem” (Pinto, 2002, p.9).

Ser professor, hoje, tem procedimentos, mecanismos e suportes completamente diferentes, porquanto a sua função é outra. Actualmente, ele é considerado um gestor de aprendizagens, de saberes autónomos alicerçados nos diversos suportes de onde retira a informação, ajudando o aluno a incorporá-la, a organizá-la e a estruturá-la. Só assim “é que a informação deixa de ser vazia e ganha *corpo*” (Idem, p.17). Assistimos, portanto, a uma reorientação da função educativa, decorrente das implicações que a informação e comunicação processam, levando-nos a falar de uma “cultura nova” (Landsheere, 1976).

É universalmente aceite que as TIC fazem parte do conteúdo mas também do contexto educativo em que se inserem, desempenhando funções didácticas e sociais (Skilbeck, 1998), uma vez que a sociedade exige cada vez mais das estruturas educacionais um determinado perfil, combinando competências tecnológicas da comunicação e informação com competências relacionais, imprescindíveis à construção do conhecimento.

Se queremos perceber o mundo actual, não podemos deixar de ter em conta as mudanças profundas que esta realidade implica, concretamente no campo educativo, mas sempre sob um enquadramento macro sociológico.

## CAPÍTULO 2. A INTEGRAÇÃO E VALORIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR NA ESCOLA

“A biblioteca é essencial ao cumprimento das metas e objectivos de aprendizagem da escola”.  
IASL (International Association of School Librarianship), 1993

### Introdução

#### Considera-se biblioteca escolar

“toda a unidade que, servindo os objectivos de informação, investigação, educação ou recreio, contenha documentos organizados – sejam impressos, audiovisuais, electrónicos ou outros – e disponha de pessoal com funções de organizar as condições de utilização da informação pretendida pelos utilizadores” (Rede Nacional de Bibliotecas Escolares).

Quando falamos de bibliotecas escolares não nos referimos apenas à sua função pedagógico-didáctica, mas à sua articulação com a Biblioteca Pública, entidades culturais, como museus, associações etnográficas e a própria comunidade, na descoberta, valorização e conservação das múltiplas facetas do património cultural<sup>17</sup>.

São muitas, mas invariavelmente distorcidas, as visões que se costuma ter de uma biblioteca. Já foi um lugar sagrado, onde se guardavam objectos também sagrados, para desfrute de alguns. Ora, numa óptica menos radical, era uma instituição burocratizada, que apenas servia para consulta e pesquisa de documentos, ou como local do encontro com o prazer de ler, conhecer, informar-se. Por vezes, ainda subsiste nas mentes mais *bolorentas*, dizer que as bibliotecas escolares são um recanto do castigo e de um conjunto de funcionários/professores doentes, grávidas ou que não querem fazer nada. Visão completamente distorcida, pelo facto da informação assumir um patamar de importância relevante e vital para toda a humanidade.

Sabemos, naturalmente, que algumas bibliotecas escolares estão ainda longe de cumprir a sua função no sistema educativo, precisando as

---

<sup>17</sup> “ Cada biblioteca deverá ser entendida como um Centro de Recursos multimédia de livre acesso, destinado à consulta e à produção em diferentes suportes. Deverá também tornar-se um centro de iniciativas, inseridas na vida pedagógica da escola e aberto à comunidade local”. (Veiga, 1996).

escolas de dispor de recursos e também visão necessária para acompanhar este desenvolvimento, fomentando a participação e intervenção necessárias ao seu desenvolvimento.

Embora ainda não completamente reconhecida, a biblioteca escolar tem funções fundamentais a desempenhar e que podem ser agrupadas em duas categorias – a educativa e a cultural.

Relativamente à função educativa, ela representa um reforço à acção do aluno e do professor. É com e pela biblioteca que o aluno desenvolve competências transversais, como a autonomia, o sentido crítico e reflexivo, hábitos e atitudes de manuseio, consulta e utilização de documentos em diversos suportes. A biblioteca funciona como um instrumento de auto-formação. Quanto ao professor, a biblioteca complementa as informações de que dispõe, oferecendo recursos variados, otimizando o seu desempenho e tornando-lhe possível a aplicação do princípio do “aprender a aprender”.

Na sua função cultural, a biblioteca escolar constitui um complemento da educação formal, ao oferecer múltiplas possibilidades de informação e, com isso, levar os seus utilizadores a ampliar os seus conhecimentos e as suas ideias, contribuindo para a sua formação.

Numa sociedade em constante mutação, as transformações no ensino são inevitáveis e, conseqüentemente na biblioteca escolar, impondo-lhe novos desafios e novas responsabilidades.

## 2.1. BREVE HISTÓRIA DA BIBLIOTECA ESCOLAR

“Independentemente de terem uma ou outra tipologia,  
o facto de contribuírem de forma decisiva para o combate  
a qualquer tipo de iliteracia confere-lhes uma importante função  
social”  
(B. Usherwood, 1999)

Recuando ao passado, a primeira biblioteca escolar digna de referência é a de Aristóteles, considerada por muitos como a mais importante. Efectivamente, Aristóteles, ao fundar o Liceu em Atenas, estabeleceu, pela primeira vez, uma íntima ligação entre a escola e a biblioteca. A sua intenção era agrupar os sábios e os alunos em prol da ciência. Posteriormente, foi fundado o Museu e a Biblioteca de Alexandria, cuja existência marcou a Antiguidade, dominou a Idade Média, o Renascimento e toda a modernidade. É de tal forma grande o fascínio e importância da Biblioteca de Alexandria que hoje, 2300 anos depois, foi inaugurada a Nova Biblioteca de Alexandria cuja reconstrução se deve à iniciativa do governo egípcio em colaboração com a *UNESCO*.

A civilização árabe destaca-se, posteriormente, pois foram constituídas numerosas bibliotecas. Mas, o que importa referir é que, nessa altura, todas elas eram acessíveis tanto a professores como a estudantes, podendo consultar livros ou mesmo requisitá-los.

Depois do séc. X, outras bibliotecas cresceram paralelamente às dos mosteiros e conventos. Primeiro nas escolas catedrais e, a partir do séc. XII, nas várias universidades que se constituíram na Europa.

O Renascimento deu também importante contributo neste domínio. No séc. XVI, com a descoberta da imprensa, deu-se outro passo gigante, pois tal possibilitou a produção de livros em grandes quantidades e a preço mais reduzido. Com o incremento das bibliotecas nacionais, um pouco por todo o mundo, as bibliotecas escolares foram - se desenvolvendo também.

A partir dos anos cinquenta, instala-se a sociedade pós-industrial, que se “organiza em torno da informação e do conhecimento...que se torna necessário gerar e reproduzir e cujo acesso e utilização são factores decisivos na supremacia e desenvolvimento das sociedades” (Furtado, 2000, p.281).

Ainda no século XX, no final dos anos sessenta, interessados por bibliotecas escolares reúnem-se na Conferência Mundial de Assembleias de Profissionais de Educação, onde surgiu a criação de um *comité ad hoc* da Confederação Mundial dos Profissionais de Ensino (*WCOTP*) que, em 1971, se tornou na Associação Internacional de Biblioteconomia Escolar (*IASL*) como Membro internacional Associado da *WCOTP*, tendo trabalhado, durante bastante tempo, na produção de um documento sobre bibliotecas escolares e centros de recursos. Em 1993, surge, então, a Declaração Política sobre Bibliotecas Escolares (*cf. Anexo 2*).

Na mesma década, é publicado o Manifesto sobre Bibliotecas Escolares, preparado pela *IFLA (Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas)*, que é aprovado em 1999, pela *UNESCO*, na sua Conferência Geral. (*cf. Anexo 1*).

Também em Portugal, há entendimento sobre o papel das bibliotecas escolares como um “recurso fundamental de qualquer sistema educativo” (Calixto, 1996, p.83).

Assistimos a uma crescente importância das bibliotecas escolares com o aparecimento de estudos sobre literacia e competências de informação e comunicação – exemplo disto foi a realização do *I Encontro Nacional sobre Documentação e Informação na Escola*, em 1996, organizado pela *BAD (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas)*.

A sociedade pós-industrial é caracterizada pelo domínio da informação, e nela é fundamental que cada indivíduo seja “capaz de processar informação digitalizada, (...) capaz de pesquisar e seleccionar informação e, finalmente, ser capaz de difundir essa informação” (Alves, 1999, p.76), sob pena de se confrontar com uma nova forma de exclusão social, uma vez que não terá as mesmas oportunidades de acesso ao emprego, por exemplo. Será aquilo que se designa de “analfabeto funcional”, e cabe à escola e em particular à biblioteca escolar, contribuir para que tal não aconteça, proporcionando

“informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual...a biblioteca escolar desenvolve nos estudantes competências para a aprendizagem ao longo da vida e desenvolve a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis” (Manifesto da UNESCO sobre as Bibliotecas Escolares, 1999).

Neste âmbito, o papel das bibliotecas é determinante e importa que elas não estejam desfasadas da realidade, fazendo uso das tecnologias, uma vez que estas não são um fim em si, mas antes um meio ao serviço de um determinado fim, neste caso a educação.

O mundo mudou, a sociedade e os seus papéis/actores alteraram-se, o ensino modificou-se e, conseqüentemente, a biblioteca escolar também.

Se a biblioteca é um modelo do Universo, devemos transformá-la num universo à medida do homem e isso quer dizer:

“Alegre, com a possibilidade de se tomar um café, com a possibilidade de dois estudantes numa tarde se sentarem num maple e, não digo de se entregarem a um amplexo indecente, mas de consumirem parte do seu flirt na biblioteca, enquanto retiram ou voltam a pôr nas estantes alguns livros, isto é, uma biblioteca onde nos apeteça ir, e que se vá transformando gradualmente numa grande máquina de tempos livres”. (Eco, 2002, p.44)

Com o decorrer do tempo, o conceito de biblioteca tem vindo a sofrer grandes alterações, procurando responder à necessidade de conjugar informação e conhecimento. Procura-se, à semelhança dos países nórdicos, bibliotecas tipo “open space”, onde os “documentos são agrupados pelo seu valor, pelo seu conteúdo, pelo critério da informação e não pelo seu suporte físico” (Baganha, 2004).

## 2.2. AS BIBLIOTECAS ESCOLARES E O SISTEMA EDUCATIVO PORTUGUÊS

“Aprender a viver e a trabalhar em colaboração é  
Uma exigência ética e epistemológica da própria função  
pedagógica”  
(Gómez, 2004)

As bibliotecas surgem associadas às necessidades de mudança das práticas nas escolas, implicando novas posturas face ao entendimento sobre o que é ensinar e aprender. Redefine-se o conceito de “aprender a aprender”, o que pressupõe:

i) valorização dos processos de construção de saberes, enfatizando os processos de aprendizagem e não apenas os processos de ensino; ii) profusão quantitativa da informação disponível, a nível de vários suportes e linguagens, implicando a sua gestão e não apenas a sua retenção, através da pesquisa escolar; iii) novo paradigma – de sistema de repetição de informações passa-se para um sistema de produção de conhecimento.

Ou seja, a necessidade instrumental surge como apoio da necessidade pedagógica. O valor da biblioteca para a educação “está na medida em que uma e outra não podem existir dissociadas” (Back, 1981, p.12). Donde se poderá inferir a necessidade de equacionar a relação Escola /Aprender / Biblioteca e Conhecimento, uma rede interligada e dinâmica, apoiada num instrumento – a pesquisa escolar, um dos quatro pilares da Educação para o Séc. XXI da *UNESCO (United Educational, Scientific and Cultural Organization)*.

Segundo Bagno, ensinar a aprender não é apenas mostrar os caminhos, mas orientar o aluno, para que ele desenvolva um olhar crítico e lhe permita reconhecer o verdadeiro caminho que conduz às verdadeiras fontes de informação e conhecimento (Bagno, 2001, p.15).

Sendo opinião de vários investigadores, educar pressupõe valorizar o conhecimento enquanto fonte de pesquisa, esta alicerçada por diversos recursos, entre os quais, pela sua popularidade e extensão, destacamos a Internet, não esquecendo que a aventura do raciocínio, da reflexão e da crítica são indispensáveis. Sem isso, “ estaremos condenados a sair de um analfabetismo para outro, este muito mais grave, porque electrónico” (Niskier, 1993, p.303).

Pelo que já expusemos, as bibliotecas escolares apresentam-se como um recurso educativo privilegiado, fundamental para que o sistema educativo possa cumprir os seus objectivos.

Circunscrevendo a nossa reflexão ao período pós 25 de Abril, constatamos que as bibliotecas escolares não têm recebido a atenção merecida.

*A Lei de Bases do Sistema Educativo* – Lei nº 46/86, de 14 de Outubro, concretamente no cap. IV, art. 30, alínea e) e cap. V, alínea b) e f), menciona as bibliotecas e mediatecas escolares ao lado de outros recursos, como por exemplo, os manuais escolares ou os equipamentos laboratoriais e oficinas, no seu artigo 41, ponto dois, alínea b), referente aos recursos educativos:

São recursos educativos privilegiados, a exigirem especial atenção:

- Os manuais escolares;
- As bibliotecas e mediatecas escolares;
- Os equipamentos laboratoriais e oficinas;

- Os equipamentos para Educação Física e desportos;
- Os equipamentos para Educação Musical e plástica;
- Os centros regionais de recursos educativos.

Segundo Canário, este é um tratamento reducionista e hierárquico, por se equiparar “recursos educativos a recursos materiais” e por se colocar a biblioteca depois dos manuais escolares (1992, p.18). Também no artigo 30, relativo aos recursos humanos, não se aborda a necessidade de habilitações específicas para a gestão, organização e dinamização daquelas, não exigindo qualquer formação para os responsáveis pelas bibliotecas (Magalhães, 2000; Rodrigues, 2000).

Por sua vez, a Lei nº 19-A/87, de 3 de Julho refere a biblioteca escolar como um recurso a ser utilizado apenas no âmbito de “medidas de emergência sobre o ensino-aprendizagem da língua portuguesa”, continuando a não valorizar as bibliotecas escolares. Na verdade, os principais objectivos da última Reforma Educativa, a qual concebe a escola como um espaço de aprendizagem e de formação humana, integrador de saberes e valores, e não um lugar neutro, destinado, exclusivamente, ao ensino de conhecimentos não foram ainda interiorizados por muitos professores.

Pelo exposto, concluímos que “o nosso ensino não apela à Biblioteca. É um ensino que não põe em destaque a aprendizagem, mas assenta no saber feito...coloca-se em causa a construção do sucesso educativo” (Silva, 2002).

Se todos reconhecem que as bibliotecas escolares se apresentam como um elemento fundamental do sistema educativo deve haver

“da parte do Ministério da Educação a obrigação de regulamentar o papel das bibliotecas escolares e dotar as escolas de infra-estruturas materiais e humanas suficientes para que a formação de leitores faça parte do plano de actividades de todas as escolas” (Sequeira, 2000, p.12).

Foi de facto o que aconteceu com a aplicação do Decreto-Lei nº 286/89, de 29 de Agosto, através do qual são criados e desenvolvidos os centros de recursos educativos em Portugal.

Nos anos 90, assistimos a uma evolução do conceito de escola – alunos mais interventivos e autónomos, nomeadamente através da investigação e do desenvolvimento do espírito crítico, professores entendidos como gestores de saberes a adquirir pelos alunos, isto é menos gestores de

espaços de ensino e mais organizadores de espaços de aprendizagem. Ora, isso implica mudanças a vários níveis, nomeadamente na organização curricular, no tipo de metodologias empregues, na relação professor-aluno, na relação espaços escolares-sala de aula e finalmente na relação biblioteca-escola.

A biblioteca escolar passa, então, a ser considerada, embora teoricamente, parte integrante do processo educativo, sendo os seus objectivos essenciais ao desenvolvimento da literacia, das competências de informação, do processo do ensino-aprendizagem e da cultura.

No entanto, a legislação produzida acerca das bibliotecas escolares é manifestamente insuficiente, o que reflecte ainda a pouca importância que lhes é conferida. Devemos, apesar de tudo, destacar o Despacho Conjunto nº 43/ME/MC/95, de 29 de Dezembro, uma vez que lançou a Rede de Bibliotecas Escolares (*ver ponto 2.3.*).

Hoje, as bibliotecas estão em fase de grande reestruturação, talvez mesmo de re-invenção. Elas são consideradas um local privilegiado para o desenvolvimento de um conjunto de capacidades de actualização e manuseamento de informação – são as chamadas competências de informação. A biblioteca escolar é um centro de recursos multimédia de acesso livre, destinado à consulta e produção de informação em suportes variados. Resultados muito animadores foram apresentados, através de um estudo realizado com várias bibliotecas escolares, na Suécia, pelos investigadores Barrett e Akerberg (1999), cujo objectivo era saber até que ponto as TIC contribuíam para um melhor desempenho dos seus utilizadores. Concluiu-se que as bibliotecas mais procuradas eram aquelas que dispunham de mais computadores e materiais multimédia.

Constatamos pois que, a importância da biblioteca escolar tem vindo gradualmente a crescer, na medida em que a própria pesquisa de informação e respectivas fontes passaram a deter um papel vital nas metodologias da educação e da própria sociedade. Tal repercute-se nas actividades lectivas, não-lectivas e de tempos livres e na promoção e aproximação às novas tecnologias.

De acordo com o Manifesto da *UNESCO* sobre as Bibliotecas Escolares (1999), “uma biblioteca escolar com uma variedade de fontes é um pré-requisito

para o enriquecimento do curriculum e um esforço sistemático para ir de encontro às necessidades individuais do aluno”.

Estudos diversos realizados na Europa e nos Estados Unidos da América comprovam que a integração e articulação da biblioteca escolar na programação curricular eleva os níveis de literacia, de aprendizagem, de resolução de problemas e de competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação, além de promover maior motivação e interesse pelas actividades escolares.

As transformações sociais exigem dos indivíduos a criação de conhecimento, sendo a educação tecnicista substituída por uma educação interdisciplinar e continuada. Segundo Calixto

“as verdades são cada vez mais efémeras e ao estudante de hoje será mais importante adquirir habilidades para se manter permanentemente a aprender do que a aquisição momentânea de um conjunto de informações rapidamente desactualizáveis” (Calixto, 1996, p.117).

No âmbito da 35ª Conferência da *IASL*, que teve lugar em Lisboa, em Julho de 2006, o Grupo de Trabalho de Documentação e Informação Escolar, numa carta dirigida à actual Ministra da Educação, acentuou a importância das bibliotecas escolares e delineou os seus principais objectivos, inscrevendo-se estes nas directrizes internacionais e nas necessidades nacionais de promoção da leitura, das literacias e de competências de produção de conhecimento em todos os cidadãos.

O facto de contribuírem fortemente para o combate à iliteracia confere-lhes uma importante função social (Usherwood, 1999), uma vez que possibilitam o sucesso ou insucesso do indivíduo na nossa sociedade, em que o valor da informação suplanta qualquer outro.

Mais recentemente, a envolvimento das bibliotecas escolares no Plano Nacional de Leitura vem comprovar a interdependência destas com os grandes objectivos traçados para o desenvolvimento pessoal, social e cultural do nosso país.

## 2.3. O CONTRIBUTO DA REDE NACIONAL DE BIBLIOTECAS ESCOLARES

“A Rede de Bibliotecas Escolares constitui uma resposta que está para além do reconhecimento ao direito de existência deste recurso educativo”  
(Costa., 1998, p. 27)

Em Portugal foi criado, em 1996, pelos Ministérios da Educação e da Cultura, na sequência da publicação do relatório *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*<sup>18</sup>, um Programa que se destinava a criar e a desenvolver as bibliotecas das escolas dos vários níveis de ensino<sup>19</sup>

Conforme o relatório então elaborado por Veiga (1996):

« Cada biblioteca deverá tornar-se um núcleo da vida da escola, atraente, acolhedor e estimulante onde os alunos : i) se sintam num ambiente que lhe pertence e se habituem a considerar o livro e a informação como necessidades do dia-a-dia e como inesgotáveis fontes de prazer e de desenvolvimento pessoal. ii) tenham acesso à informação e ao conhecimento através de grande diversidade de livros, jornais, revistas, audiovisuais e tecnologias de informação. iii) possam descobrir e alimentar o prazer de ler e de se informarem, recorrendo a fontes documentais disponíveis nos mais variados suportes. iv) possam estudar e encontrar com facilidade fontes documentais, se habituem a seleccionar e a gerir informação para realizarem actividades curriculares (...). v) adquiram competências e autonomia no domínio da informação escrita, digital e multimédia e produzam documentos em suportes e linguagens diversificadas » (p.17).

Esta legislação enquadra-se num universo mais vasto, ligado à reforma do sistema educativo que já se vinha operando, exigindo cada vez mais das escolas, através de um Projecto Curricular mais integrado, significativo e adequado às exigências de uma sociedade de informação, valorizando a aprendizagem compreensiva, investigativa, colaborativa e crítica. Alonso refere que “...o conhecimento é antes uma forma de conhecer e de pesquisar do que um produto ou

---

<sup>18</sup> Este relatório foi criado pelo Desp. Conj. nº 43/ME/MC/95, de 29 de Dezembro e pelo Desp. Conj. nº 5/ME/MC/96, de 9 de Janeiro.

<sup>19</sup> Rede Nacional de Leitura Pública – Desp. Nº 23/86, de 11 de Março; Dec. Lei nº 111/87, de 11 de Março; Dec. Lei nº 106-E/92, de 1 de Junho; Desp. nº 55/95, de 12 de Dezembro.

Programa da Rede de Bibliotecas Escolares – Desp. Conj. Nº 43/ME/MC/95, de 29 de Dezembro.

corpo estático de conhecimentos desligados dos seus contextos e procedimentos de elaboração” (Alonso, 1994, p. 19).

É, pois, pelo Despacho Conjunto nº 43/ME/MC/95, de 29 de Dezembro que é oficializado o Programa que cria a Rede Nacional de Bibliotecas Escolares e, para que tal objectivo se concretizasse, foi criado um grupo de trabalho, que implementaria medidas conducentes ao cumprimento deste objectivo.

Por Despacho Conjunto nº 184/ME/MC/96, de 27 de Agosto é criado, então, um gabinete para a elaboração e execução de um programa de instalação da Rede de Bibliotecas Escolares.

Este projecto tinha como grande objectivo “o desenvolvimento progressivo, em diversas escolas, de bibliotecas, entendidas como centros de recursos multimédia, destinados à consulta e produção de documentos em diferentes suportes” (Costa, 1998, pp.101-102) e destinava-se a instalar, de modo faseado, a Rede de Bibliotecas Escolares.

O pressuposto subjacente a esta iniciativa era desenvolver mas, sobretudo, recriar as bibliotecas, constituindo estas um recurso educativo importante, devendo funcionar em rede, potenciando os seus recursos e as suas actividades. A instalação desta rede é desenvolvida através de duas modalidades: uma candidatura nacional e outra candidatura concelhia. A primeira destina-se às escolas que pertençam a uma área geográfica não abrangida pela candidatura concelhia. Esta consiste na apresentação, por parte da escola, de um plano para o desenvolvimento da respectiva biblioteca, numa acção conjunta da Direcção Regional de Educação, da autarquia, da biblioteca pública e do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares.

Actualmente, estão abrangidas por este Programa 1033 estabelecimentos do ensino básico e secundário e constitui, sem dúvida, um contributo importante para a acção pedagógica das escolas. Mas, tal de nada servirá se não houver uma actuação conjunta de professores, pais, parceiros educativos e alunos. A par de uma mudança de atitudes é essencial proceder urgentemente à valorização dos cargos de professor bibliotecário e de funcionário da biblioteca, pois esperar que a Rede funcione sem profissionais superiores é irrealista (Gonçalves, 2001).

Tendo por base o *Manifesto da UNESCO sobre as Bibliotecas Escolares* (1999), os bibliotecários escolares devem ser elementos do corpo docente de uma escola, profissionalmente habilitados, de preferência com conhecimentos em biblioteconomia, responsabilizando-se pelo planeamento e gestão da biblioteca. Estes devem possuir conhecimentos em certas áreas, como na gestão de recursos e de bibliotecas e de informação e em pedagogia, a fim de assegurarem um bom funcionamento da biblioteca. Para tal, devem ser apoiados por uma equipa, trabalhando em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e em ligação com a biblioteca pública e outras.

Para Canário (1997, p.19), o professor bibliotecário deve ser simultaneamente “angariador de recursos, negociador de projectos, construtor de parcerias, animador, relações públicas”, enfim um *expert* ao serviço da educação e da formação, um mediador do conhecimento na sociedade da informação.

Segundo Hannesdóttir (1995, p.14), é “muito importante que os *bibliotecários* sejam reconhecidos como especialistas de informação, no novo sentido, em todo o mundo” e acrescenta que o fácil acesso a uma variedade de novos tipos de fontes de informação exige aos responsáveis pelas bibliotecas, competências para planearem e ensinarem uma diferente utilização da informação.

A Associação Internacional de Bibliotecários Escolares defende que estes devem ser “professores qualificados que tenham, adicionalmente, completado estudos profissionais de biblioteconomia”.

Em Portugal, o que acontece é que “o pessoal (professores e funcionários) é muitas vezes escolhido entre os que têm deficiências ou problemas de saúde, ou de idade mais avançada” (Calixto, 1996, p.19). Outras vezes, não existe um trabalho pedagógico articulado e interdisciplinar e transversal, reduzindo-se tudo a tarefas meramente burocráticas e isoladas.

Alguns passos têm sido dados, neste sentido, com a publicação do Despacho Interno nº 3 – I/SEAE/SEE/2002, de 15 de Março e do Despacho nº 13599/2006, relativo ao crédito horário para a equipa das bibliotecas escolares, assumindo relevância crescente a biblioteca da escola como um centro nevrálgico da organização pedagógica da escola.

Canário e Sousa (1997, p.21), entendem que o professor responsável pela biblioteca escolar deve ser detentor de conhecimentos nas áreas da administração educacional, da formação/animação e das ciências documentais.

Mas para que se verifique uma mudança plena, é necessário ter consciência de que uma boa biblioteca é sinónimo de uma educação e ensino de qualidade. Tal passa também pela formação dos professores, questão, aliás, debatida no *I Encuentro Extremeño-Alentejano sobre Bibliotecas Escolares*, onde se debateram alguns problemas que afectam bibliotecas escolares de Portugal e de Espanha.

Com estas e outras medidas será possível a concretização do pressuposto de que as bibliotecas escolares constituem “um recurso importante, quer como parceiro indispensável das actividades disciplinares específicas, quer como potência autónoma na formação plena dos indivíduos” (Sousa, 2000, p.29).

## 2.4. A BIBLIOTECA ESCOLAR E AS LITERACIAS DO SÉC.XX

“ Nas sociedades avançadas, a iliteracia está intimamente associada à exclusão social”  
(E. Wyn, 2001)

A par da evolução do ensino, assim também os conceitos e objectivos da alfabetização se foram alterando, evidenciando as preocupações sociais, culturais, económicas e políticas.

Assim, nos anos cinquenta, de acordo com a *UNESCO*, um analfabeto era aquele indivíduo que não era capaz de ler e de escrever um acontecimento do dia-a-dia (Fernandes, 2000).

Na década de sessenta, surge o conceito de analfabeto funcional, “dando prioridade ao desenvolvimento económico e social e à satisfação das necessidades de mão-de-obra” (Idem, p.21). Nesta altura, torna-se importante saber ler, mas dever-se-á fazê-lo com uma determinada intenção, como uma forma de se alcançar um determinado objectivo.

Nos anos setenta, a alfabetização está ao serviço do conhecimento, da cultura e da valorização pessoal. Saber ler significa ter poder.

Nos anos oitenta e subsequentes, a alfabetização ganhou uma valência “multifuncional, próxima do conceito de educação e formação de base” (Idem, p.22). A leitura e a escrita são considerados os principais instrumentos de aprendizagem, imprescindíveis ao desenvolvimento pessoal e colectivo. A criação da escolaridade obrigatória surge no âmbito da erradicação progressiva do analfabetismo.

O que acontece é que, apesar do aumento das taxas e dos anos de escolarização, a população evidencia incapacidades ao nível da leitura, da escrita e do cálculo. São pessoas alfabetizadas, mas não dominam os conhecimentos adquiridos na escola, isto é, competências de alfabetização funcional, crendo-se que foi a partir desta realidade que foi adoptado, em Portugal, o termo *literacia* (de origem anglo-saxónica).

Importa lembrar que o termo literacia é uma preocupação recente e exprime um conceito mais abrangente, uma vez que ele não está associado à prática escolar, mas às “capacidades de ler e escrever dos indivíduos que frequentaram o sistema escolar” (Delgado-Martins, et al., 2000, p.14), trata-se de saber preencher um formulário, um cheque, etc.

Daí que mais recentemente, se fale em literacia e não tanto em alfabetização, pois o objectivo que se pretende é que os alunos saibam usar as competências e não as adquiram apenas. É precisamente aqui que reside a diferença entre literacia e alfabetização

“se o conceito de alfabetização traduz o acto de ensinar e de aprender (a leitura, a escrita e o cálculo), um novo conceito – literacia – traduz a capacidade de usar as competências (ensinadas e aprendidas) de leitura, de escrita e de cálculo” (Benavente, 1996, p.4).

Nos últimos anos, a literacia tem sido uma das áreas mais abordadas pela Sociologia da Educação e, de todas as investigações realizadas, destacamos uma, pela sua importância no contexto nacional – o estudo feito entre 1994 e 1995, coordenado por Ana Benavente<sup>20</sup> – *A Literacia em Portugal* – e aplicado a uma amostra da população adulta; este estudo apresenta

---

<sup>20</sup> Conforme A. Benavente, os níveis de literacia de um país são “uma condição fundamental de desenvolvimento económico, potenciação cultural, qualidade democrática e afirmação internacional” (Benavente, *et al*, 1996, p.407).

resultados fracos de literacia, reflectindo-se nas tarefas do quotidiano que exigem competências de leitura, escrita e cálculo.

Deste estudo nacional e de outros internacionais como o *PISA 2004* e o relatório da OCDE *Education at Glance: OCDE indicators 2004*, ressalta o baixo nível de literacia dos portugueses<sup>21</sup> – *A Literacia em Portugal* – e aplicado a uma amostra da população adulta; este estudo apresenta resultados fracos de literacia, reflectindo-se nas tarefas do quotidiano que exigem competências de leitura, escrita e cálculo.

Deste estudo nacional e de outros internacionais como o *PISA 2004* e o relatório da OCDE *Education at Glance: OCDE indicators 2004*, ressalta o baixo nível de literacia dos portugueses<sup>22</sup>.

As causas devem-se, segundo Sequeira, aos “poucos investimentos na educação, nomeadamente no equipamento e conforto das escolas, pelos baixos níveis de literacia adulta e pela baixa frequência de estruturas pré-escolares” (Sequeira cit. por Warwick Elley<sup>23</sup>2002, p.52).

Pesaram igualmente no perfil de literacia observado,

“os contextos domésticos empobrecidos em livros e outros materiais escritos, a vida quotidiana rarefeita em práticas de literacia ou, muito trivialmente, as dificuldades em prestar ajudas concretas às crianças nas aprendizagens da leitura, escrita e cálculo” (Benavente, et al., 1996, p.402).

Como factores explicativos da iliteracia, para além destes, questões relativas às próprias crianças e à sociedade civil, demitindo-se esta das suas responsabilidades.

Para actuar perante esta situação, desenvolveram-se algumas iniciativas governamentais, tais como: o grande investimento no ensino pré-escolar, a recente implementação do Plano Nacional de Leitura, a área

---

<sup>21</sup> Conforme A. Benavente, os níveis de literacia de um país são “uma condição fundamental de desenvolvimento económico, potenciação cultural, qualidade democrática e afirmação internacional” (Benavente, *et al*, 1996, p.407).

<sup>22</sup> Neste estudo verificou-se que 25% da população de 16-25 anos atingiu apenas o nível mínimo de literacia e que só 10% atingiu o nível máximo. Entre os estudantes que concluíram com êxito o 9º ano de escolaridade, 25% apresentavam um domínio precário da leitura o que, em grande medida, explica a taxa de 47% de abandono escolar no 10º ano.

<sup>23</sup> Director do estudo mundial “The Evaluation of Educational Achievement” (IEA), realizado em 1990-91 e no qual Portugal participou.

curricular não disciplinar de Estudo Acompanhado, no Ensino Básico, a crescente qualidade das bibliotecas escolares, maior preocupação ao nível do ensino-aprendizagem da língua materna, inclusão desta temática na formação inicial e contínua de professores, entre outras, para além da actuação ao nível local e familiar.

E porque ler, na actual Sociedade do Conhecimento, implica saber fazê-lo, independentemente do seu suporte, surgiram alguns projectos de literacia digital, como forma de combater a iliteracia e a info-exclusão.<sup>24</sup>

Trata-se, pois, de uma acção global e concertada que, a nível escolar, deve estimular o prazer de ler, assumir responsabilidades na competência e hábitos da leitura, bem como na promoção de uma consciência metalinguística mais desenvolvida, onde todos os professores e não só o que lecciona a disciplina de Português, sintam que a leitura é uma competência transversal.

Quando falamos de literacia, sentimos a necessidade da criação de maiores e melhores estruturas materiais e humanas, incluindo as bibliotecas públicas e escolares<sup>25</sup>, consideradas como espaços lúdico-culturais, mas também pedagógicos.

Ao nível das bibliotecas escolares pressupõe-se que:

- Estejam dotadas de pessoal especializado e com horário permanente;
- Desenvolvam actividades de promoção da leitura atraentes e aliadas às novas tecnologias da informação e da comunicação;
- Estimulem o corpo docente, alunos e restante comunidade educativa, a frequentar a biblioteca, integrando esta prática na rotina profissional;

---

<sup>24</sup> Depois do analfabetismo, os obstáculos maiores à emancipação social e tecnológica das populações são a iliteracia e a info-exclusão, conforme o projecto *Literacia Digital Sem Fronteiras*, da responsabilidade da Biblioteca Municipal Aquilino Ribeiro, de Vila Nova de Paiva, sob aprovação da Fundação Calouste Gulbenkian e do Programa Operacional Sociedade do Conhecimento. O designado projecto associa a adaptação inclusiva de postos informatizados na Biblioteca Pública, Biblioteca Itinerante e Biblioteca Escolar (projecto no qual nos incluímos), a produção e incorporação de um acervo de Livros Digitais Falados com especificações DAISY e um programa especial de formação e certificação em competências básicas da Informação, assistido por tecnologias de apoio.

<sup>25</sup> Conforme Isabel Alçada, as bibliotecas escolares têm um papel essencial uma vez que contribuem para a mudança das representações dos professores, dos alunos e dos pais acerca da importância da leitura e do modo como esta deve ser ensinada e incentivada” (Alçada, I., 2004, p.4).

- Incentivem a leitura domiciliária, através de livros variados e adequados aos diferentes gostos e necessidades;
- Integrem as novas tecnologias de informação e comunicação;
- Contribuam para a “mudança de paradigma no ensino e na aprendizagem da leitura e da escrita” (Alçada, 1996, p.5).

Parafraseando Fátima Sequeira,

“embora eu pertença a uma geração de proibições, mas que se refugiava na procura de liberdades e que clamava como o poeta “É proibido proibir”, tenho que dizer, a bem de uma política de rigor no acompanhamento dos nossos jovens para uma vida de sucesso através da cultura, que é proibido:

- Que cada escola não tenha uma biblioteca;
- Que os professores não saibam como ensinar uma criança a ler;
- Que o professor não leia;
- Que o professor não estimule o gosto pela leitura;
- Que a criança não goste da escola;
- Que a educação não seja a prioridade financeira no nosso país.”

(Sequeira, 2002, p.59).

Concluimos, sublinhando a importância das bibliotecas escolares na promoção da competência literária com uma frase bem elucidativa de Manuela Barreto Nunes, quando refere estarmos perante um

“novo paradigma das bibliotecas enquanto ambientes de aprendizagem abertos. O papel das bibliotecas escolares é questionado e revisto à luz de um novo paradigma civilizacional, no qual elas se concebem como ambientes alfabetizadores e promotores de literacias”<sup>26</sup> (Nunes, 2006).

Esta situação é evidenciada nas conclusões apresentadas pela BAD quando referem que

“o sucesso dos alunos aumenta se tiverem acesso a bibliotecas escolares com colecções bem concebidas e articuladas com o curriculum, com programas de actividades diversificados e atraentes, e profissionais qualificados (bibliotecários escolares e, ou, professores bibliotecários) que trabalhem em colaboração com os professores que leccionam as diversas disciplinas” (2006).

---

<sup>26</sup> Nunes, Manuela Barreto – *Múltiplas Formas de Literacia*. Conferência realizada na Escola Superior de Estudos Industriais e de Gestão, in: II Encontro de CTDI (Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação), 27 de Abril de 2006.

Além disso, os alunos tornam-se leitores melhores quando têm acesso a uma biblioteca escolar<sup>27</sup>.

Só acrescentaríamos que na relação educativa, outra forma de literacia – a literacia emocional, é importante e indispensável para o desenvolvimento pessoal e social dos indivíduos.

## 2.5. FUNÇÕES DAS BIBLIOTECAS ESCOLARES

[O valor da biblioteca escolar para a educação]  
“ está na medida em que uma e outra não podem existir dissociadas”  
(Back, 1981, p.12)

Podemos designar *biblioteca* como uma colecção de livros e documentos afins, organizados para leitura, estudo e consulta, existindo bibliotecas que têm funções mais específicas do que outras. À medida que as bibliotecas foram crescendo de importância social e cultural, elas foram-se especializando. É o caso das bibliotecas nacionais, mais vocacionadas para a preservação de documentos, que reflectem a memória e a identidade de uma nação; o caso das bibliotecas especializadas, mais viradas para a investigação e o caso das bibliotecas escolares, mais direccionadas para a formação de leitores e o apoio aos currículos, ainda que todas elas sirvam o livro, a leitura, a cultura, contribuindo para a formação pessoal e profissional dos cidadãos, apresentando-se como “guardiães da cultura” (Alonso, 1999, p.5) Tal não invalida a inter-relação que pode existir entre elas.

Debruçando-nos sobre o caso específico das bibliotecas escolares, podemos afirmar que a sua principal função é formativa, ao “desenvolver nos alunos hábitos de leitura e estudo, orientá-los na consulta de obras de

---

<sup>27</sup> A este propósito, a BAD (Associação Portuguesa de Bibliotecários, Arquivistas e Documentalistas), no Ofício nº 268, endereçado à Ministra da Educação, em 17 de Outubro de 2006, aquando da próxima comemoração do Dia Internacional da Biblioteca Escolar, em Lisboa, apresentou algumas conclusões, das quais destacamos as seguintes: os estudantes obtêm uma parte considerável dos seus materiais de leitura em bibliotecas; os estudantes que mais lêem têm, de forma geral, um maior desenvolvimento de literacia, e melhores resultados escolares; estudos internacionais calculam que os resultados escolares têm uma melhoria entre 10 e 15% nas escolas que investem em bibliotecas escolares”. Estes e outros resultados da investigação desenvolvida nesta área podem ser consultados na página web da IASL na secção “School Libraries Make a Difference to Student Achievement” <http://www.iasl-slo.org/make-a-difference.html>.

referência, desenvolver competências no campo da informação e investigação” (Silva, 2002, p.199), contribuindo para uma optimização do desempenho dos professores e o sucesso educativo dos alunos, o qual “

não se limita ao período da escolaridade dos sujeitos, antes se estende pela vida fora, sob a forma de uma capacidade de autonomia para aprender ao longo da vida e em adequação com as exigências que uma sociedade da informação coloca a todos” (Sousa, 2000, pp.27-28).

A importância das bibliotecas acentua-se cada vez mais, na medida em que, na sociedade em que nos inserimos, a informação e o conhecimento constituem a alavanca do desenvolvimento económico, social, científico e tecnológico, cumprindo assim uma das suas funções, a função cultural.

A função educativa é a outra função da biblioteca escolar, na medida em que pode e deve “actuar como órgão auxiliar e complementar da escola, facilitando aos alunos o material bibliográfico para estudo e solução de seus problemas e deveres de classe e também de apoio informacional ao pessoal docente” (Tarapanoff, 1982, pp.3-4).

O Manifesto da *UNESCO* sobre a Biblioteca Escolar enfatiza a missão da biblioteca escolar quando enumera alguns dos seus objectivos/funções:

- Apoiar e promover os objectivos educativos delineados de acordo com as finalidades e curriculum da escola;
- Desenvolver e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura e da aprendizagem, e também da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- Proporcionar oportunidades de produção e utilização de informação para o conhecimento, compreensão, imaginação e divertimento;
- Apoiar os estudantes na aprendizagem e prática de capacidades de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza, suporte ou meio, usando de sensibilidade relativamente modos de comunicação de cada comunidade;
- Providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que exponham os estudantes a ideias, experiências e opiniões diversificadas;
- Organizar actividades que favoreçam a tomada de consciência cultural e social e a sensibilidade;
- Trabalhar com os estudantes, professores, administradores e pais de modo a alcançar as finalidades da escola; defender a ideia de que a

liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efectiva e responsável e à participação na democracia;

- Promover a leitura e os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e do meio. (UNESCO; IFLA, 1999, p.1).

Face ao exposto, fica clara a importância da biblioteca escolar na construção do conhecimento e na formação do actual perfil de cidadão.

Neste sentido, Contiero descreve que

“ a biblioteca escolar possui papel importante na formação do cidadão que se quer crítico, consciente e autónomo. Sendo o núcleo cultural e de apoio às actividades pedagógicas da escola, em sintonia com os currículos e os programas educacionais. Tudo o que se realiza em sala deveria ser feito em parceria com a biblioteca da escola. A biblioteca deveria ser o coração da escola. A partir dela, a escola seria alimentada” (Contiero, 1999, p.1).

Podemos concluir pois que a biblioteca escolar passa a ser um organismo vivo, – meio transformador – de apoio à educação na divulgação da informação e transmissão do conhecimento, para o desenvolvimento pleno da cidadania.

Numa sociedade cada vez mais complexa, em que a participação a todos os níveis requer uma informação actualizada, a escola, através da biblioteca escolar, deve ser capaz de sociabilizar os seus alunos, para que estes, no futuro, consigam interagir e participar na vida activa nos seus diversos contextos.

A função principal de qualquer biblioteca é organizar a sua colecção e estruturar os dados de forma a permitir o acesso aos documentos por parte dos utilizadores e, em última análise, o acesso ao conhecimento. Ora, o desenvolvimento tecnológico veio alterar o conceito fundamental da biblioteca no séc. XXI, mais concretamente ao estabelecer a ligação directa das pessoas à informação, assistindo-se, já e em alguns casos, à integração nas bibliotecas tradicionais de bibliotecas digitais, ou melhor a uma simbiose entre elas, traduzido no que, actualmente é designado por “biblioteca híbrida”, trazendo estas uma mais valia no que respeita ao acesso imediato ao documento e a possíveis conexões com outros documentos similares ou correspondentes ao assunto seleccionado. Por outras palavras, o espaço físico mantém-se, a

informação que lá chega é que não tem limites geográficos, temporais e informacionais, porque permanentemente mutáveis.

As bibliotecas estão, assim, a sofrer mudanças muito significativas originadas pela introdução das TIC e sobretudo da Internet, pelos novos tipos de documentos e pela forma de se lhes aceder, exigindo novas abordagens e novas competências – é a “revolução digital”, é um novo período de transição, cujos fins educacionais são reforçados.

Em Portugal, verifica-se um relativo atraso quanto a esta realidade, quer ao nível da definição de políticas, quer ao nível das práticas.

Em relação ao mundo mais avançado, como será o futuro das bibliotecas é uma incógnita, ou talvez não, pois o desenvolvimento de alguns projectos (como o *Projecto Gutenberg* ou o *Projecto Cervantes 2001*) aponta para o aumento de bibliotecas digitais ou virtuais, associadas ou não a bibliotecas *reais*.

Saber se estas realidades poderão coexistir, ou se as bibliotecas que temos se poderão transformar em arquivos de um tempo passado, é domínio para a pura especulação.

### **Síntese Conclusiva**

Vivemos uma época de mudanças significativas. A educação e o processo do ensino-aprendizagem não estão incólumes a esta transformação provocada pela sociedade da informação.

É a alteração vivenciada nas estruturas materiais (equipamentos e meios didáticos), nas estruturas formais (organização do currículo e sistema de avaliação), nas estruturas sociais (papel dos professores e relações individuais ou de grupo), nas metodologias e nos recursos educativos para se construir o conhecimento.

É neste âmbito que surge a convicção de que a biblioteca escolar pode contribuir para o desenvolvimento integral dos alunos, constituindo-se como um verdadeiro recurso educativo.

O mundo de hoje apela à formação contínua e aos saberes diversificados. As bibliotecas, enquanto espaços organizados, existem para dar resposta a esse apelo e às necessidades daí decorrentes.

## **CAPÍTULO 3. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ESCOLA**

“Não existe sociedade que possa gerar conhecimento se não há um bom sistema de educação”  
(Castells, 2001)

### **Introdução**

O mundo evoluiu rapidamente de uma sociedade industrial para uma outra baseada no conhecimento, na qual a informação já não é um meio mas um fim. Mais do que coisas ou bens, o que se produz hoje com alto valor acrescentado nas sociedades avançadas é o conhecimento. Dito de outra forma, o saber possui hoje um valor económico e social vital para o desenvolvimento humano à escala mundial.

As transformações estruturais por que passa o mundo não podem ser entendidas como uma mera crise conjuntural da sociedade, mas configuram em si uma nova forma de organização social e económica baseada nas profundas mudanças tecnológicas, sendo a globalização uma das suas mais visíveis faces (Castells, 2001).

Outrora, educava-se para toda a vida: agora, ao contrário, o processo de aquisição do conhecimento que se estende para toda a vida, nunca termina e afecta não só o mundo do trabalho, como também a cidadania, a vida familiar, os nossos hábitos de consumo e de lazer, isto é, o conhecimento é omnipresente em todas as dimensões da vida em sociedade. Ora, todas estas mudanças repercutem-se igualmente no sistema educativo.

Assim, cabe à escola transmitir conhecimentos universalmente válidos, mas sobretudo focalizar-se na aprendizagem de competências e atitudes adaptáveis às evoluções contextuais que ocorrem a nível social, económico e tecnológico da sociedade do conhecimento. Este é o grande desafio que se apresenta ao actual sistema educativo. Trata-se de uma nova cultura, a qual pressupõe novas metodologias, novos *curricula* e novos conteúdos programáticos, se bem que tenhamos a convicção, de que se a escola tem por

paradigma preparar as novas gerações para a sociedade de amanhã, o amanhã não será certamente o actual.

As mudanças que ocorrem na sociedade levam-nos a perspectivar a informação como um mero recurso, inscrita num contexto em que prolifera demasiada informação, pelo que impõe-se, nas escolas, ensinar métodos de selecção, avaliação e aproveitamento útil da informação para resolver situações problemáticas e fazer face às permanentes mudanças que se nos deparam. Será, então, ajudar a transformar a informação em conhecimento.

Entramos no séc. XXI encarando profundas mudanças na Educação, tendo esta necessidade de se adequar às exigências do novo contexto social. Podemos falar do aparecimento de um novo paradigma, ainda não consolidado totalmente nas práticas, mas que já se evidencia nas ideias e no espírito de alguns professores que sabem captar os sinais dos tempos.

Efectivamente, um novo perfil de professor é delineado: ele orienta o processo da aprendizagem, estimulando o aluno a querer saber mais, incentivando-o à pesquisa. O que é certo é que mesmo assistindo-se a uma certa evolução, ainda vemos professores a dar aulas muito expositivas, em que as matérias são debitadas e quase lidas. Neste contexto, o aluno é um receptor passivo; ora, o que se pretende é que o aluno seja um agente da aprendizagem, autónomo, responsável pelo próprio crescimento, de estreita colaboração e troca de experiências, pois que aprender é crescer.

Os recursos tecnológicos considerados como um instrumento e não uma ameaça ao serviço do Homem são utilizados como recurso para estimular a aprendizagem e não há o receio do computador substituir ninguém. Além disso, as novas tecnologias são perspectivadas dentro de um contexto, como um meio, um instrumento incorporado, através do qual se produz mais conhecimento.

A escola deixou de ser uma ilha, para ser um espaço aberto ao mundo. É um saber mais válido, porque mais real, construído num patamar partilhado por conteúdos e experiências várias, onde se constrói o conhecimento e não se absorve apenas informação.

### 3.1. INFORMAÇÃO E CONHECIMENTO

Importa, antes de mais, distinguir dois conceitos, que por vezes se confundem, prestando-se a significados diferentes. São eles: Informação e Conhecimento.

Construção e conhecimento são dois conceitos com significados próprios. A palavra conhecimento consiste numa representação mental das relações (Prado Júnior, 1973, p.51). Já de acordo com Carretero (1997, p.13), conhecimento é um produto de interacção social com o meio.

Construir é uma palavra que provém do latim “*construere*” e que significa “acção, efeito, maneira como algo é formado”.

Quando as palavras *construção* e *conhecimento* se unem, formando construção do conhecimento, elas adquirem um novo sentido. Segundo Piaget, a construção do conhecimento ocorre quando

“...acontecem acções físicas ou mentais sobre objectos que, provocando o desequilíbrio, resultam em assimilação, acomodação dessas acções e, assim, em construção de esquemas ou conhecimento” (Piaget, 1990, p.1; 1996, p.13-23).

Conforme Morin (2003), **informação** caracteriza-se por ser uma unidade, um elemento designável de maneira desordenada. Podemos dizer que é um dado desconexo de uma ordem e desprovido de relações e análises que nos possam remeter ao conhecimento. Entretanto, o **conhecimento** emerge a partir do tratamento das informações, ou seja, da análise oriunda de classificação e contextualização. A organização da informação viabiliza a constituição do conhecimento,

“Surge, então, a diferença entre informação e conhecimento, porque o conhecimento é organizador. O conhecimento supõe uma relação de abertura e de fecho entre o cognoscente e o conhecido (...) conhecer é produzir uma tradução das realidades do mundo exterior” (Morin, 2003, p.133).

Informação é a primeira condição para aquisição do conhecimento. Para aquela ser transformada em conhecimento, pressupõe um processamento por parte do indivíduo.

Sendo assim, entendemos que o conhecimento se encontra a um nível mais avançado, superior ao da informação. É algo que resulta no desenvolvimento científico nas sociedades.

Neste contexto tecnológico, a partir do conhecimento, as sociedades têm a possibilidade de se desenvolver, como também de constituir novas culturas<sup>28</sup>. Neste contexto, acreditamos que, o papel das tecnologias determina, pois, um perfil sócio-educacional, estando presente em todas as áreas do conhecimento, logo no nosso dia-a-dia. Mas será necessário, segundo Castells (1999), aliar à tecnologia a capacidade do indivíduo aprender a captar, a gerir, disseminar e aplicar o conhecimento adquirido, onde a pesquisa escolar pode desempenhar um importante papel.

Assim, as TIC facilitam, sem dúvida, a aquisição do conhecimento, ao permitir um maior número de fontes de informação e mais rápidas, além do cruzamento e processamento da informação que permite fazer, e o estabelecimento da comunicação em tempo real ou virtual com outras pessoas e entre estes actores.

Poder-se-á falar, então, como já referimos anteriormente, na substituição de um paradigma instrucionista para um paradigma construcionista, isto é, de uma época em que o computador potencia a capacidade de ensinar para ser entendido como uma ferramenta ao serviço da aprendizagem, conduzindo os alunos para uma dimensão extra-curricular.

Estamos, assim, a atravessar um período de transição, em que a crise assola o sistema educativo – crise do paradigma estrutural da escola, assistindo-se a uma nova organização económica e social, prevalecendo a informação e o conhecimento.

São vários os autores que afirmam estarmos a atravessar um estado de crise, que convida naturalmente à reflexão, e que conduziu à reconceptualização curricular, em que se entende o currículo de uma forma crítica e aberta ao mundo. Ninguém ignora que as escolas já não são os únicos, nem sequer os mais importantes locais do conhecimento, não podendo por si só rivalizar com a quantidade de informação que paira por todo o lado e a que se pode aceder com extrema facilidade, nem com o ritmo alucinante com que se processa essa mesma informação.

---

<sup>28</sup> De acordo com Castells, podemos definir *cultura* como sendo “um conjunto de valores e crenças que formam o comportamento” (2001, p.34).

Acompanhando a filosofia de Toffler, diríamos que se a escola não pode por si só deter a função do *ensinar*, deverá centrar a sua acção no *aprender*. Utilizando uma expressão popular, a escola não deve oferecer o peixe, mas ensinar a pescar, fomentando a autonomia nos alunos.

Segundo os construtivistas, não se verifica qualquer relação de causalidade entre o ensino e a aprendizagem, sendo que o conhecimento provém da natureza activa da cognição e não de uma mera transmissão da informação, uma vez que o conhecimento é algo pessoal, construído pelo sujeito. Ao professor compete proporcionar aos alunos as ferramentas necessárias a uma optimização dessa cognição. O professor deve ser um facilitador e orientador das aprendizagens e o aluno deve tornar-se o centro desse mesmo processo de aprendizagem. Na concepção da teoria piagetiana, o conhecimento não está no sujeito, nem no objecto, mas é construído na interacção do sujeito com o objecto.

Assistimos, pois, conforme Papert (1994), a uma negação do modelo passivo de aprendizagem e a uma valorização do sujeito, enquanto construtor activo do seu próprio conhecimento, pressupondo este um determinado contexto e interacção. Os alunos assumem a responsabilidade da sua própria aprendizagem.

Esta perspectiva sugere uma reorganização do papel tradicional do professor, orientando o aluno, fomentando a pesquisa e proporcionando-lhe os recursos necessários – ênfase na tecnologia - privilegiando uma abordagem integrada dos saberes.

Actualmente e após vários anos sobre a publicação do *Choque do Futuro*, de Toffler (1990), constatamos que este investigador previa o futuro, na medida em que vivemos hoje esta realidade já delineada há muitos anos atrás.

Vivemos numa sociedade pós-industrial, que requer, naturalmente, formas de educação igualmente pós-industrial, desempenhando a tecnologia um importante papel na concretização de um novo paradigma educativo, capaz de fazer incrementar uma nova relação professor-aluno, aprender dentro e fora da escola.

Com o aparecimento da sociedade da informação, as TIC tornaram-se um importante instrumento para a construção do conhecimento, sendo a Internet, uma das fontes de informação privilegiadas na pesquisa escolar.

### 3.2. A CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO NA ESCOLA

Ao falarmos de construção do conhecimento partimos de um pressuposto teórico alicerçado na teoria do construtivismo<sup>29</sup>: falamos de Jean Piaget, Seymour Papert, Jerome Brunner, John Dewey e Lev Vygotsky, entre outros.

Se a escola incorpora no seu Projecto Educativo uma perspectiva construtivista do conhecimento, aliás, preconizada pela política educativa nacional, então, ela deverá basear-se em três princípios básicos:

Produção do aluno – o professor criará situações propiciadoras de construção do saber, respeitando o contexto individual de cada um;

A aprendizagem é um processo activo, onde o erro e a procura de soluções são elementos fundamentais desse mesmo processo;

A aprendizagem é um processo social, devendo fomentar-se o trabalho de grupo e valores de cidadania, como: entreaajuda, solidariedade, colaboração e participação organizada.

Assumir uma postura construtivista implica uma mudança de paradigma pedagógico, uma dialéctica, fomentando o raciocínio, a reflexão e a autonomia. O professor é o mediador do processo do ensino-aprendizagem (relação aluno – objecto de conhecimento – realidade), ajudando o aluno a construir o saber, através da organização das actividades, da interacção e problematização.

A realidade que nos circunda constitui um factor preocupante, na medida em que a educação segue ainda uma concepção tradicional, onde ainda não se fez a apropriação de que “o conhecimento não é um corpo fragmentado ou separado de todos, mas, sim, uma verdadeira rede interconectada, interligada e dinâmica” (Gardner, 1994, p.22).

Segundo Leal (2000),

“há, pois, que aprender a aprender e a aprender a desaprender. Na nossa transbordante sociedade da informação, há que estabelecer regras individuais e colectivas de economia mental, esquecendo (desaprendendo) os conhecimentos inúteis e (re) aprendendo

---

<sup>29</sup> O chamado construtivismo, como corrente pedagógica contemporânea, talvez represente a síntese mais elaborada da Pedagogia do século XX (Pinto, 2002, p. 181).

aqueles que nos são ou virão a ser úteis. É uma nova cultura, abismalmente diferente dos cânones que a pauta de valores, em que até há bem pouco tempo fomos educados, nos impunha como verdade inalienável e universal”<sup>30</sup>.

Neste contexto, a sociedade de informação exige de todos nós conhecimentos novos, que possam conduzir a novas práticas, sob a égide da aprendizagem ao longo da vida.

### 3.3. PESQUISA ESCOLAR

“Conhecer é descobrir e construir é não copiar”  
(Freire, 1997)

Um instrumento importante para construir o conhecimento é a chamada pesquisa escolar.

A pesquisa escolar constitui uma das principais actividades que integram o processo do ensino-aprendizagem, e serve algumas finalidades, particularmente, auxiliar o aluno no estudo, utilizar as fontes de informação, desenvolver o espírito crítico e a autonomia no processo de conhecimento, bem como ensinar a trabalhar em cooperação.

Pesquisa é uma palavra oriunda do latim, do verbo *perquiro*, que significava: procurar; buscar com cuidado; procurar por toda a parte; informar-se; inquirir; perguntar; indagar bem; aprofundar na busca.

#### Para Pádua

“ (...) pesquisa é toda a actividade voltada para a solução de problemas... é investigação, inquirição da realidade, é toda a actividade que vai permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, um conjunto de conhecimentos, que auxilie na compreensão desta realidade.” (1996, p. 31).

Assim, a palavra *pesquisar* pressupõe procurar com cuidado e profundamente, averiguar e criar prerrogativas importantes para o domínio do conhecimento. Sem pesquisa seria impensável haver ciência e muito menos tecnologia, saber, educação formal. Segundo Freire, a pesquisa deve ser uma

---

<sup>30</sup> Leal, Fernando Cortes – *Que escola para a Sociedade do Conhecimento?* in: Prof 2000, Aveiro.

postura na vida do professor, “pois não há ensino sem pesquisa e pesquisa sem ensino” (Freire, 2000, p.32).

Só assim é que a pesquisa se transforma em fonte de conhecimento, desenvolvendo no aluno uma estrutura conceptual que lhe permite a transferência de conhecimento para outras situações, tornando-se num importante instrumento de educação. A problemática da pesquisa escolar revela-se importante, ela está também contemplada nos *Quatro Pilares da Educação para o século XXI* da UNESCO (*United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization*): aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos e aprender a ser (Delors, 2001).

No decurso dos últimos anos, a necessidade de formar os alunos na pesquisa e tratamento da informação tornou-se uma prioridade, no mundo da educação. O conceito de informação parece transcender todos os domínios da actividade humana, a nível social, cultural, político, económico, tecnológico, etc.

A informação constitui, assim, um instrumento indispensável na definição do perfil de formação dos indivíduos, facto que decorre da importância crescente das tecnologias de informação e comunicação, obrigando à construção de novas relações da informação, nomeadamente, a sua criação, circulação, disponibilização, acessibilidade, tratamento, validação, difusão e comunicação. Não querendo parecer radicalistas, somos levados a afirmar que quase tudo se transformou em informação, tudo é causa ou consequência da informação, esta é o princípio e o fim de tudo o que acontece no planeta.

Neste contexto, a biblioteca escolar assume uma importância crescente, onde a pesquisa e a apropriação das tecnologias da informação e da comunicação ocupam um lugar de relevo, crescente, diríamos, visto que o papel pedagógico da biblioteca sempre lhe foi reconhecido.

Senão vejamos<sup>31</sup>:

---

<sup>31</sup> Apresentamos extractos de textos, segundo uma ordem cronológica desde 1963, que colocam em perspectiva a afirmação e evolução do papel pedagógico da biblioteca, concebida enquanto um centro de recursos para uso dos alunos e dos professores, onde se integra a pesquisa escolar – retirado de <http://pages.infnit.net/formanet/cs/leveille.html>, citado por Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares ([www.rbe.min-edu.pt](http://www.rbe.min-edu.pt)).

“Na escola, sobretudo Escola Básica 2,3 e secundária, o bibliotecário considera, como mais importante, a sua função pedagógica. Tem a responsabilidade de ensinar aos jovens todas aquelas riquezas que foram escolhidas e colocadas à sua disposição, como podem aceder à informação e a que é que ela pode servir. Para tal dirige e implementa um programa de iniciação à biblioteca mas com uma lacuna, o envolvimento e colaboração dos professores e da direcção, pois este programa de iniciação deve ser integrado no programa de estudo dos alunos, sem o que o seu valor diminui significativamente” (Denis, 1963, vol. 7, p.511).

Também Alphonse-Marie Parent, nesta mesma data, referia que

“O lugar e o papel da biblioteca, numa escola, deve simbolizar e ilustrar a importância que se lhe confere, no ensino, na utilização das obras e nos documentos de toda a espécie...Os professores devem, nas suas aulas, utilizar métodos que incentivem os alunos à pesquisa pessoal e à leitura...” (Parent, 1963).

Em 1974, o Ministério da Educação canadiano enumerava as funções da biblioteca escolar, onde já integrava documentos impressos e não-impressos.

“Funções:

- Colocar à disposição dos utilizadores documentação geral e especializada;
- Favorecer a pesquisa multidisciplinar;
- Facilitar o ensino-aprendizagem através da tecnologia;
- Centralizar os recursos de produção, conservação e distribuição;
- Oferecer ao longo de todo o dia, um local agradável e hospitaleiro aos alunos que desejem ali trabalhar durante os períodos sem aulas”.

Da mesma fonte, em 1987, enfatiza-se o valor da pesquisa enquanto ferramenta de apoio aos estudos,

“Os recursos documentais são, assim, o conjunto dos documentos, das informações e dos instrumentos disponíveis para os alunos e professores, tal como para os outros agentes educativos, a fim de sustentar as actividades de ensino e aprendizagem. Estes recursos, como qualquer outro meio de comunicação, de produção ou de expressão, devem corresponder às necessidades particulares de formação, quer seja curricular (francês, história, electrónica, matemática, cozinha profissional...) ou geral, mais conhecida pela denominação formação pessoal (organização do trabalho, pesquisa, visão do mundo, sentido de responsabilidade, autonomia, cultura, gosto e prazer pela leitura)”.

Em 1989, o Comité d' Étude sur les bibliothèques scolaires canadiano, refere que

“No mundo escolar, [...] existe um largo consenso acerca da importância da biblioteca, entendida como um centro de actividades e de serviços pedagógicos de suporte às

actividades de ensino e aprendizagem. A biblioteca escolar é um serviço pedagógico, cujo papel principal é contribuir para a formação do aluno e colaborar na acção do professor”.

Finalmente, em 1994, Jocelyne Dion, pertencente ao mesmo grupo de trabalho, no documento *La bibliothèque de l'école doit-elle s'adapter?*, afirma

“A biblioteca, neste contexto, (tecnologias de informação e comunicação) transformar-se-á num verdadeiro laboratório de aprendizagem de competências de informação onde o aluno adquirirá, à medida do seu percurso escolar, métodos de trabalho, desenvolverá a sua autonomia, aprenderá a procurar, explorar e difundir a informação sob todas as formas, desenvolverá o espírito de análise e de síntese, assim como o sentido crítico. Aí, biblioteca tornar-se-á um lugar de formação”.

Concluindo, o processo de pesquisa e de tratamento da informação inscreve-se num conceito de formação, em consonância com os objectivos programáticos dos ensinos básico e secundário.

### 3.4. A PESQUISA ESCOLAR E OS SEUS ACTORES: O PROFESSOR, O ALUNO E A BIBLIOTECA

Falar de pesquisa escolar é falar de um novo paradigma educacional-relacional, uma vez que ela está ao serviço do processo do ensino-aprendizagem, coadjuvada pelo triângulo: professor, aluno, fontes de informação, personificadas na figura do bibliotecário e cuja função consiste em orientar aqueles na utilização adequada dos recursos educativos existentes na biblioteca.

É curioso notar que na prática, aquilo que normalmente denominamos de pesquisa escolar não é rigorosamente o que se pretende, pois adquire outra conotação. Pesquisa, para alguns, é apenas uma transposição literal de textos, isto é, os alunos retiram de uma fonte de informação um determinado conteúdo, imprimem-no ou copiam-no, assinam e entregam ao professor. Este, por sua vez, corrige a cópia, atribui-lhe uma nota. A tão pretendida fase de pesquisa na elaboração de um trabalho não é mais do que uma farsa, sem qualquer sentido e proveito, pois que a aprendizagem não aconteceu. É uma relação de mentira, onde um finge que ensina e o outro finge que aprende. Esta é uma polémica actual, comprometendo-se competências e pessoas, na

medida em que estas enquanto alunos não se tornam sujeitos dos seus próprios conhecimentos.

É importante que o professor, ao solicitar a pesquisa escolar, indique aos alunos os procedimentos a ter para elaborar um trabalho de pesquisa, tais como: *o quê, de que* trata o trabalho, para que será realizado, *quanto* (dimensão), *quando* (prazo de entrega), *onde* e *como* o assunto pode ser encontrado. É muito importante, quando os alunos desenvolvem trabalhos de pesquisa, a orientação dos professores e o apoio do professor bibliotecário nas estratégias a adoptar, devendo adequar-se à idade e nível de escolaridade dos alunos. Mais importante que o produto final é todo o processo.

Mas, a pesquisa não pode ser entendida como um complemento à leccionação de conteúdos programáticos, deverá ser entendida como uma actividade autónoma, de uso das fontes de informação para adquirir conhecimentos de cultura geral, independentemente do seu suporte.

Até há algum tempo, as fontes de informação usadas eram apenas em suporte impresso, hoje, as fontes diversificaram-se e multiplicaram-se, surgindo, em contrapartida, outras dificuldades, como a organização e uso de estratégias conducentes à elaboração de um trabalho de qualidade e à construção de conhecimentos.

Convém sublinhar que o desenvolvimento das tecnologias não vem substituir a pesquisa em suporte impresso, mas vem conferir-lhe um papel essencial, reconhecendo-se o seu lugar importante no processo do ensino-aprendizagem: continua a ser o suporte mais fácil e económico de manejar, ilustra os ensinamentos do professor, permitindo que o aluno se encontre mais perto do professor e desenvolva a sua autonomia. As novas tecnologias também não retiram preponderância ao papel do professor, mas modificam-no. Claro que agora ele já não é o único detentor dum saber que apenas lhe basta transmitir. Agora, ele é parceiro dum saber colectivo, devendo organizá-lo e enriquecê-lo, dominando estes novos instrumentos pedagógicos. Os professores devem reflectir nas modificações que estas novas tecnologias provocam nos processos cognitivos. Assim, já não basta ensinar os alunos a aprender; há que ensiná-los a procurar e a relacionar entre si diversas informações que se encontram aleatoriamente, favorecendo o espírito crítico. Saber seleccionar a informação, no meio de tanta, é um pré-requisito do

próprio saber – é aquilo a que já se chama de *nova alfabetização*, a acompanhar os avanços da investigação e da globalização.

A relação progresso tecnológico – bibliotecas escolares, do ponto de vista concreto e prático enfrenta alguns entraves obstaculizantes a uma prossecução dos objectivos pretendidos e enunciados pelo *Manifesto da UNESCO sobre as Bibliotecas Escolares* (2000) e pela *Declaração Mundial sobre Educação para Todos III: Missão e Objectivos da Biblioteca Escolar*. (1990). Senão, vejamos a realidade de algumas bibliotecas escolares: acervos desactualizados, deficiência de mobiliário adequado e equipamento, falta de recursos humanos qualificados, espaço físico insuficiente, os suportes informáticos insuficientes, considerada ainda por muitos professores como um local de castigo ou um apêndice da sala de aula, quando deveria ser uma extensão do processo do ensino-aprendizagem. É, igualmente, importante a falta de uma acção pedagógica concertada entre todos os professores, que propicie a respectiva articulação e entre os diferentes programas, conducentes à construção de uma desejável cidadania e integração social.

### 3.5. AS TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO COMO RECURSO EDUCATIVO

“As novas tecnologias podem ser poderosos instrumentos  
construtivistas da aprendizagem”  
Carneiro, 2006

Estamos todos conscientes da importância das TIC no mundo actual, tendo em conta as mudanças sem precedentes que ocorrem aos mais diversos níveis, motivados pela evolução radical de valores, conhecimentos e percepção do mundo.

A crescente evolução das novas tecnologias provoca grandes mudanças com implicações culturais, económicas, repercutindo-se mesmo nas relações geopolíticas e exigem a mobilização de recursos técnicos, humanos e financeiros, com vista à modernização imposta pela globalização.

As mudanças que ocorreram nos últimos anos do século XX foram enormes – foi o aparecimento do fax, do telemóvel, do correio electrónico, dos microprocessadores, etc.

Prevê-se que existam, actualmente, no mundo mais de 800 milhões de utilizadores da Internet. Nos próximos trinta anos, estamos convencidos que assistiremos a mudanças ainda mais significativas, mais rápidas e profundas – é a convergência das tecnologias, com visibilidade nas escolas. Será a educação digital a ter repercussões no mercado do emprego, na participação cívica, no acesso às universidades, na forma de viver, jogar e aprender.

Se no século XX, o poder económico se definia pela abundância dos recursos naturais, materiais, na era da inovação, o conhecimento e o capital humano é que geram os respectivos capitais. No entanto, a presença do ser humano será indispensável e insubstituível. Lembremos um exemplo – uma criança do interior do país pode visitar o jardim zoológico de Lisboa ou de outro qualquer no mundo, sem sair de casa ou da escola, mas essa mesma criança poderá ter acesso a pornografia, a violência.

Não obstante, a tecnologia, quando ao serviço da educação, constituirá certamente uma ferramenta importante; por exemplo, as escolas em rede poderão partilhar vivências escolares das actividades curriculares e extracurriculares, disponibilizar recursos educativos (incluindo fichas de trabalho, de avaliação), apresentar sugestões sobre um determinado assunto ou contexto, etc. A Internet atinge, assim, um dos seus objectivos primordiais, que é unir aquilo que está separado geograficamente. Para muitas aplicações nem Internet será necessário ter, bastará um computador, um *browser* e um conjunto de documentos disponíveis (na biblioteca, na sala de aula, nas áreas curriculares não disciplinares).

O “*Livro Branco*” da *Comissão Europeia* problematiza os sistemas educativos, então vigentes na comunidade, em particular a flexibilidade dos mesmos face aos desafios das transformações que ocorrem na sociedade actual.

Em Portugal, surgiu o “*Livro Verde para a Sociedade de Informação*” como vontade expressa de uma política concertada para a integração da componente tecnológica nas actividades educativas desenvolvidas nas escolas. Uma das sete medidas enunciadas Visava instalar em todas as

bibliotecas escolares do 5º ao 12º ano um computador multimédia ligado à Internet<sup>32</sup>.

Em 1997 foram lançados dois programas nacionais no âmbito das TIC nas escolas: o *Programa Nónio Século XXI* e o *Programa Internet nas Escolas*.

Em 2002, foi aprovado um programa – *Internet@EB1*, para acompanhamento das escolas do 1º ciclo do ensino básico por Escolas Superiores de Educação com o objectivo de promover e facilitar a utilização da Internet para fins educativos e promover a formação de professores em situações educativas concretas.

Em 2005/06, este programa deu lugar a um outro – *CBTIC@EB1* – no âmbito da *CRIE – Equipa de Missão Computadores, Redes e Internet na Escola*. Neste mesmo ano, e no âmbito deste mesmo projecto, promoveu-se a formação de formadores de professores em TIC

Em 2006, todas as escolas públicas do 1º ao 12º ano ficaram ligadas em banda larga à Internet. Aumentou significativamente o número de escolas aderentes ao programa de *Geminação Electrónica de Escolas (Twinning)* da União Europeia, assim como o número de escolas certificadas para incluírem a Rede Europeia de Escolas Inovadoras (*ENIS – European Network of Innovative Schools*).

Mais recentemente, foi promovido um projecto-piloto relativo à disponibilização e gestão de redes e serviços nas escolas, pela *UMIC – Agência para a Sociedade do Conhecimento*, em conjunto com a *CRIE* e a empresa *Critical Software*<sup>33</sup>.

Perante a questão: Como podemos ter acesso às mais recentes investigações? Será óbvia a resposta, através da Internet – a rede das redes informáticas, um dos meios mais poderosos de comunicação global.

---

<sup>32</sup> As outras medidas enunciadas foram “criar conteúdos e serviços de informação na Rede para suporte à população escolar; desenvolver projectos escolares em telemática educativa; promover a formação de professores para a Sociedade de Informação; promover a revisão dos programas escolares para contemplar a Sociedade de Informação; avaliar o impacto dos programas em tecnologia de informação e promover a cultura e a Língua Portuguesa no estrangeiro” (Maia, 1998, p.7).

<sup>33</sup> Informação disponível em <http://www.unic.pt>

### 3.6. A IMPORTÂNCIA DA INTERNET COMO FERRAMENTA DE PESQUISA

“A Internet, enquanto meio de comunicação do século XXI, é entendida como o alicerce central do novo mundo da informação”  
Castells, 2001

É um fenómeno em permanente evolução e, segundo vários autores, constitui a maior invenção da história da humanidade ao serviço do conhecimento.

Na última década popularizou-se a Internet, revolucionando o mundo tradicional dos *media* e o mundo em geral. Efectivamente, é com o aparecimento da Internet que surge, igualmente, o conceito de Era do Relacionamento (permite a cooperação e a comunicação em tempo real).<sup>34</sup>.

Entre as ferramentas disponíveis na Internet, destacamos alguns recursos a serem explorados, a nível escolar: *navegar*<sup>35</sup>, pesquisar e conversar.

Assim, a utilização educativa da Internet pode ser vista sob três perspectivas: como fonte de informação, como meio de comunicação e como espaço privilegiado para a realização de projectos educativos<sup>36</sup>.

Independentemente da valência utilizada, é de opinião consensual que a Internet constitui um importante instrumento educativo, necessário para a evolução do ensino e para a adaptação da Escola ao mundo exterior<sup>37</sup>.

---

<sup>34</sup> A Internet surge nos Estados Unidos para satisfazer necessidades de pesquisa científica de carácter militar, cuja finalidade consistia na criação de plataformas de comunicação.

<sup>35</sup> Navegar na *Net* significa visitar páginas, clicar em links, possível através da WWW, abreviatura de World Wide Web, também conhecida por Web, constituindo uma importante fonte de consulta e de divulgação de informações sobre qualquer assunto.

<sup>36</sup> Na Internet, como meio de comunicação, a pesquisa serve-se de duas formas de procurar a informação: através de listas (index) de endereços classificados por grandes áreas temáticas ou através da escrita de uma “palavra-chave”; Como meio de comunicação, os mais usuais são o correio electrónico e os programas de IRC – *Internet Relay Chat* – para conversar, dialogar por escrito; A nível de projectos educativos com a Internet, é possível com os temas mais diversos, podem desenvolver-se actividades em tempo lectivo ou curricular na sala de aula ou em áreas curriculares não disciplinares, biblioteca escolar.

Pesquisar na Internet, muitas vezes, parece uma tarefa simultaneamente fácil, porque de rápido acesso, e difícil, não só pelo grande volume de informações disponível, como também pelo seu carácter anárquico, sendo determinante o motor de pesquisa<sup>38</sup> que se utiliza.

Moran (1997, p.6) indica alguns dos benefícios que a Internet traz à educação. Segundo ele, poderemos destacar:

- Conexões linguísticas – interacção de textos e imagens;
- Conexões geográficas – interacção de espaços, culturas, tempos e visões diferentes;
- Conexões interpessoais – interacção de pessoas e experiências diferentes;
- Flexibilidade mental
- Adaptação a ritmos diferentes, uma vez que a Internet permite a pesquisa individual;
- Capacidade de comunicação;
- Maior sentido crítico;
- Aprendizagem de línguas, principalmente o inglês;
- Visão menos compartimentada do conhecimento (interdisciplinaridade);
- Melhor preparação para o mercado do trabalho.

Indispensável, no entanto, é a existência de um projecto educativo integrado e integrador.

Um outro risco – o *isolacionismo cibernético*<sup>39</sup> (Pinto, 2002, p.171), para além da liberdade que oferece.

---

<sup>37</sup> Num estudo publicado pela revista “*New Scientist*”, o prof. J. Schutte da Universidade Estadual da Califórnia, afirma que os alunos utilizadores da Internet obtêm melhores resultados nos exames, passam mais tempo na sala de aulas, compreendem melhor a matéria e mostravam-se mais participativos nas actividades escolares, in Jornal “Público” – Suplemento Computadores, edição de 10 de Fevereiro de 1997.

<sup>38</sup> Motores de pesquisa são *sites* especializados em localizar informações na Internet.

<sup>39</sup> Pinto, Manuel Luís da Silva – *Práticas Educativas numa Sociedade Global*, Porto: Edições Asa. Segundo este autor, torna-se preocupante quando o sujeito coloca como prioridade o processo em vez do produto, ou seja quando se diverte mais na pesquisa do que com o que encontrou. Esta situação pode provocar isolamento real- refere-se aos alunos que deixam as actividades socializantes da escola para passar horas em alegadas pesquisas cibernéticas.

Reflectindo nas vantagens e inconvenientes da Internet, parece-nos ser lógico afirmar que o seu impacto no sector educativo é crescente, constituindo uma fonte inesgotável de informação e de dados e que, também por sua causa, a escola actual “é uma escola em transformação, e o que existirá no futuro será com certeza um modelo de escola que nada tem a ver com o que hoje conhecemos” (Pinto, 2002, p.197). Muitos autores afirmam que, apesar do progresso tecnológico e científico não há mais equilíbrio entre o homem e a natureza, apesar da *vizinhança virtual*, que nos caracteriza. Os desafios da Sociedade da Informação exigem respostas eficazes por parte do sistema educativo acreditando, como Dewey, que a educação “deve ajudar o aluno a funcionar sem certezas num mundo de mudanças constantes e ambiguidades que confundem”.

### **Síntese Conclusiva**

A transmissão do saber tem hoje procedimentos e suportes diferentes, que exigem do professor uma outra função, que passa por ajudar a *construir* conhecimentos com base na profícua e imensa informação existente. Dir-se-ia que o educador é cada vez mais um gestor de aprendizagens e cada vez menos um detentor clássico dos saberes institucionalizados (Pinto, 2002).

O mundo evoluiu e a sociedade em que vivemos exige de todos nós um saber que se estende por toda a vida, cabendo à escola a importante tarefa de preparar os seus alunos para os desafios de uma sociedade global, cuja riqueza se baseia, mais do que nos bens materiais, no conhecimento. Essa riqueza e essa preparação encontram na Biblioteca Escolar um meio privilegiado de construção do conhecimento na Escola.

## **PARTE 2 – ESTUDO EMPÍRICO**

---

### **CAPÍTULO 4**

Metodologia da Investigação

### **CAPÍTULO 5**

Apresentação dos Resultados

### **CAPÍTULO 6**

Discussão dos Resultados

## CAPÍTULO 4. METODOLOGIA DA INVESTIGAÇÃO

“As ciências progredem na medida em que adquirem novas verdades, como fruto da actividade reflexa de fundamentação ou investigação das causas. Não basta pois vulgarizar o que os outros encontraram; exige-se uma contribuição pessoal que traga qualquer coisa de novo: Factos, ideias, hipóteses, argumentos ...”

Júlio Fragata (1967, p.14)

Concluída a fundamentação teórica, iniciamos a exposição sobre a investigação empírica realizada, a qual se baseou nas opiniões dos alunos do 3º ciclo e professores da Escola Básica Aquilino Ribeiro, expressas através de dois inquéritos, cujos resultados são posteriormente apresentados e discutidos.

A metodologia referida foca os procedimentos da acção desenvolvida no método do trabalho de pesquisa de forma detalhada e rigorosa. Pode considerar-se, desta forma, como a explicação do tipo de pesquisa escolhida, do instrumental utilizado (questionário, entrevista etc), do tempo previsto, da equipa de investigadores e da divisão do trabalho, e tratamento dos dados, enfim, de tudo aquilo que se utilizou no trabalho de pesquisa.

Toda a acção de pesquisa traduz-se no acto de perguntar. Neste sentido, as regras metodológicas têm como objectivo exclusivo o de estabelecer o modo de obtenção de respostas. Frequentemente, estabelece-se uma equivalência entre a metodologia e o conjunto de operações necessárias ao apuramento dos objectivos de uma investigação.

Perante o tema em análise, julgamos importante conhecer o meio envolvente onde se integra o universo e a amostra em questão.

## 4.1. CARACTERIZAÇÃO DO CONCELHO DE VILA NOVA DE PAIVA

**Quadro 3 - Freguesias de Vila Nova de Paiva**

Nome	FREGUESIAS	Habitantes	Área(ha)
Alhais	- 3650-000 ALHAIS	527	1 285
Fráguas	- 3650-000 VILA NOVA DE PAIVA	279	1 663
Pendilhe	- 3650-000 PENDILHE	648	2 421
Queiriga	- 3650-000 QUEIRIGA	712	3 546
Touro	- 3650-000 TOURO	1 247	4 775
Vila Cova à Coelheira	- 3650-000 VILA NOVA DE PAIVA	1 317	3 217
Vila Nova de Paiva	- 3650-000 VILA NOVA DE PAIVA	1 411	830

Fonte: [www.sapo.pt](http://www.sapo.pt)

### 4.1.1. História

Em 1138, a rainha D. Teresa coutou a Vila de Fráguas, que por muitos anos se ficou a chamar Frávegas.

Nas inquirições de D. Afonso III já se encontram referenciadas todas as povoações que formam o actual concelho de Vila Nova de Paiva, com excepção da Queiriga que pertenceu ao termo da cidade de Viseu, até ser incorporada em 1836. Um decreto governamental de 2 de Março de 1883 determinou que Barrelas se passasse a denominar Vila Nova de Paiva, passando a Sede do concelho de Fráguas até 1895, e só em 1898 é que ficou reconhecida como concelho de Vila Nova de Paiva.

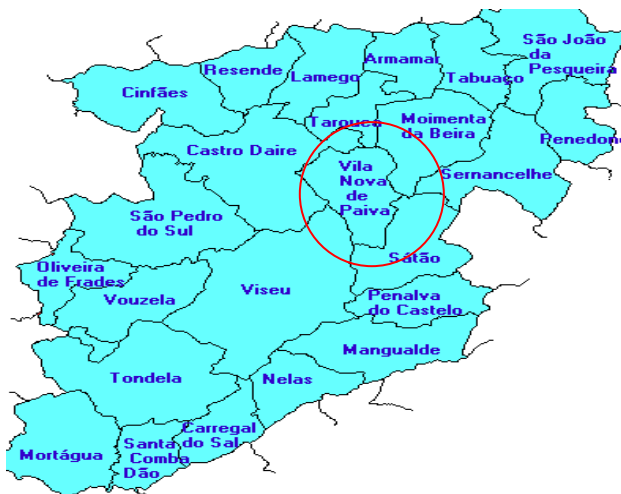
A Vila Nova de Paiva está associado o grande escritor Aquilino Ribeiro célebre pelas suas obras “*O Malhadinhas*” e “*Terras do Demo*”

Devido à riqueza arqueológica que possui desde a Pré-História até ao povoamento nas épocas romana e alto-medieval, o concelho tem sido alvo de investigação por parte de cientistas a partir do fim do século XIX, dando mesmo origem a um roteiro. A Ocupação Humana mais remota reconhecida no Alto Paiva ocorreu nas últimas centúrias do V milénio a.C. É deste período que datam as cerca de duas centenas de túmulos monumentais (as antas ou dólmenes), localmente conhecidas como orcas, e que integram a tipologia de

edifícios funerários comuns a toda a fachada atlântica da Europa designados por megalíticos.

#### 4.1.2. Localização Geográfica

Figura 1 – Mapa do Concelho de Vila Nova de Paiva



Fonte: [www.sapo.pt](http://www.sapo.pt)

O Concelho de Vila Nova de Paiva está situado no Distrito de Viseu, mais concretamente na parte setentrional da Província da Beira Alta, e faz parte da Sub-Região Dão-Lafões. É delimitado a norte pelo concelho de Moimenta da Beira, a sul pelo de Viseu, a nascente tem o concelho do Sátão e a poente o de Castro Daire.

É atravessado de norte para poente pelo Rio Paiva e delimitado a sul pelo Rio Vouga. A altitude média do concelho é de 750 metros, tendo o seu ponto mais elevado na Serra da Nave, freguesia de Touro com a altitude de 1016 metros.

O concelho tem uma área de 175,2 Km<sup>2</sup> e é composto por sete freguesias, nomeadamente Alhais, Fráguas, Pendilhe, Queiriga, Touro, Vila Cova à Coelheira e Vila Nova de Paiva.

#### 4.1.3. Demografia

Com uma área total de 175,2 Km<sup>2</sup> o concelho de Vila Nova de Paiva em 2001 tem 6141 habitantes, registando uma densidade populacional de 35,1

habitantes por Km<sup>2</sup>, que comparada com a da região centro (75,1 hab. /Km<sup>2</sup>) e com o Distrito de Viseu se verifica que é uma das mais baixas (Fonte: INE – Recenseamento Geral da População).

Ao analisar os fenómenos demográficos torna-se necessário recuar alguns anos e comparar a evolução demográfica no nosso concelho, para assim compreender todos os factores e comportamentos inerentes às diferentes oscilações.

Ainda de acordo com a mesma fonte, verifica-se que durante a década de 40 o número de população residente aumentou, atingindo o auge em 1950, com 9033 habitantes. Na década de 60 houve uma diminuição da população residente, com uma diferença de 1890 habitantes relativamente à década de 50, o que se explica com o forte período de movimentos migratórios, no qual as pessoas em busca de melhores condições de vida, deixaram o meio rural para se deslocarem para as grandes urbanizações, bem como para o estrangeiro, cujos principais países de destino eram o Canadá, o Brasil e a França. Nas décadas seguintes a população foi diminuindo e só em 2001 é que se verificou um ligeiro aumento da população, associado à imigração sobretudo dos países do leste e também ao retorno de alguns emigrantes à sua terra natal.

O concelho tem características bastante rurais, apresentando maior n.º de população nas freguesias compostas por mais lugares, como o caso de Vila Cova à Coelheira e de Touro. No entanto, é em Vila Nova de Paiva, sede do concelho, que se regista o maior n.º de habitantes.

#### **4.1.4. Dimensão Económica:**

##### **4.1.4.1. Sector Primário: Agricultura, Silvicultura e Pecuária**

O sector primário tem vindo a decrescer nas últimas décadas, denotando-se um maior decréscimo na década de 90. De 1981 a 1991, as pessoas do concelho dedicavam-se em grande número à agricultura, silvicultura e pecuária, sendo o sector que detinha mais mão-de-obra. Actualmente, este sector embora não tenha grande significado em termos de população activa, serve de complemento à economia do agregado familiar.

#### **4.1.4.2. Sector Secundário**

Este sector tem vindo a crescer lentamente, passando a ser o segundo sector mais representativo em termos de população activa, ao qual esteve inerente a criação do Parque Industrial do concelho.

#### **4.1.4.3. Sector Terciário**

O Sector terciário, ao nível dos serviços e comércio, é sem dúvida o sector com maior significado no concelho de Vila Nova de Paiva, empregando 52% da população activa, embora os estabelecimentos aqui existentes sejam de dimensão reduzida e de fraco volume de vendas. Embora possua condições favoráveis ao desenvolvimento do turismo rural, verifica-se um sub-aproveitamento das condições naturais.

### **4.2. CARACTERIZAÇÃO DA ESCOLA**

A nível da rede escolar, o concelho de Vila Nova de Paiva é abrangido pelo Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro (constituído por 8 jardins de infância, 13 escolas do 1º ciclo, e 1 Escola Básica 2,3) e por 1 escola secundária. Ao nível dos 2º e 3º ciclos, o número de alunos ronda os 298 alunos, distribuídos por 14 turmas, um total de 41 docentes e 43 funcionários (Fonte: Escola Básica 2,3 Aquilino Ribeiro).

O objecto do nosso estudo centra-se precisamente na Escola Básica 2,3 Aquilino Ribeiro, mais concretamente nos alunos do 3º ciclo. Nesta escola, no âmbito do desenho curricular previsto para o presente ano lectivo, privilegiaram-se os seguintes aspectos: a área curricular não disciplinar de Estudo Acompanhado, no 5º ano, atendendo à falta de métodos e hábitos de estudo e dificuldades na recolha e tratamento da informação; a criação de um Atelier de Informação, destinado aos alunos do 2º ciclo, para melhorar a competência da comunicação; a continuidade do plano de acção já desenvolvido pela biblioteca escolar, como forma de proporcionar condições de igualdade perante todos, no acesso à pesquisa da informação.

De acordo com o Projecto Educativo e o Projecto Curricular, constituem objectivos da escola, a promoção do sucesso educativo através de

metodologias activas e a utilização pedagógica das novas tecnologias bem como uma participação e colaboração estreitas com toda a comunidade educativa.

A taxa de analfabetismo no concelho passou de 21,2% em 1991 para 16,6% em 2001 (*Fonte: INE Censos 1991/2001*), embora persista um grande número de crianças em abandono escolar até aos 15 anos de idade. Para colmatar esta situação, a coordenação do Ensino Recorrente, agora denominada de *Novas Oportunidades*, tem vindo a desenvolver cursos nocturnos.

### 4.3. CARACTERIZAÇÃO DA BIBLIOTECA ESCOLAR

A biblioteca escolar encontra-se integrada na Rede Nacional de Bibliotecas Escolares desde o ano lectivo de 2003/2004 e tem como objectivo principal contribuir para um optimização pedagógica com vista ao sucesso educativo dos alunos.

A biblioteca da Escola Básica 2,3 Aquilino Ribeiro ocupa um espaço único, com uma área total de 93 m<sup>2</sup>, com as seguintes zonas funcionais: Recepção/Acolhimento, Leitura informal, Leitura de documentos impressos, Trabalho de grupo/Produção, Leitura áudio (2 postos), Leitura vídeo/DVD (1 posto), Informática (6 postos, todos ligados à Internet) e Ludoteca.

Dispõe de equipamentos adaptados à diversidade das suas funções (6 computadores, 1 televisão com auscultadores, 1 aparelhagem HI-FI e software de gestão bibliográfico), bem como mobiliário específico e adequado (1 secretária articulada para a zona de atendimento, 5 estantes duplas, 8 estantes simples, 3 expositores para material não-livro, 1 expositor de periódicos, 2 sofás, mesas e cadeiras).

O fundo documental é ajustado aos interesses pedagógicos, se bem que por ser bastante reduzido e algum bastante desactualizado, não vá ao encontro das necessidades da comunidade escolar. No entanto, os documentos existentes na biblioteca incluem diversos suportes (livros, publicações periódicas, vídeos, áudios, CD-ROMs) e são diversificados a nível temático.

A equipa pedagógica da biblioteca escolar é pluridisciplinar, sendo constituída por uma coordenadora com formação especializada, cinco professores e duas funcionárias.

A biblioteca escolar não tem dotação orçamental própria, pelo que a sua manutenção e investimento é feita pelo Conselho Executivo da escola.

#### 4.4. CARACTERIZAÇÃO DOS PAIS E ENCARREGADOS DE EDUCAÇÃO

De acordo com os Planos Curriculares de Turma referentes ao 3º ciclo, as famílias são numerosas, sendo que na maioria, o pai dedica-se à agricultura ou à construção civil e a mãe aos trabalhos domésticos e também à agricultura

Ainda de acordo com a mesma fonte, os encarregados de educação têm, na maioria dos casos, um baixo nível de escolaridade e ainda não assumiram a importância da sua intervenção no processo educativo dos seus educandos. Vêm muito poucas vezes à escola, mesmo quando convocados, revelando grande alheamento relativamente ao percurso escolar dos seus educandos e colaborando pouco nas iniciativas da escola; recentemente, esta situação tem vindo a modificar-se, seja pelo aumento de escolaridade dos pais, seja devido às estratégias implementadas pela escola.

#### 4.5. CARACTERIZAÇÃO DOS ALUNOS

O Agrupamento integra alunos oriundos de algumas localidades dos concelhos de Viseu, Sátão e Moimenta da Beira, dada a proximidade com este Centro Educativo.

A maior parte dos alunos revela um baixo nível de expectativas relativamente à escola, pensa-se que por diversas razões: os irmãos mais velhos, que atingiram o 12º ano, não conseguiram emprego e trabalham agora na agricultura, ou porque os seus irmãos, que apenas têm o 4º ano de escolaridade, emigraram e alcançaram um elevado nível económico.

Estes alunos revelam pouca autonomia, ausência de métodos e hábitos de estudo. Têm muitas dificuldades de comunicação, pois o seu código linguístico é restrito, pouca criatividade. Muito poucos dispõem de meios

informáticos em casa. Esta situação é agravada pela falta de concentração que manifestam, ausência de hábitos de leitura e motivação pelas actividades escolares, bem como pela existência de uma elevada percentagem de alunos com necessidades educativas especiais.

#### 4.6. CARACTERIZAÇÃO DO PESSOAL DOCENTE

Torna-se difícil proceder à caracterização do pessoal docente devido à grande mobilidade do mesmo, assim como à distribuição do serviço aquando o início do ano lectivo. Os professores, na sua maioria, não pertencem ao quadro efectivo da escola, não participando, por isso, das decisões que regem o novo ano lectivo. O trabalho em equipa com vista à implementação de novas estratégias e articulação curricular entre os diversos ciclos fica assim comprometido.

#### 4.7. PERTINÊNCIA DO ESTUDO

O tema educação e formação são preocupações constantes e actuais perante os novos desafios da sociedade de informação, pois tal como é referido pela Comissão Europeia (1995):

“A educação e a formação transmitem os pontos de referência necessários à afirmação de qualquer identidade individual e colectiva, ao mesmo tempo que permitem novos avanços científicos e tecnológicos. A autonomia que conferem aos indivíduos, se for partilhada por todos, reforça o sentimento da coesão e enraíza o sentimento de integração numa comunidade” (p. 78).

As novas concepções de Biblioteca Escolar e das novas práticas de educação e ensino, são temas pertinentes, diríamos mesmo urgentes; basta-nos recordar a aposta ao nível da formação dos professores, pelo *PRODEP III*, para o corrente ano lectivo, a qual se centra exclusivamente ao nível do desenvolvimento da Sociedade do Conhecimento. Desta forma, dá-se voz aos intervenientes neste processo, sem esquecer que a sociedade que investe nestes pilares da educação e formação, investe no seu próprio futuro. O Ministério da Educação e a Rede Nacional de Bibliotecas Escolares têm igualmente acentuado a importância crescente da informação para a sobrevivência digna dos cidadãos.

Para a escolha deste tema pesou igualmente a experiência profissional no âmbito das bibliotecas escolares, onde o contacto com a realidade fez notar a dificuldade em lidar com os novos recursos, integrando-os no contexto escolar.

#### 4.8. DESCRIÇÃO DO CONTEXTO DE ESTUDO

O presente trabalho pretende ser um documento de apoio para aqueles que desejam reflectir acerca do contributo das Bibliotecas Escolares para a construção do Conhecimento.

A reflexão sobre este tema afigura-se-nos fundamental para que os Técnicos de Educação desenvolvam, nas Bibliotecas Escolares, estratégias e programas dirigidos a alunos no sentido da construção do conhecimento e do saber.

A Biblioteca Escolar, recurso documental básico no contexto educativo, constitui um pressuposto fundamental para um maior desenvolvimento pessoal, social e cultural, permitindo desenvolver capacidades e competências indispensáveis ao binómio informação/comunicação, chave do sucesso para uma melhor integração na sociedade em que vivemos.

Assim, integrar os recursos da biblioteca, incluindo as TIC, fomentando a pesquisa escolar, ao serviço do conhecimento, torna-se o grande desafio do actual contexto educativo.

Apesar de inúmeros recursos disponíveis, rentabilizá-los para dar suporte à construção do conhecimento e não o vaguear da informação dispersa, descontextualizada e sem fins pedagógicos constitui "...a maior dificuldade desta geração nascida na era da tecnologia avançada..." (Santos, 1996, p. 99).

Perspectiva-se um longo caminho a percorrer, mas é animador constatar a organização e dinamização de muitas bibliotecas fazendo eco do profissionalismo das suas equipas pluridisciplinares, contribuindo fortemente para o sucesso educativo dos alunos, e não apenas escolar. Lamentavelmente, a nossa realidade ainda não é aquilo que gostaríamos que fosse, uma vez que a maior parte das escolas debate-se com a falta de estruturas de coordenação

das diferentes instâncias que permitem uma comunicação entre a diversidade de intervenções à luz de um Projecto Educativo comum.

Partimos do princípio de que é importante integrar formas de actuação conjunta com, na, e a partir da biblioteca pois, "...aprender a viver e a trabalhar em colaboração é uma exigência ética e epistemológica da própria função pedagógica" (Gómez, 1994).

A situação ideal torna-se utópica. Pensamos que, ao transformar a Biblioteca Escolar num espaço dinâmico de partilha de saberes, os ganhos serão maiores.

Este estudo foi realizado na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Aquilino Ribeiro de Vila Nova de Paiva, no distrito de Viseu, e aplicado a alunos e docentes que se encontravam em funções no momento da aplicação do questionário.

O trabalho foi desenvolvido através da aplicação de um questionário a um conjunto de alunos e docentes do 2º e 3º Ciclos, escolhidos aleatoriamente, da Escola mencionada.

A aplicação do instrumento de colheita de dados foi consumada no período de Março a Abril de 2007 e foi preenchido de forma individual, voluntária e confidencial.

Neste trabalho adopta-se uma estrutura que consideramos essencial para o desenvolvimento das etapas do método científico. Existem duas partes fundamentais: na primeira é apresentado todo o enquadramento teórico, servindo de base conceptual, com referência a conceitos sobre o conhecimento e sobre as dinâmicas das Bibliotecas Escolares. Na segunda parte, descreve-se e faz-se referência à metodologia utilizada, o tipo de estudo, formulação do problema, hipóteses de estudo, operacionalização das variáveis de investigação, caracterização dos sujeitos das amostras e os procedimentos adoptados. Ainda nesta parte, faz-se a apresentação dos resultados, a análise crítica dos mesmos e as principais conclusões a reter.

#### 4.9. DEFINIÇÃO DO PROBLEMA

Para Fortin (1999, p.374), o problema de investigação diz respeito a um enunciado formal do objectivo tomando a forma de uma afirmação, implicando,

para o efeito, uma investigação empírica que dá resposta às questões colocadas inicialmente.

Indo de encontro aos dados recolhidos na síntese da bibliografia consultada nesta área, esta investigação procurou responder a algumas questões que nos levaram a delinear a questão geral deste estudo:

**- Que papel desempenha a biblioteca escolar no acesso aos recursos educativos?**

A operacionalização desta questão traduz-se num conjunto de subquestões, que enraizadas nos pressupostos teóricos já apresentados em capítulos anteriores, corporizam os eixos de problematização a desenvolver e evidenciam os contornos do nosso objecto de estudo.

Assim, questionamo-nos sobre:

- A biblioteca escolar é usada pelos professores como recurso de informação para a construção do conhecimento?
- O uso da biblioteca pelos professores repercute - se no seu uso pelos alunos?
- Quem utiliza mais os recursos da Internet? Professores ou alunos?

Com o desenrolar deste trabalho de investigação pretendemos dar resposta para estas questões, através das quais surgiu o interesse sobre esta temática.

#### 4.10. DEFINIÇÃO DAS HIPÓTESES

Goode e Hatt, citados por Gil (1991), definem hipótese como uma proposição que pode ser colocada à prova para determinar a sua validade. Esta será aceite ou rejeitada depois de devidamente testada, sendo o seu papel fundamental sugerir explicações para os factos. Explicações estas que podem ser prováveis ou provisórias.

Uma hipótese permite preencher objectivamente as lacunas entre a crença pessoal e a realidade empírica, dividindo o processo de investigação e desenvolvendo o conhecimento científico.

Considerando o problema de investigação, os objectivos a que nos propusemos, assim como a base conceptual deste trabalho, foram formuladas as seguintes hipóteses:

**H<sub>1</sub>.** A Biblioteca Escolar é o principal local de acesso à Internet;

**H<sub>2</sub>.** A situação profissional dos professores influencia o uso da Biblioteca Escolar para a realização de projectos pedagógicos;

**H<sub>3</sub>.** Os professores que usam a Internet para as suas práticas lectivas fomentam atitudes de pesquisa nos alunos;

**H<sub>4</sub>.** A idade dos professores influencia a frequência com que acedem à Internet;

**H<sub>5</sub>.** Existem diferenças quanto à utilização dos recursos educativos, por alunos e professores, para a realização das pesquisas.

#### 4.11. OBJECTIVOS DO ESTUDO

O objectivo do estudo pressupõe a intenção do investigador na obtenção das respostas às suas questões e indica-nos um enunciado declarativo sobre o qual queremos orientar a investigação (Fortin, 1999).

Assim, os objectivos vão delimitar e orientar a pesquisa quanto à direcção e caminho a percorrer para a sua realização. Com base nos pressupostos anteriormente apontados e cientes da pertinência da nossa investigação e a sua contribuição para uma reflexão sobre a importância das bibliotecas escolares na formação pessoal e social dos indivíduos, definimos os seguintes objectivos para este estudo:

##### 4.11.1. Objectivos Gerais

- Reflectir sobre o contributo das Bibliotecas Escolares para a construção do conhecimento, no contexto do uso dos novos recursos de informação, como a Internet;
- Dotar a Escola Básica dos 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> Ciclos Aquilino Ribeiro de Vila Nova de Paiva de um instrumento de análise útil, para posterior

desenvolvimento de estratégias de promoção e apoio ao uso da Internet, à aprendizagem autónoma e à produção de novo conhecimento por parte dos alunos.

#### **4.11.2. Objectivos Específicos**

- Averiguar se os alunos valorizam e utilizam a Biblioteca Escolar;
- Averiguar se os docentes valorizam e incentivam a utilização da Biblioteca Escolar;
- Identificar as ferramentas informáticas que os alunos utilizam para apoiar os seus estudos;
- Saber se a eficácia da ajuda prestada, no apoio às pesquisas;
- Saber se os docentes e alunos estão satisfeitos com a prestação de serviços da biblioteca escolar;
- Identificar as disciplinas e áreas disciplinares que mais incentivam à pesquisa autónoma e uso da biblioteca;
- Averiguar se os docentes e alunos sentem as vantagens do uso pedagógico da Internet;
- Averiguar se os docentes dão apoio específico aos alunos quando lhes solicitam trabalhos de pesquisas na Internet;
- Relacionar o nível de escolaridade e o sexo com o tipo de fonte de informação utilizada pelos alunos;
- Relacionar a idade e o sexo com a utilização da Biblioteca da Escola, pelos professores, para a realização de projectos pedagógicos.

#### **4.12. TIPO DE ESTUDO**

Dentro dos tipos de pesquisa de campo (Lakatos e Marconi, 1996, pp. 76-77), quantitativos, descritivos, exploratórios e experimentais, pensamos que o presente se enquadra num estudo de caso do tipo descritivo.

Assim, perante a natureza temática do estudo “*O Contributo das Bibliotecas Escolares para a construção do conhecimento*”, o delineamento do

trabalho irá permitir, segundo Fortin (1999) a obtenção de uma informação mais completa e mais precisa do fenómeno. Tem como propósito o de observar, descrever e explorar aspectos da situação sobre a qual nos surgiram as dúvidas e as questões colocadas.

Por outro lado, está subjacente uma recolha de dados e, por este facto, utiliza-se uma técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objectivo receber informação sobre as opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas e situações vivenciadas sobre a temática em estudo.

#### 4.13. OPERACIONALIZAÇÃO DAS VARIÁVEIS

Segundo Gil (1995), a definição de variável constitui um passo marcante do estudo de investigação e tem por objectivo conferir maior precisão aos enunciados científicos.

Uma variável é algo que apresenta variação, podendo ser considerada como a qualidade de uma pessoa, grupo ou situação que varia ou assume um valor diferente.

##### 4.13.1. Variável Dependente

Para Fortin (1999) variável dependente é a variável de resultado que interessa ao pesquisador, a variável que é formulada com uma hipótese para depender de outra variável (designada de variável independente) ou para ser causada por outra variável; também designada de variável de critério.

Neste estudo foi considerado como variável dependente, “O contributo das Bibliotecas Escolares para a construção do conhecimento”.

Para o efeito seleccionaram-se os indicadores para a sua avaliação (*Anexo 1 – II, III, IV* parte do questionário) e foi elaborada uma escala com questões de escolha múltipla, com várias possibilidades de resposta.

#### **4.13.2. Variáveis Independentes**

As variáveis independentes são aquelas que afectam outras variáveis podendo contudo, não estar relacionadas com elas. Correspondem a uma intervenção manipulada pelo investigador para criar um efeito na variável dependente. Segundo Fortin (1999), a variável independente ou explicativa é muitas vezes chamada tratamento ou intervenção ou simplesmente a variável experimental.

No presente trabalho foram consideradas como variáveis independentes:

##### **Alunos**

- Nível de escolaridade
- Idade;
- Sexo;
- Nível de escolaridade dos pais.

##### **Professores**

- Idade;
- Sexo;
- Disciplinas que lecciona;
- Tempo de exercício da função docente.

#### **4.14. CARACTERIZAÇÃO GERAL DAS AMOSTRAS**

Na opinião de Cervo *et al* (1983, p. 61) a população pode referir-se a um conjunto de pessoas de animais ou de objectos que representam a totalidade de indivíduos que possuem as mesmas características definidas para um estudo. Diz-nos, ainda, que uma pesquisa é feita com uma parte representativa de “amostra”, e não com a totalidade dos indivíduos.

Na impossibilidade de estudar toda a população, e atendendo às características da presente investigação, seleccionamos uma amostra, por conveniência, relativamente à proximidade geográfica e à exequibilidade deste estudo, a qual inclui 38 docentes e 117 alunos, de ambos os sexos, da Escola

Básica dos 2º e 3º Ciclos Aquilino Ribeiro de Vila Nova de Paiva, no distrito de Viseu, que colaboraram de forma voluntária, e apenas foram aproveitados os questionários devidamente preenchidos. O objecto do estudo teve, também, outro motivo de ordem prática, o facto da autora leccionar na referida Escola.

Este tipo de amostra (amostra não probabilística de conveniência) utiliza um grupo de indivíduos que esteja disponível. Poderá tratar-se de um estudo exploratório cujos resultados não podem ser generalizados à população à qual pertence o grupo de conveniência, mas do qual se poderão obter informações preciosas (Carmo e Ferreira, 1998, p. 197).

Fortin (1999, p. 208) chama, ainda, a este tipo de amostra acidental, referindo que ela é formada por sujeitos que são facilmente acessíveis e estão presentes num local determinado, num momento preciso. Os sujeitos são incluídos no estudo à medida que se apresentam e até a amostra atingir a dimensão desejada.

#### 4.15. INSTRUMENTO DE RECOLHA DE DADOS

Conforme Fortin (1999, p.61) o processo de colheita e dados consiste em colher de forma sistemática a informação desejada junto dos participantes, com a ajuda dos instrumentos de medida escolhidos para este fim. Contudo, este deve ser e estar adaptado ao tipo de estudo em questão.

De forma a responder ao problema que nos propusemos investigar, decidiu-se seleccionar o questionário como instrumento de colheita de dados.

Segundo Cervo e Bervian (1983), o questionário é a forma mais usada para colher dados, pois acaba por possibilitar a obtenção de dados com mais rapidez e exactidão.

Para a colheita de dados optou-se pelo questionário, porque se apresenta com algumas vantagens (Gil, 1991, p.125):

- Possibilita atingir um grande número e pessoas;
- Implica menores gastos com o pessoal (dado que não é necessário o treino dos pesquisadores);
- Garante o anonimato;
- Permite que as pessoas respondam no momento que julgarem mais apropriado;

- Os pesquisadores não são influenciados pelo entrevistado.  
Como desvantagens pode-se referir, de acordo com Gil (1991, p.125):
- Excluir as pessoas que não sabem ler e escrever;
- Impede o auxílio do informante que não entende as questões e/ou instruções;
- Não permite saber quais as circunstâncias em que foi respondido (o que limita a avaliação da qualidade das respostas);
- Não oferece garantias de que os inquiridos o devolvam totalmente preenchido, o que pode significar uma perda da representatividade da amostra;
- É geralmente constituído por um pequeno número de questões;
- Proporciona resultados bastantes críticos no que respeita à objectividade, uma vez que os itens podem ter significados diferentes para cada sujeito.

Na elaboração do questionário é necessário observar algumas regras, de modo a traduzir os objectivos da investigação e ser apelativo no sentido de motivar o sujeito para o seu preenchimento. Neste sentido, o instrumento de colheita de dados foi elaborado de forma a permitir o estudo das variáveis seleccionadas para esta investigação.

Na **Parte I** existem questões de escolha múltipla que permitem obter informação sobre os dados sócio-demográficos dos sujeitos. Esta informação permite caracterizar o grupo, nomeadamente quanto ao ano de escolaridade, idade, sexo, profissão dos pais e nível de escolaridade dos pais. No que diz respeito ao questionário aplicado aos docentes, recolhe-se informação acerca da situação profissional, idade, sexo habilitações académicas, disciplina e áreas curriculares não disciplinares que lecciona, tempo de exercício da função docente, tempo de serviço na Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Aquilino Ribeiro. Neste estudo, as variáveis supracitadas consideram-se as variáveis independentes e são susceptíveis de influenciar a variável dependente.

Na **Parte II** foram incluídas questões de escolha múltipla sobre o uso da Biblioteca, a **Parte III** aplica-se ao uso da Internet e a **Parte IV** ao tipo de pesquisas que habitualmente se faz na escola. Assim, esta informação, permite-nos definir a variável dependente que supostamente surge como consequência ou efeito das variáveis independentes.

A elaboração do questionário foi fundamentada no enquadramento teórico e nos conhecimentos adquiridos ao longo do curso.

#### 4.16. PROCEDIMENTOS ADOPTADOS

Faz parte do Curso de Mestrado em Administração e Planificação em Educação, da Universidade Portucalense, a elaboração do trabalho de investigação, o qual, para além de formar, prepara para investigações futuras permitindo aprofundar metodologias e aplicar conhecimentos.

Numa fase inicial realizou-se um projecto, que foi aprovado, pela referida Universidade e pela Orientadora desta dissertação.

Procedeu-se de seguida à revisão bibliográfica sobre o tema de forma a adquirir uma base conceptual sólida e que sirva de base ao trabalho empírico.

A aprovação da fundamentação teórica foi obtida com a realização de consecutivas reuniões com a Orientadora.

Como instrumento de colheita de dados foi utilizado um questionário. Este foi também submetido a aprovação por parte da Orientadora a fim de ser autorizada a sua aplicação à população em estudo (anexos 1 e 2). Numa fase inicial aplicou-se, também, um pré-teste para averiguar a legitimidade dos itens e, se na realidade, mediam aquilo que se pretendia estudar.

De seguida, o questionário foi aplicado, após autorização do Órgão de Gestão da Escola, a docentes e alunos da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Aquilino Ribeiro, de Vila Nova de Paiva, no distrito de Viseu, que se disponibilizaram para o estudo.

Para a aplicação do questionário tentou-se seguir os códigos de ética, de âmbito nacional e internacional. Segundo Ribeiro (1999, p.67) sem um código de ética que aponte limites e oriente os passos da investigação, a própria investigação pode ficar em causa.

Como o objectivo desta investigação é o estudo de seres humanos, não se pode pôr em causa os seus direitos e liberdades. Desta forma, deu-se relevo aos cinco direitos fundamentais dos seres humanos, presentes em códigos de ética que devem ser levados em conta aquando da realização de uma investigação.

- Direito à Autodeterminação
- Direito à Intimidade
- Direito ao Anonimato e Confidencialidade
- Direito à Protecção contra o Desconforto e Prejuízo
- Direito a um Tratamento Justo e Equitativo

A última etapa do trabalho debruça-se sobre a recolha e tratamento estatístico dos dados recolhidos através do questionário, de modo a serem apresentados os resultados com a consequente análise crítica dos mesmos e as conclusões a reter.

O tratamento dos dados será feito com recurso a tratamento informático. Na caracterização sócio-demográfica, para descrever as variáveis, utilizaram-se quadros de frequências e percentagens. O tratamento estatístico foi realizado através da ajuda dos programas Microsoft Excel e Statistical Package for the Social Science (SPSS 13.0).

#### 4.17. LIMITAÇÕES DO TRABALHO

Este trabalho apresenta algumas limitações que decorrem do método de investigação utilizado: estudo de caso.

Este método apresenta como características, o aprofundamento do estudo do problema, permitindo o conhecimento e a análise intensiva da relação estudada, no entanto impede que as conclusões obtidas sejam generalizadas para outros objectos de estudo.

O número de sujeitos que compõem a amostra aleatória simples é outro ponto a ser mencionado como limitante desta pesquisa, bem como o tempo destinado a esta.

## CAPÍTULO 5. APRESENTAÇÃO DOS RESULTADOS

Os resultados que seguidamente serão apresentados referem-se às análises estatísticas dos dados recolhidos e serão organizados com o objectivo de dar resposta à questão de investigação e testar as hipóteses formuladas. Esta apresentação dos dados obtidos, tem uma abordagem descritiva, ficando a interpretação reservada para o capítulo da discussão dos resultados.

### 5.1. ANÁLISE DESCRITIVA REFERENTE AOS ALUNOS

De acordo com Pestana e Gageiro (2003, p. 41) a estatística descritiva centra-se no estudo de características não uniformes das unidades observadas, como por exemplo de pessoas, cidades, famílias, etc.

#### 5.1.1. Caracterização da Amostra

A amostra vai ser caracterizada em função do objectivo do estudo, sendo os indivíduos caracterizados relativamente aos dados sócio-demográficos: nível de escolaridade, idade, sexo, profissão dos pais e nível de escolaridade dos pais.

#### Nível de Escolaridade

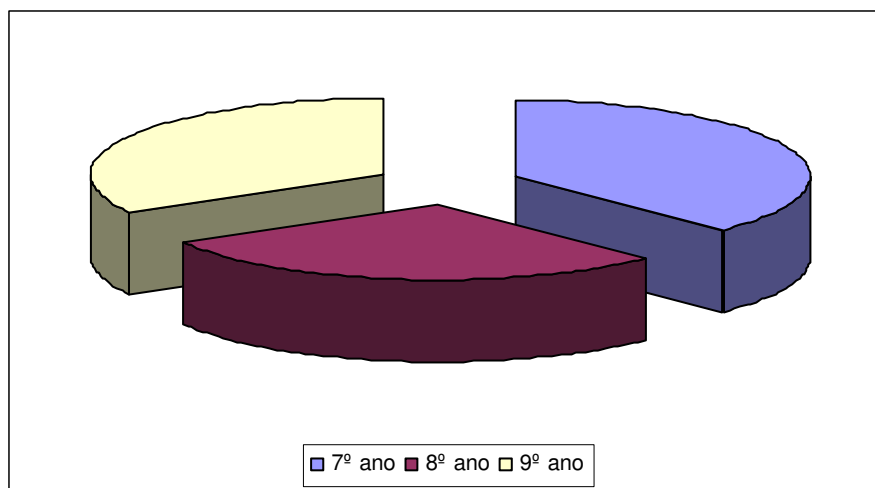
No que diz respeito ao nível de escolaridade dos alunos (quadro 4) 37,6% frequentam o 7º ano; 29,1% o 8º ano e 33,3% dos alunos frequentam o 9º ano de escolaridade.

**Quadro 4 – Distribuição de frequências em função do nível de escolaridade**

Nível de escolaridade	N	%
7º ano	44	37,60
8º ano	34	29,10
9º ano	39	33,30
Total	117	100,00

Analisando a representação gráfica que se segue ressalta a homogeneidade da amostra, em termos de número de alunos por nível de escolaridade.

**Gráfico 1 – Representação gráfica da distribuição de frequências em função do nível de escolaridade**



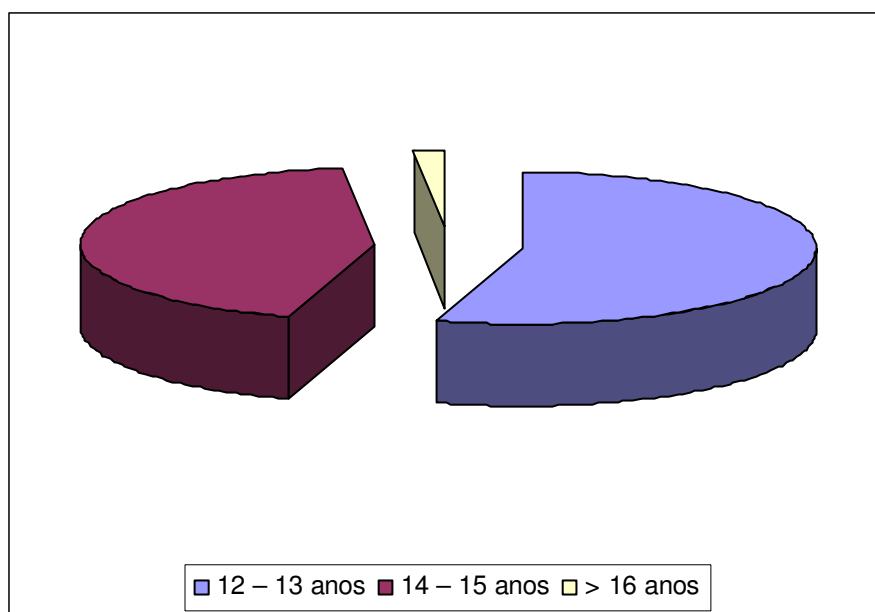
### Idade

Quanto à idade observa-se, no quadro 5, que 54,7% dos alunos enquadram idades entre os 12 – 13 anos; 43,3% entre os 14 – 15 anos e 1,7% dos alunos apresentam mais de 16 anos de idade.

**Quadro 5 – Distribuição de frequências em função da idade**

Idade	N	%
12 – 13 anos	64	54,70
14 – 15 anos	51	43,60
> 16 anos	2	1,70
Total	117	100,00

**Gráfico 2 – Representação gráfica da distribuição de frequências em função da idade**

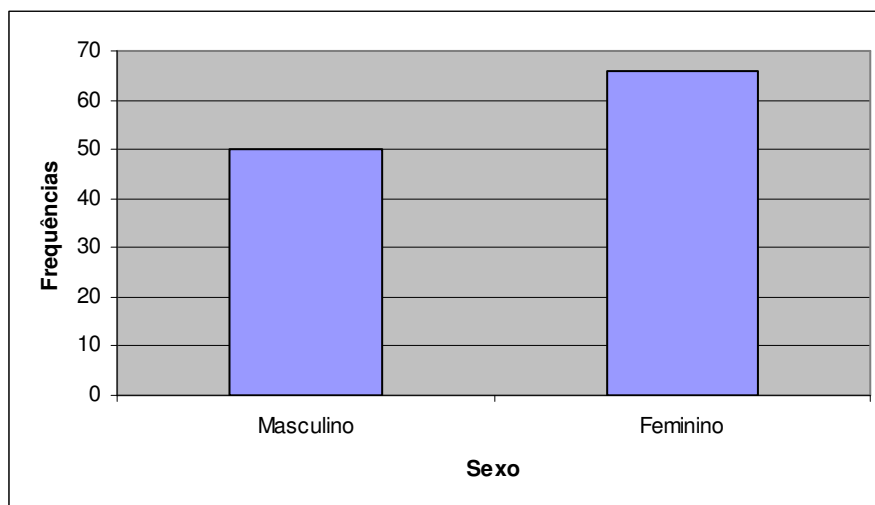


### Sexo

Relativamente ao sexo pode observar-se (quadro 6) que 57,3% são do sexo feminino e 42,7% dos alunos são do sexo masculino.

**Quadro 6 – Distribuição de frequências em função do sexo**

Sexo	N	%
Masculino	50	42,70
Feminino	67	<b>57,30</b>
Total	117	100,00

**Gráfico 3 – Representação gráfica da distribuição de frequências em função do sexo**

### **Profissão dos Pais**

No que diz respeito à profissão dos pais fez-se a análise através da nomenclatura utilizada pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional (quadro 7); 6,80% dos alunos não responderam quanto à profissão dos pais; 38,4% são trabalhadores não qualificados; 22,2% são operários e artificies e trabalhadores similares; 12,0% é pessoal dos serviços e vendedores; 5,1% pertencem aos técnicos e profissionais de nível intermédio; percentagem igual à do pessoal administrativo e similares e dos reformados; 2,6% dos pais são especialistas das profissões intelectuais e científicas; 1,7% são desempregados e 0,9% operários de instalações e máquinas.

Quanto às mães, 15,4% é pessoal dos serviços e vendedores; 7,7% são operários e artificies e trabalhadores similares; 6,8% pertencem ao pessoal administrativo e similares; 6% das mães são especialistas das profissões intelectuais e científicas; 3,4% pertencem aos técnicos e profissionais de nível intermédio; 0,9% são operários de instalações e máquinas; percentagem igual à das reformadas e das desempregadas; 4,3% dos alunos não responderam quanto à profissão das mães. Em resumo, os pais e as mães dos alunos enquadram profissões diversificadas; no entanto, uma grande percentagem vai para os trabalhadores não qualificados.

**Quadro 7 – Distribuição de frequências em função da profissão dos pais**

Profissão dos pais	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Não respondeu	8	6,80	5	4,30
Especialistas das profissões Intelectuais e científicas	3	2,60	7	6,00
Técnicos e profissionais de nível intermédio	6	5,10	4	3,40
Pessoal Administrativo	6	5,10	8	6,80
Pessoal dos serviços e vendedores	14	12,00	18	15,40
Operários e artificies	26	22,20	9	7,70
Operadores de instalações e máquinas	1	0,90	0	0,00
Trabalhadores não qualificados	45	38,50	64	54,70
Reformado	6	5,10	1	0,90
Desempregado	2	1,70	1	0,90
Total	117	100,00	117	100,00

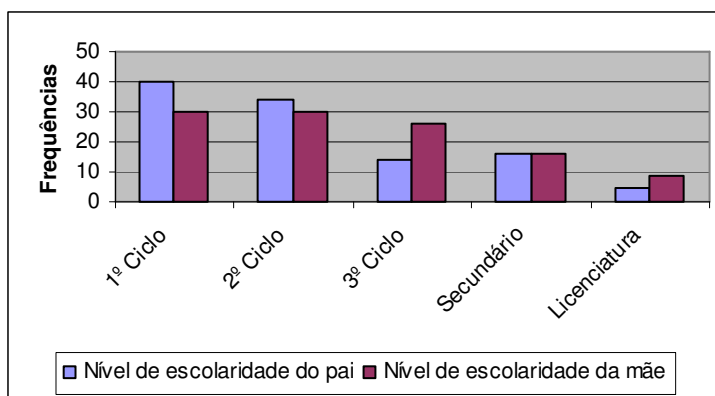
### Nível de Escolaridade dos Pais

Sobre o nível de escolaridade dos pais observa-se, através do quadro 9, que 34,2% dos pais têm o 1º Ciclo; 30,1% têm o 2º Ciclo; 13,7% têm o ensino secundário; 12,0% têm o 3º Ciclo e 4,3% são detentores de uma licenciatura. Quanto às mães, 25,6% têm o 1º Ciclo; a mesma percentagem obtiveram o 2º Ciclo; 22,2% têm o 3º Ciclo; 13,7% têm o ensino secundário e 7,7% apresentam-se com uma licenciatura. A maioria dos pais e mães apresentam baixo nível de escolaridade, entre o 1º, 2º e 3º Ciclos. Através da análise da representação gráfica denota-se que as mães apresentam maior escolaridade que os pais.

**Quadro 8 – Distribuição de frequências em função do nível de escolaridade dos pais**

Nível de escolaridade dos pais	Pai		Mãe	
	N	%	N	%
Não respondeu	8	6,80	6	5,10
1º Ciclo	40	<b>34,20</b>	30	<b>25,60</b>
2º Ciclo	34	<b>30,10</b>	30	<b>25,60</b>
3º Ciclo	14	12,00	26	22,20
Secundário	16	13,70	16	13,70
Licenciatura	5	4,30	9	7,70
Total	117	100,00	117	100,00

**Gráfico 4 – Distribuição de frequências em função do nível de escolaridade dos pais**



### 5.1.2. Caracterização do Uso da Internet

#### Local de acesso à Internet

No que concerne ao local de acesso à Internet, pelos alunos, verifica-se pelo quadro 9 que 64,1% acede a este recurso na escola; 31,7% tem acesso em casa; 22,2% em casa de familiares ou amigos e 0,9% não tem acesso à Internet.

**Quadro 9 – Distribuição de frequências em função do local de acesso à Internet**

Local de acesso à Internet	N	%
Em casa	37	31,70
Na escola	75	<b>64,10</b>
Em casa de familiares e amigos	26	22,20
Não tem acesso	1	0,90
Acesso noutra local	17	15,50

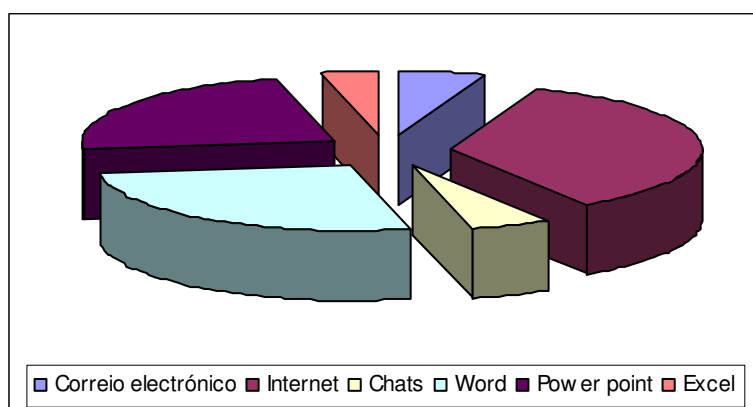
### Ferramentas Informáticas utilizadas para apoiar o estudo

No quadro 10 pode observar-se que, quanto às ferramentas informáticas que os alunos utilizam para apoiar os estudos, 82,9% usam a Internet; 63,2% o *Word*; 54,7% o *PowerPoint*; 12,8% dos alunos referem o *Correio electrónico*; 12,0% os *Chats* e 8,5% o *Excel*. As ferramentas informáticas mais utilizada pelos alunos são a Internet e o *Word*.

**Quadro 10 – Distribuição de frequências em função das ferramentas que utiliza para apoiar os estudos**

Ferramentas que utiliza para apoiar o estudo	N	%
Correio electrónico	15	12,80
Internet	97	<b>82,90</b>
Chats	14	12,00
Word	74	<b>63,20</b>
Power point	64	54,70
Excel	10	8,50

**Gráfico 5 – Representação gráfica da distribuição de frequências em função das ferramentas que utiliza para apoiar os estudos**



### Contexto em que acede à Internet

**Escola:** 64,1% acedem às vezes à Internet através das aulas; 21,4% acedem raramente; 9,4% acedem frequentemente e 5,1% nunca acedem à Internet através das aulas.

**Clubes:** 68,4% dos alunos nunca acedem à Internet através dos clubes; 17,9% às vezes; 8,5% raramente e 5,1% acedem frequentemente à Internet através dos clubes.

**Tempo livre:** 48,7% referem que acedem às vezes; 18,8% raramente; 18,8% nunca e 13,7% acedem no tempo livre

Realça-se que o contexto em que os alunos mais acedem à Internet é nas aulas e no tempo livre. No que diz respeito aos clubes, utilizam menos este recurso de acesso.

**Quadro 11 – Distribuição de frequências em função do contexto em que acede à Internet**

Contexto em que acede à Internet	Aulas		Clubes		Tempo livre	
	N	%	N	%	N	%
Frequentemente	11	9,40	6	5,10	16	13,70
Às Vezes	75	<b>64,10</b>	21	17,90	57	<b>48,70</b>
Raramente	25	21,40	10	8,50	22	18,80
Nunca	6	5,10	80	<b>68,40</b>	22	18,80
Total	117	100,00	117	100,00	117	100,00

### Período do dia em que tem mais disponibilidade para consultar a Internet

Relativamente ao período do dia em que os alunos têm mais disponibilidade para consultar a Internet, 88,9% referem que é o tempo de aulas; 66,7% o tempo livre; 31,6% a hora de almoço e 9,4% os intervalos (quadro 12).

**Quadro 12 – Distribuição de frequências em função do período que tem mais disponibilidade para consultar à Internet**

Período do dia em que tem mais disponibilidade para consultar a Internet	N	%
Tempo de aulas	13	<b>88,90</b>
Intervalos	11	9,40
Hora de almoço	37	31,60
Tempo livre	78	<b>66,70</b>

### **Dificuldade no uso da Internet**

Sobre a dificuldade no uso da Internet, 48,7% dos alunos referem que é fácil; 47,9% referem que é muito fácil e 3,4% consideram difícil.

**Quadro 13 – Distribuição de frequências em função da dificuldade no uso da Internet**

Dificuldade no uso da Internet	N	%
Muito fácil	56	<b>47,90</b>
Fácil	57	<b>48,70</b>
Difícil	4	3,40
Total	117	100,00

### **Ajuda na pesquisa**

Quando os alunos procedem a uma pesquisa na biblioteca escolar, 16,2% solicita ajuda e 83,8% não solicita ajuda (quadro 14). Quando solicitam ajuda, a maioria (70,1%), considera-a eficaz.

**Quadro 14 – Distribuição de frequências em função da ajuda que solicitam quando procedem a pesquisas na biblioteca escolar**

Solicita ajuda quando procede a uma pesquisas na biblioteca escolar	N	%
Sim	19	16,20
Não	98	<b>83,80</b>
Total	117	100,00
Muito eficaz	11	10,30
Eficaz	82	<b>70,10</b>
Pouco eficaz	24	19,70
Total	117	100,00

No quadro 15 apontam-se as razões que os alunos indicam para o facto de a ajuda ser pouco eficaz: 56,4% referem a falta de tempo de quem apoia; 27,4% dos alunos justificam devido à formação inadequada de quem apoia e 16,2% sentem que existe um perfil inadequado no atendimento.

Quando os alunos não solicitam ajuda, 4,3% referem que não se sentem à vontade; 90,6% não precisa e 5,1% não o podem ajudar.

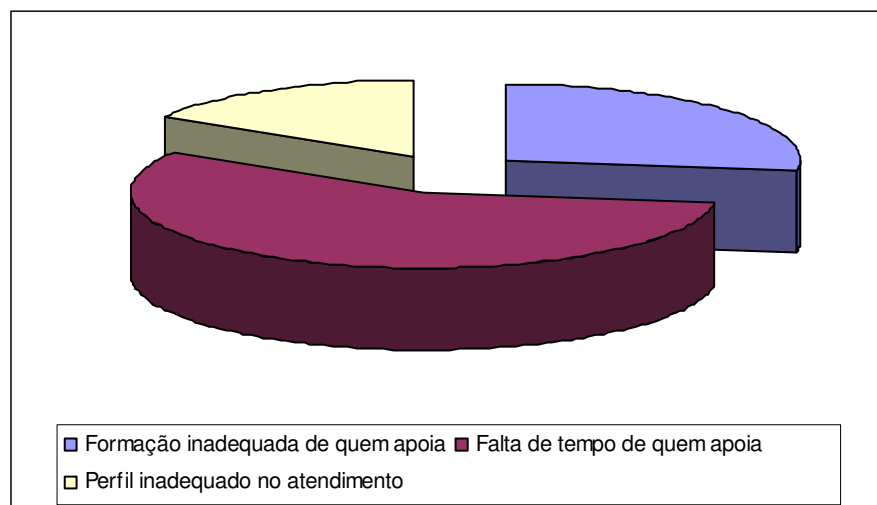
Realce-se que a maior parte dos alunos (83,8%) não solicita ajuda.

**Quadro 15 – Distribuição de frequências em função das razões da ajuda ser pouco eficaz**

A ajuda revela-se pouco eficaz devido a:	N	%
Formação inadequada de quem apoia	32	27,40
Falta de tempo de quem apoia	66	<b>56,40</b>
Perfil inadequado no atendimento	19	16,20
Total	117	100,00

Como facilmente se observa, os alunos realçam a falta de tempo de quem apoia como razão para a ajuda não ser eficaz.

**Gráfico 6 – Representação gráfica da distribuição de frequências em função das razões da ajuda ser pouco eficaz**



### Fontes de informação para realizar pesquisas

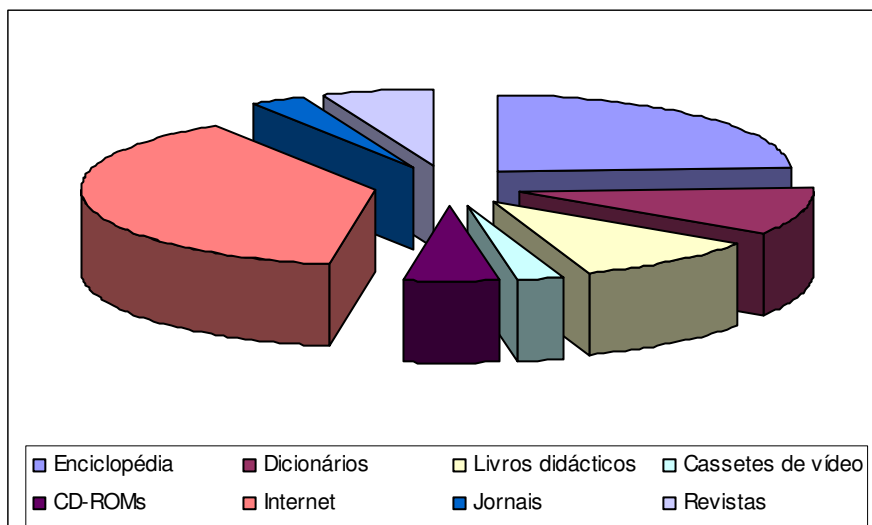
No que diz respeito às fontes de informação que os alunos costumam consultar para realizar pesquisas, como se refere no quadro 16: 93,2% usam a Internet; 59% realçam ainda as enciclopédias; 24,8% os dicionários e os livros didáticos; 14,5% dos alunos utilizam revistas como fonte de informação; 12,8% os CD-ROM; 7,7% os jornais e 6% as cassetes de vídeo.

Como se pode verificar a fonte de informação mais utilizada, para as pesquisas dos alunos, é a Internet e as enciclopédias.

**Quadro 16 – Distribuição de frequências em função do tipo de fonte de informação que costuma consultar para realizar as pesquisas (escolha múltipla)**

Tipo de fonte de informação que costuma consultar para realizar as pesquisas	N	%
Enciclopédia	69	<b>59,00</b>
Dicionários	29	24,80
Livros didáticos	29	24,80
Cassetes de vídeo	7	6,00
CD-ROM	15	12,80
Internet	109	<b>93,20</b>
Jornais	9	7,70
Revistas	17	14,50

**Gráfico 7 – Representação gráfica da distribuição de frequências em função do tipo de fonte de informação que costuma consultar para realizar as pesquisas**



### 5.1.3. Caracterização do Uso da Biblioteca

#### Uso da biblioteca da escola

No que concerne ao uso da biblioteca da escola, 70,9% dos alunos referem que costumam frequentá-la e 29,1% dos alunos não costumam ir à biblioteca.

**Quadro 17 – Distribuição de frequências em função do uso da biblioteca**

Costuma frequentar a biblioteca escolar	N	%
Sim	83	<b>70,90</b>
Não	34	29,10
Total	117	100,00

Assim, 39,3% frequenta a biblioteca de vez em quando; 29,9% 1 a 2 vezes por semana; 17,1% dos alunos vai à biblioteca todos os dias; 7,7% dos alunos não utilizam a biblioteca; 4,3% de 15 em 15 dias; 1,7% 1 vez por mês;

Efectivamente, os alunos utilizam a biblioteca com pouca frequência, predominando a variável *de vez em quando*.

**Quadro 18 – Distribuição de frequências em função da utilização da biblioteca**

Com que frequência utiliza a biblioteca escolar	N	%
Todos os dias	20	17,10
1 a 2 vezes por semana	35	<b>29,90</b>
De 15 em 15 dias	5	4,30
1 vez por mês	2	1,70
De vez em quando	46	<b>39,30</b>
Não utilizo a biblioteca da escola	9	7,70
Total	117	100,00

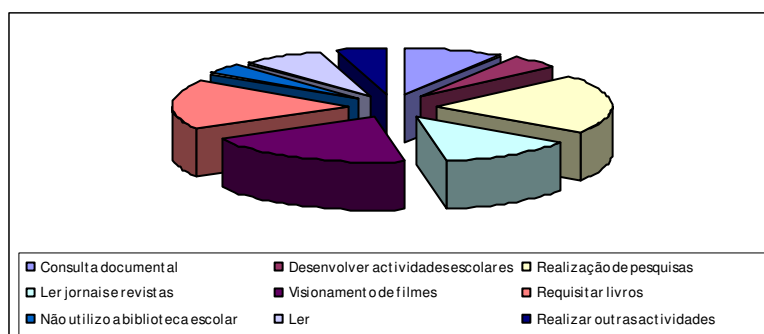
### Actividades que desenvolvem na biblioteca escolar

Sobre as actividades que desenvolvem na biblioteca escolar, 51,3% procede à realização de pesquisas; 47,9% ao visionamento de filmes; 42,7% requisita livros; 30,8% lê jornais e revistas; 22,2% dos alunos referem a consulta documental; 18,8% a leitura; 11,1% o desenvolvimento de actividades escolares; 11,1% realizam outras actividades e 8,5% não utilizam a biblioteca da escola. Denota-se que as actividades mais desenvolvidas na biblioteca são as pesquisas e o visionamento de filmes.

**Quadro 19 – Distribuição de frequências em função das actividades que desenvolvem na biblioteca escolar**

Actividades que desenvolve na biblioteca escolar	N	%
Consulta documental	26	22,20
Desenvolver actividades escolares	13	11,10
Realização de pesquisas	60	<b>51,30</b>
Ler jornais e revistas	36	30,80
Visionamento de filmes	56	<b>47,90</b>
Requisitar livros	50	42,70
Não utilizo a biblioteca escolar	10	8,50
Ler	22	18,80
Realizar outras actividades	13	11,10

**Gráfico 8 – Representação gráfica da distribuição de frequências em função das actividades que desenvolvem na biblioteca escolar**



### Satisfação com a prestação de serviços da biblioteca da escola

Sobre a satisfação com a prestação de serviços da biblioteca da escola, 76,1% dos alunos consideram que estão satisfeitos e 23,9% não estão satisfeitos.

**Quadro 20 – Distribuição de frequências em função da satisfação com a prestação de serviços da biblioteca escolar**

Satisfação com a prestação de serviços da biblioteca escolar	N	%
Sim	89	<b>76,10</b>
Não	28	23,90
Total	117	100,00

### Opinião acerca do que devia melhorar na biblioteca escolar

No que diz respeito a esta questão e, por ser uma questão aberta, fez-se a análise de conteúdo. Emergiu uma categoria associada à opinião dos alunos acerca do que devia melhorar na biblioteca escolar, com três subcategorias: Organização e funcionamento da biblioteca, recursos e outros aspectos. Sobre as unidades de registo da subcategoria organização e funcionamento da biblioteca, verifica-se que 10,3% referem que os funcionários deviam ser mais acessíveis e competentes; 5,1% dos alunos referem mais espaço para jogos; 1,7% realçam que devia haver silêncio; 1,7% devia estar aberta mais tempo; 0,9% mais luz solar e 0,9% dos alunos referem que a biblioteca devia ter melhores horários.

Relativamente às unidades de registo da subcategoria recursos, 18,8% consideram que os computadores deviam ser mais actualizados; 8,5% dos alunos referem que a biblioteca devia ter mais filmes e mais variados; para 4,3% devia ter mais livros e revistas para adolescentes; 0,9% gostavam que existissem mais CD e DVD e 0,9% dos alunos referem a falta de jornais de desporto e 0,9% mais enciclopédias. Na categoria outros aspectos, 35,9% dos alunos não têm opinião sobre o assunto; 6,8% consideram que está tudo bem e 2,6% dos alunos acham que devia mudar tudo.

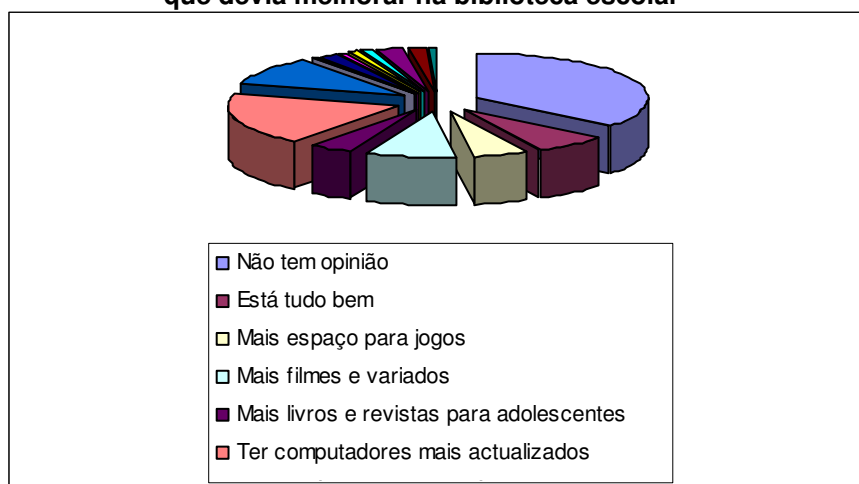
Realçam-se os registos associados à opinião que têm relativamente aos funcionários da biblioteca, que supostamente deviam ser mais acessíveis e

competentes, e aos computadores que deviam ser mais actualizados. Uma grande percentagem não tem opinião, pensa-se que devido ao facto de utilizarem apenas de vez em quando este espaço para as suas pesquisas e apoio no estudo.

**Quadro 21 – Análise de conteúdo sobre a opinião do que devia melhorar na biblioteca escolar**

Categoria	Subcategorias	Unidades de Registo	Unidades de enumeração	%
O que devia melhorar na biblioteca escolar	Organização e funcionamento da biblioteca	Mais espaço para jogos	6	5,10
		Funcionários mais acessíveis e competentes	12	<b>10,30</b>
		Mais silêncio	2	1,70
		Aberta mais tempo	2	1,70
		Melhores horários	1	0,90
		Luz solar	1	0,90
	Recursos	Mais filmes e variados	10	8,50
		Mais livros e revistas para adolescentes	5	4,30
		Ter computadores mais actualizados	22	<b>18,80</b>
		CD e DVD	1	0,90
		Jornais de desporto	1	0,90
		Enciclopédias	1	0,90
	Outros	Devia mudar tudo	3	2,60
		Não tem opinião	42	<b>35,90</b>
		Está tudo bem	8	6,80

**Gráfico 9 – Representação gráfica da distribuição de frequências em função do que devia melhorar na biblioteca escolar**



#### 5.1.4. Caracterização da Pesquisa Escolar

A propósito da pesquisa escolar para as várias disciplinas, 41,9% pesquisam às vezes; 24,8% pesquisam frequentemente; 13,7% dos alunos consideram que pesquisam sempre; 12% raramente e 7,7% dos alunos nunca fazem pesquisas para as disciplinas da escola.

**Quadro 22 – Distribuição de frequências em função das pesquisas para as disciplinas da escola**

Costuma pesquisar para as disciplinas da escola	N	%
Sempre	16	13,70
Frequentemente	29	24,80
Às vezes	49	<b>41,90</b>
Raramente	14	12,00
Nunca	9	7,70
Total	117	100,00

#### **Professores que costumam sugerir a biblioteca da escola para fazer pesquisas**

Sobre os professores que costumam sugerir a biblioteca da escola para fazer pesquisas:

Língua Portuguesa – 21,4% dos professores sugere frequentemente; 48,7% às vezes e 29,9% nunca sugerem;

Língua Estrangeira I - 6% dos professores sugere frequentemente; 36,8% às vezes e 57,3% nunca sugerem;

História – 6,8% dos professores sugere frequentemente; 40,2% às vezes e 53% nunca sugerem;

Matemática - 6,8% dos professores sugerem frequentemente; 30,8% às vezes e 62,4% nunca sugerem;

Ciências Naturais – 12% dos professores sugerem frequentemente; 53% às vezes e 35% nunca sugerem;

Educação Visual – 5,1% dos professores sugere frequentemente; 24,8% às vezes e 70,1% nunca sugerem;

Educação Física – 5,1% dos professores sugere frequentemente; 28,2% às vezes e 66,7% nunca sugere;

TIC – 8,5% dos professores sugere frequentemente; 29,9% às vezes e 61,6% nunca sugerem;

Estudo Acompanhado – 6% dos professores sugere frequentemente; 36,8% às vezes e 57,3% nunca sugerem;

Área de Projecto - 19,7% dos professores sugere frequentemente; 47% às vezes e 33,3% nunca sugerem.

Como se pode observar, os professores que mais solicitam a utilização da biblioteca escolar para as pesquisas são os de Língua Portuguesa, Ciências Naturais e Área de Projecto. Os professores que menos sugerem a biblioteca são os de Educação Visual e Educação Física.

**Quadro 23 – Distribuição de frequências em função dos professores que costumam sugerir a biblioteca para fazer pesquisas**

Professores que costumam sugerir a biblioteca para fazer pesquisas	Frequente		Às vezes		Nunca	
	N	%	N	%	N	%
Língua Portuguesa	25	<b>21,40</b>	57	<b>48,70</b>	35	29,90
Língua Estrangeira I	7	6,00	43	36,80	67	57,30
História	8	6,80	47	40,20	62	53,00
Matemática	8	6,80	36	30,80	73	62,40
C. Naturais	14	12,00	62	<b>53,00</b>	41	35,00
Educação Visual	6	5,10	29	24,80	82	<b>70,10</b>
Educação Física	6	5,10	33	28,20	78	<b>66,70</b>
TIC	10	8,50	35	29,90	72	61,50
Estudo Acompanhado	7	6,00	43	36,80	67	57,30
Área de Projecto	23	<b>19,70</b>	55	47,00	39	33,30

### Material existente na biblioteca

Relativamente ao material existente na biblioteca, 47,9% acham-no diversificado; 23,9% dos alunos consideram-no actualizado e 28,2% dos alunos referem que o material para pesquisas é pouco.

**Quadro 24 - Distribuição de frequências em função do material da biblioteca**

Material da biblioteca	N	%
Material actualizado	28	23,90
Material diversificado	56	<b>47,90</b>
Pouco material para pesquisa	33	28,20
Total	117	100,00

## 5.2. ANÁLISE DESCRITIVA REFERENTE AOS DOCENTES

### 5.2.1 – Caracterização da Amostra

#### Situação profissional

No que se refere à situação profissional dos docentes incluídos nesta amostra, verifica-se que 51,2% pertencem ao Quadro de Nomeação Definitiva; 19,5% ao Quadro de Zona Pedagógica; 19,5% são Contratados Profissionalizados e 9,8% dos docentes são Contratados não Profissionalizados.

A Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Aquilino Ribeiro, na sua maioria, enquadra nos seus quadros docentes com nomeação definitiva.

**Quadro 25 – Distribuição de frequências em função da situação profissional**

Situação profissional	N	%
Quadro de Nomeação Definitiva	21	<b>51,20</b>
Quadro de Zona Pedagógica	8	19,50
Contratado Profissionalizado	8	19,50
Contratado não Profissionalizado	4	9,80
Total	41	100,00

#### Idade

Quanto à idade dos docentes observa-se que 46,3% entre 36 – 45 anos; 39% entre 26 – 35 anos; 9,8% entre 46 – 55 anos; 2,4% dos docentes têm menos de 25 anos e 2,4% dos docentes têm entre 56 – 60 anos.

A maioria dos docentes apresenta idades entre os 36 e 45 anos.

**Quadro 26 – Distribuição de frequências em função da idade**

Idade	N	%
< 25 anos	1	2,40
26 – 35 anos	16	<b>39,00</b>
36 – 45 anos	19	<b>46,30</b>
46 – 55 anos	4	9,80
56 – 60 anos	1	2,40
Total	41	100,00

### Sexo

No que concerne ao sexo, 46,3% são do sexo masculino e 53,7% dos docentes são do sexo feminino.

Apesar da maioria dos docentes pertencer ao sexo feminino, a amostra revela-se homogênea quanto ao sexo.

**Quadro 27 - Distribuição de frequências em função do sexo**

Sexo	N	%
Masculino	19	46,30
Feminino	22	<b>53,70</b>
Total	41	100,00

### Habilitações acadêmicas

Relativamente às habilitações acadêmicas 75,6% dos professores são detentores de licenciatura; 12,2% têm especialização; 4,9% têm o bacharelato e 7,3% dos docentes têm o mestrado.

A maioria dos docentes é detentora de uma licenciatura.

**Quadro 28 – Distribuição de frequências em função das habilitações acadêmicas**

Habilitações Acadêmicas	N	%
Bacharelato	2	4,90
Licenciatura	31	<b>75,60</b>
Especialização	5	12,20
Mestrado	3	7,30
Total	41	100,00

### Situação profissional no presente ano lectivo

Quanto à situação profissional, no presente ano lectivo, 31,7% são do quadro da escola onde leccionam; 29,3% são contratados; 19,5% são do quadro de escola destacado; 17,1% são do quadro de zona pedagógica e 2,4% apresentam outra situação.

A maioria dos docentes é do quadro da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Aquilino Ribeiro; contudo, existe também uma grande percentagem de docentes contratados.

**Quadro 29 – Distribuição de frequências em função da situação profissional, no presente ano lectivo**

Situação profissional	N	%
Quadro de escola onde lecciona	13	31,70
Quadro de escola destacado	8	19,50
Quadro de zona pedagógica	7	17,10
Contratado	12	29,30
Outra	1	2,40
Total	41	100,00

### Disciplina ou área curricular não disciplinar que lecciona

Sobre a disciplina ou área curricular não disciplinar que os docentes leccionam, 22% são professores de Língua Portuguesa; 17,1% são de Matemática; 17,1% são de Ciências da Natureza; 12,2% são de Educação Visual e Tecnológica; 9,8% são de Inglês; 9,8% são de Educação Física; 7,3% são de História e Geografia de Portugal; 4,9% são de Educação Musical; 4,9% são de Francês; 4,9% são de História; 2,4% são de Geografia; 2,4% são de Ciências Naturais; 2,4% são de Educação Visual; 2,4% são professores de Educação Tecnológica e 2,4% são professores de Educação Moral Religiosa Católica.

A maior percentagem dos docentes inquiridos lecciona Língua Portuguesa, Matemática e Ciências da Natureza, disciplinas estas que efectivamente, detêm mais peso no currículo escolar.

**Quadro 30 – Distribuição de frequências em função da disciplina que lecciona**

Disciplina que lecciona	N	%
Língua Portuguesa	9	22,00
Francês	2	4,90
Inglês	4	9,80
História	2	4,90
História e Geografia de Portugal	3	7,30
Geografia	1	2,40
Matemática	7	17,10
C. Naturais	1	2,40
C. da Natureza	7	17,10
Educação Visual	1	2,40
Educação Visual e Tecnológica	5	12,20
Educação Tecnológica	1	2,40
Educação Física	4	9,80
Educação Musical	2	4,90
EMRC	1	2,40

Relativamente às áreas curriculares não disciplinares e outras, 34,1% são professores de Área de Projecto; 29,3% de Formação Cívica; 24,4% são professores de Estudo Acompanhado; 17,1% estão no Atelier de Informática; 7,3% no Atelier de Matemática; 7,3% são da Educação Especial e 4,9% dos docentes são do Curso de Educação e Formação de Adultos. Das áreas curriculares não disciplinares realça-se o Estudo Acompanhado e a Área de Projecto.

**Quadro 31 – Distribuição de frequências em função área curricular não disciplinar que lecciona**

Área curricular não disciplinar que lecciona ou Outras	N	%
Estudo Acompanhado	10	24,40
Área de Projecto	14	34,10
Formação Cívica	12	29,30
Atelier de Informática	7	17,10
Atelier de Matemática	3	7,30
Educação Especial	2	4,90
Curso EFA	2	4,90

### Tempo de exercício da função docente

No que diz respeito ao tempo de exercício da função docente, 4,9% desempenham funções há menos de 2 anos; 14,6% entre 2 – 5 anos; 22% entre 6 – 10 anos; 43,9% entre 11 – 20 anos; 7,3% entre 21 – 30 anos e 7,3% dos docentes têm mais de 30 anos de tempo de exercício da função docente. Sobre o tempo de serviço na Escola Básica Aquilino Ribeiro observa-se que 48,8% desempenham funções há menos de 2 anos; 39% entre 2 e 5 anos; 2,4% entre 6 e 10 anos e 9,8% há mais de 10 anos.

A maioria dos docentes que respondeu ao questionário, apresenta entre 11 a 20 anos de serviço da função docente; contudo, na Escola Básica 2,3 Aquilino Ribeiro, a maioria dos docentes tem menos de 2 anos de serviço.

**Quadro 32 – Distribuição de frequências em função do tempo de serviço da função docente**

Tempo de serviço	Na função docente		Na Escola Aquilino Ribeiro
	N	%	%
< 2 anos	2	4,90	<b>48,80</b>
2 – 5 anos	6	14,60	39,00
6 – 10 anos	9	22,00	2,40
11 – 20 anos	18	<b>43,90</b>	9,80
21 – 30 anos	3	7,30	0,00
> 30 anos	3	7,30	0,00
Total	41	100,00	100,00

### 5.2.2. Caracterização do Uso da Biblioteca

#### Frequência do uso da biblioteca da escola

No que concerne ao uso da biblioteca da escola, 22% dos docentes referem que costumam frequentá-la frequentemente e 78% às vezes.

Os docentes frequentam a biblioteca escolar às vezes.

Sobre as razões que levam os docentes a não frequentar mais a biblioteca, 7,3% referem a incompatibilidade de horário e 2,4% a falta de recursos materiais adequados.

**Quadro 33 – Distribuição de frequências em função do uso da biblioteca**

Uso da biblioteca escolar	N	%
Usa Frequentemente	9	22,00
Usa Às vezes	32	<b>78,00</b>
Não usa mais por Incompatibilidade de horário	3	7,30
Não usa mais por falta de recursos materiais próprios	1	2,40

Ainda, relativamente à frequência, 41,5% vai à biblioteca 1 a 2 vezes por semana; 36,6% usam-na de vez em quando; 9,8% de 15 em 15 dias; 7,3% 1 vez por mês e 4,9% vão à biblioteca todos os dias. Efectivamente, os docentes utilizam a biblioteca com pouca frequência, apenas 1 a 2 vezes por semana justificando, na maioria, com a incompatibilidade de horário.

**Quadro 34 – Distribuição de frequências em função da utilização da biblioteca**

Com que frequência utiliza a biblioteca escolar	N	%
Todos os dias	2	4,90
1 a 2 vezes por semana	17	<b>41,50</b>
De 15 em 15 dias	4	9,80
1 vez por mês	3	7,30
De vez em quando	15	36,60
Total	41	100,00

### **Actividades que desenvolvem na biblioteca escolar**

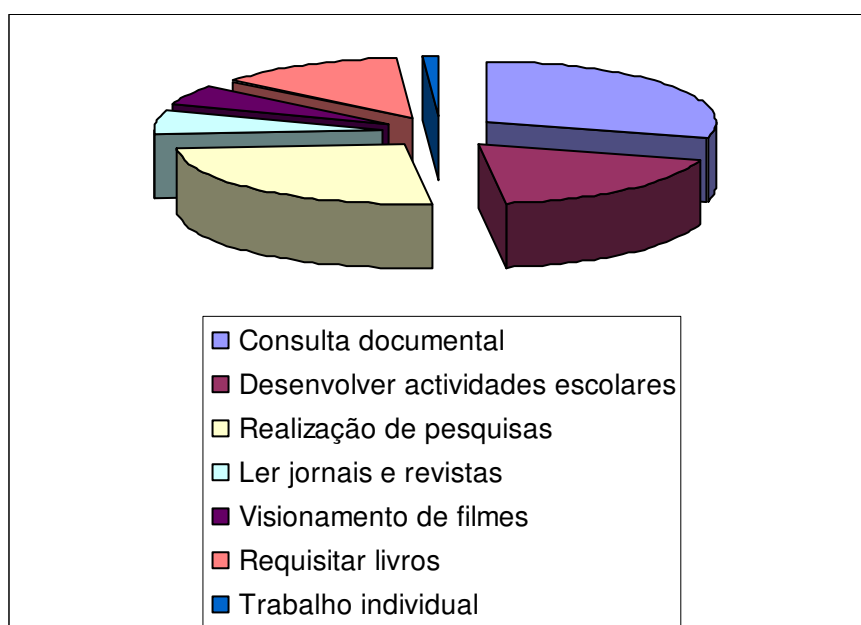
Sobre as actividades que desenvolvem na biblioteca escolar, 68,3% dos docentes referem a consulta documental; 61% a realização de pesquisas; 43,9% o desenvolvimento de actividades escolares; 31,7% a requisição de livros; 14,6% a leitura de jornais e revistas; 12,2% o visionamento de filmes e 2,4% a realização de outras actividades, nomeadamente o trabalho individual.

Denota-se que as actividades mais desenvolvidas na biblioteca pelos docentes, são as pesquisas e a consulta documental.

**Quadro 35 – Distribuição de frequências em função das actividades que desenvolvem na biblioteca escolar**

Actividades que desenvolve na biblioteca escolar	N	%
Consulta documental	28	68,30
Desenvolver actividades escolares	18	43,90
Realização de pesquisas	25	61,00
Ler jornais e revistas	6	14,60
Visionamento de filmes	5	12,20
Requisitar livros	13	31,70
Trabalho individual	1	2,40

**Gráfico 10 – Representação gráfica da distribuição de frequências em função das actividades que desenvolvem na biblioteca escolar**



### **Utilização dos recursos da biblioteca para realizar projectos pedagógicos**

No que concerne à utilização dos recursos da biblioteca para realizar projectos pedagógicos, 61% dos docentes referem que às vezes utilizam os recursos da biblioteca para este fim; 22% dos docentes nunca utilizam os recursos da biblioteca; 12,2% utilizam frequentemente e 4,9% dos docentes referem que utilizam sempre os recursos da biblioteca para a realização de projectos pedagógicos.

A maioria dos docentes utiliza às vezes a biblioteca para a realização de projectos pedagógicos.

**Quadro 36 – Distribuição de frequências em função da utilização dos recursos para realizar projectos pedagógicos**

Utiliza os recursos da biblioteca escolar	N	%
Sempre	2	4,90
Frequentemente	5	12,20
Às vezes	25	<b>61,00</b>
Nunca	9	22,00
Total	41	100,00

### **Docentes que estimulam o uso da biblioteca escolar como fonte de pesquisa**

Relativamente à questão sobre se os docentes estimulam os alunos a usar a biblioteca escolar como fonte de pesquisa, observa-se que 51,2% afirmam estimular frequentemente; 29,3% afirmam estimular sempre e 19,5% às vezes. Os docentes afirmam estimular frequentemente o uso da biblioteca escolar como fonte de pesquisa.

**Quadro 37 – Distribuição de frequências em função dos docentes que estimulam o uso da biblioteca escolar**

Docentes que estimulam o uso da biblioteca escolar	N	%
Sempre	12	29,30
Frequentemente	21	<b>51,20</b>
Às vezes	8	19,50
Total	41	100,00

### **Satisfação com a prestação de serviços da biblioteca da escola**

Sobre a satisfação com a prestação de serviços da biblioteca da escola, 100% dos docentes consideram que estão satisfeitos.

**Quadro 38 – Distribuição de frequências em função da satisfação com a prestação de serviços da biblioteca escolar**

Satisfação com a prestação de serviços da biblioteca escolar	N	%
Sim	41	100,00
Total	41	100,00

### Opinião acerca do que devia melhorar na biblioteca escolar

No que diz respeito a esta questão, pode observar-se que a maioria dos docentes não tem opinião acerca do que deve melhorar na biblioteca (82,9%); contudo, 9,4% consideram que deviam existir mais livros; 2,4% dos docentes referem que a biblioteca devia estar dividida por espaços temáticos (jogos, computadores, etc); 2,4% realçam que devia melhorar a formação dos funcionários e 2,4% que devia existir mais material pedagógico.

Grande parte dos docentes não tem opinião sobre o que devia melhorar na biblioteca; contudo, aqueles que sugerem melhorias referem sobretudo a necessidade da existência de uma maior diversidade de livros.

**Quadro 39 – Análise de conteúdo sobre a opinião do que devia melhorar na biblioteca escolar**

Opinião sobre o que devia melhorar na biblioteca	N	%
Não tem opinião	34	<b>82,90</b>
A biblioteca devia ser dividida por espaços temáticos	1	2,40
Deviam existir mais livros	4	<b>9,70</b>
Melhor formação dos funcionários	1	2,40
Devia existir mais material pedagógico	1	2,40
Total	41	100,00

### 5.2.3. Caracterização do Uso da Internet

#### Com que frequência costuma aceder à Internet

Quanto à frequência com que costumam aceder à Internet, 58,5% referem que o fazem frequentemente; 22% referem que o fazem sempre; 17,1% às vezes e 2,4% nunca acedem à Internet.

**Quadro 40 – Distribuição de frequências em função da frequência que costuma aceder à Internet**

Frequência com que costuma aceder à Internet	N	%
Sempre	9	22,00
Frequentemente	24	<b>58,50</b>
Às vezes	7	17,10
Nunca	1	2,40
Total	41	100,00

Relativamente ao tempo médio de uso da Internet por semana, 31,7% de 0 a 2 horas; 24,4% de 2 a 5 horas; 14,6% de 10 a 15 horas; 12,2% de 15 a 20 horas; 7,3% de 5 a 10 horas e 7,3% mais de 20 horas.

Foram, ainda, questionados sobre há quanto tempo utilizam a Internet como ferramenta pedagógica; 65,9% responderam que há mais de 2 anos; 26,8% entre 1 e 2 anos; 4,9% há menos de 1 ano.

Os docentes acedem frequentemente à Internet e utilizam-na há mais de 2 anos, gastando até 2 horas por semana com esta ferramenta pedagógica.

### **Principal local de acesso à Internet**

No que concerne ao local de acesso à Internet pelos docentes, verifica-se que 78% tem acesso em casa; 46,3% na escola; 4,9% em casa de familiares ou amigos e 2,4 % tem acesso à Internet no cibercafé.

**Quadro 41 – Distribuição de frequências em função do local de acesso à Internet**

Local de acesso à internet	N	%
Em casa	32	<b>78,00</b>
Na escola	19	46,30
Em casa de familiares e amigos	2	4,90
Cibercafé	1	2,40

Sobre o grau de qualidade do acesso à Internet na Escola, 56,1% consideram que é regular; 34,1% bom; 4,9% dos docentes consideram-no muito bom e 2,4% consideram que a Escola tem mau acesso.

Os docentes, habitualmente, acedem à Internet em casa ou na escola e consideram que a qualidade do acesso na Escola é regular.

### **Dificuldade no uso da Internet**

Sobre a dificuldade no uso da Internet, 61% consideram fácil; 31,7% dos docentes muito fácil e 4,9% consideram difícil.

**Quadro 42 – Distribuição de frequências em função da dificuldade no uso da Internet**

Dificuldade no uso da Internet	N	%
Não tem opinião	1	2,40
Muito fácil	13	31,70
Fácil	25	<b>61,00</b>
Difícil	2	4,90
Total	41	100,00

### **Desempenho profissional antes e após o uso da Internet**

No que se refere à opinião dos docentes acerca da qualidade do seu desempenho antes e após o uso da Internet, 63,6% consideram que aumentou; 34,1% dizem que não interferiu e 2,4% não têm opinião.

**Quadro 43 – Distribuição de frequências em função do desempenho profissional antes e após o uso da Internet**

Desempenho profissional antes e após o uso da Internet	N	%
Não tem opinião	1	2,40
Aumentou	26	<b>63,40</b>
Não interferiu	14	34,10
Total	41	100,00

De facto, os docentes consideram que o uso da Internet se revela como uma actividade fácil e o seu desempenho profissional, antes e após o uso da Internet, parece ter aumentado devido aos benefícios do uso desta ferramenta.

### **Formação sobre as tecnologias de informação e comunicação (TIC)**

Quanto à formação nas TIC, 61% dos docentes já frequentou e 39% não frequentou formação sobre as TIC.

A maioria dos docentes já frequentou formação sobre as novas tecnologias de informação e comunicação.

**Quadro 44 – Distribuição de frequências em função da formação sobre as TIC**

Formação sobre as TIC	N	%
Sim	25	<b>61,00</b>
Não	16	39,00
Total	41	100,00

### **Vantagens do uso pedagógico da Internet**

No que diz respeito às vantagens do uso pedagógico da Internet, 56,1% consideram a quantidade de informação disponível; 39% a actualidade e oportunidade da informação; 26,8% os recursos oferecidos; 22% a possibilidade de acesso a pessoas e instituições geograficamente afastadas no processo do ensino-aprendizagem; 17,1% a troca de mensagens e 7,3% a facilidade de utilização da rede.

A maioria entende como vantagem do uso pedagógico da Internet a quantidade de informação disponível e, ainda, a actualidade e oportunidade da informação.

**Quadro 45 – Distribuição de frequências em função das vantagens do uso pedagógico da Internet**

Vantagem do uso pedagógico da Internet	N	%
Quantidade de informação disponível	23	<b>56,10</b>
Actualidade e oportunidade da informação	16	<b>39,00</b>
Facilidade de utilização da rede	3	7,30
Possibilidade de acesso a pessoas e instituições geograficamente afastadas no processo do ensino-aprendizagem	9	22,00
Troca de mensagens	7	17,10
Recursos oferecidos	11	26,80

### **Internet como ferramenta que pode auxiliar no processo do ensino-aprendizagem**

Relativamente à Internet como uma ferramenta que pode auxiliar no processo do ensino-aprendizagem, 97,6% dos docentes consideram que sim e 2,4% referem que não.

A maioria dos docentes entende a Internet como uma ferramenta que pode auxiliar no processo do ensino-aprendizagem.

**Quadro 46 – Distribuição de frequências em função da Internet como ferramenta que pode auxiliar no processo do ensino-aprendizagem**

Internet como ferramenta que pode auxiliar no processo do ensino-aprendizagem	N	%
Sim	40	97,60
Não	1	2,40
Total	41	100,00

#### 5.2.4. Caracterização da Pesquisa Escolar

No que diz respeito à pesquisa escolar, 46,3% dos docentes costumam pesquisar frequentemente para leccionar conteúdos pedagógicos; 36,6% às vezes; 14,6% sempre e 2,4% nunca pesquisam.

Quando procedem a uma pesquisas, 61% solicita ajuda às vezes; 24,4% nunca solicitam ajuda; 12,2% frequentemente e 2,4% solicitam sempre ajuda.

Sobre a utilização da Internet como instrumento de pesquisa; 53,7% fá-lo frequentemente; 26,8% às vezes; 17,1% dos docentes utilizam sempre a Internet; e 2,4% nunca utilizam a Internet como instrumento de pesquisa (os mesmos que nunca recorrem à Internet).

Os docentes costumam pesquisar frequentemente para leccionar conteúdos programáticos e utilizam a Internet como fonte de pesquisa e, às vezes, quando procedem a uma pesquisa, solicitam ajuda.

**Quadro 47 – Distribuição de frequências em função do tipo de pesquisa**

Tipo de pesquisa	Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Costuma pesquisas para leccionar conteúdos programáticos	6	14,60	19	46,30	15	36,60	1	2,40
Quando procedem a uma pesquisa solicitam ajuda	1	2,40	5	12,20	25	61,00	10	24,40
Utilizam a Internet como instrumento de pesquisa	7	17,10	22	53,70	11	26,80	1	2,40

### Outras fontes de pesquisa

Relativamente à utilização de outras fontes de pesquisa, 87,8% recorrem aos livros didáticos; 75,6% dos docentes referem as enciclopédias; 65,9% os dicionários; 58,5% referem as revistas; 53,7% os CD-ROM; 41,5% as cassetes de vídeo e 41,5% os jornais. No que concerne às fontes de informação que os docentes costumam indicar aos seus alunos, 95,1% aconselham a Internet; 85,4% dos docentes referem as enciclopédias; 82,9% os livros didáticos; 58,5% os dicionários; 48,8% as revistas; 39% os jornais; 31,7% os CD-ROM; 14,6% as cassetes de vídeo e 4,8% referem outras fontes de informação, nomeadamente os motores de busca e entrevistas.

Para além da Internet, os docentes utilizam como fonte de pesquisa as enciclopédias e os livros didáticos e indicam aos seus alunos as enciclopédias, os livros didáticos e a Internet.

**Quadro 48 – Distribuição de frequências em função das outras fontes de pesquisa**

Outras fontes de pesquisa	Que os docentes utilizam		Que indicam aos seus alunos	
	N	%	N	%
Enciclopédias	31	<b>75,60</b>	35	<b>85,40</b>
Dicionários	27	65,90	24	58,50
Livros didáticos	36	<b>87,80</b>	34	82,90
Cassetes de vídeo	17	41,50	6	14,60
CD-ROM	22	53,70	13	31,70
Internet			39	<b>95,10</b>
Jornais	17	41,50	16	39,00
Revistas	24	58,50	20	48,80
Outras	0	0,00	2	4,80

### Docentes que dão apoio específico aos alunos nos trabalhos de pesquisa

Apoio específico aos alunos: 46,3% dos docentes às vezes dão apoio específico aos alunos quando lhes solicitam trabalhos de pesquisa na biblioteca escolar; 26,8% dão sempre apoio; 24,4% dão frequentemente e 2,4% nunca dão apoio.

Apoio nos trabalhos de pesquisa na Internet: 41,5% dos docentes dão apoio frequentemente quando solicitam trabalhos de pesquisa na Internet; 26,8% às vezes; 22% dão sempre apoio e 9,8% nunca dão apoio.

Verificam se as fontes que consultam na Internet são fiáveis: 34,1% dos docentes frequentemente costumam verificar se as fontes que consultam na Internet são fiáveis; 26,8% às vezes; 22% sempre e 17,1% dos docentes nunca verificam se as fontes são fiáveis.

Os docentes às vezes dão apoio específico quando solicitam trabalhos de pesquisa, na biblioteca escolar, e dão apoio frequentemente quando a pesquisa é feita através da Internet, verificando se as fontes são fiáveis.

**Quadro 49 – Distribuição de frequências em função dos docentes que dão apoio aos alunos nos trabalhos de pesquisa**

Docentes que dão apoio aos alunos nos trabalhos de pesquisa	Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
	N	%	N	%	N	%	N	%
Apoio específico nos trabalhos de pesquisa na biblioteca	11	26,80	10	24,40	19	<b>46,30</b>	1	2,40
Apoio específico nos trabalhos de pesquisa da Internet	9	22,00	17	<b>41,50</b>	11	26,80	4	9,80
Verifica se as fontes da Internet são fiáveis	9	22,00	14	<b>34,10</b>	11	26,80	7	17,10

## CAPÍTULO 6. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

“O meu intento não é ensinar aqui o método, que cada qual deve seguir para bem conduzir a sua razão, mas somente mostrar de que maneira procurei conduzir a minha”  
Descartes

Este trabalho, além dos propósitos do projecto da dissertação, permitiu estabelecer um canal de comunicação para troca de experiências e informações sobre as bibliotecas escolares, nomeadamente como espaços culturais que podem favorecer o desenvolvimento do conhecimento, através da pesquisa e da recuperação da informação adequada.

Face às alterações na orgânica pedagógica e funcional da escola, as bibliotecas escolares são confrontadas com novos desafios, havendo que reflectir sobre o seu funcionamento nas condições actuais. Este trabalho visa, por isso, enquadrar a biblioteca na escola e definir um conjunto de orientações que viabilizem práticas pedagógicas adequadas.

De acordo com os resultados obtidos durante a investigação, realçam-se aqui os dados mais evidentes deste trabalho, dando resposta às questões de investigação, começando por abordar alguns dados de carácter geral; posteriormente, debruçamo-nos sobre as hipóteses formuladas, tendo em atenção a problemática e os objectivos delineados.

### 6.1. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS REFERENTES AOS ALUNOS

Os alunos inquiridos no presente estudo foram caracterizados relativamente aos dados sócio-demográficos: nível de escolaridade, idade, sexo, profissão dos pais e nível de escolaridade dos pais. Foram seleccionados os alunos do 3º Ciclo, por estes serem detentores de alguma autonomia e hábitos de trabalho capazes de desenvolver actividades de pesquisa e trabalhos de cooperação dotados já de bastante responsabilidade, ponderação e eficácia.

No que diz respeito ao **nível de escolaridade**, 33,3% frequentam o 9º ano; 29,1% o 8º ano; e 37,6% frequentam o 7º ano. Quanto à **idade**, observa-

se que 54,7% dos alunos enquadram idades entre os 12 – 13 anos; 43,3% entre os 14 – 15 anos e uma minoria apresenta-se com mais de 16 anos. Relativamente ao **sexo**, como se constata, há um ligeiro predomínio das raparigas, podendo verificar-se que 57,3% dos alunos são do sexo feminino e 42,7% do sexo masculino.

No que concerne à **profissão dos pais**, fez-se a análise através da nomenclatura utilizada pelo Instituto do Emprego e Formação Profissional, verificando-se percentagens pequenas ao nível da categoria de especialistas das profissões intelectuais e científicas, técnicos e profissionais de nível intermédio, pessoal administrativo e similares, pessoal dos serviços e vendedores, operários de instalações e máquinas; reformados e desempregados. Verifica-se que, na sua maioria, os pais dos alunos são trabalhadores não qualificados (38,4%), bem como operários, artifices e trabalhadores similares (22,2%).

No que diz respeito às mães, numa pequena percentagem observam-se especialistas das profissões intelectuais e científicas, técnicas e profissionais de nível intermédio, pessoal administrativo e similares, operárias, artifices e trabalhadoras similares, reformadas e desempregadas. A maior parte são trabalhadoras não qualificadas (54,7%) e pessoal dos serviços e vendedoras (15,4%).

Quanto ao **nível de escolaridade dos pais**, observa-se que a maioria dos pais apresenta baixo nível de escolaridade, entre o 1º Ciclo (34,2%) e 2º Ciclo (30,1%). O mesmo padrão de escolaridade é observado nas mães: 1º Ciclo (25,6%) e 2º Ciclo (25,6%).

Os pais e as mães dos alunos enquadram profissões diversificadas, no entanto, uma grande percentagem vai para os trabalhadores não qualificados, com baixa escolaridade, entre o 1º e o 2º Ciclos. Esta realidade espelha as reais condições sócio-económicas e culturais da região, com características nitidamente rurais, as quais se traduzem na baixa expectativa que auguram para os seus filhos. Estes dados levam-nos a concluir que o baixo nível de escolaridade dos pais da Escola Básica 2,3 Aquilino Ribeiro, poderão, de alguma forma, influenciar o valor atribuído à Biblioteca como local que contribui para a construção do conhecimento.

A população portuguesa, sobretudo a que se situa no interior do país, especificamente como se observa no quadro abaixo indicado, referente a Vila Nova de Paiva, evidencia, ainda hoje, apesar do investimento realizado na educação, baixos níveis de escolarização. A conjuntura actual, por muitos apontada como uma era de crise (também no que diz respeito ao factor demográfico) para o sistema educativo, exige decisões que conduzirão, inevitavelmente, a mutações profundas, sob pena desta região ficar *esquecida*.

Quadro 50 – População Residente no Concelho de VNP, segundo o nível de ensino atingido e o sexo

Nível de Ensino	HM	%	H	%	M	%
Nenhum nível de ensino	1 261	20,5	507	8,2	754	12,3
1.º Ciclo do Ensino Básico	2 440	39,7	1 234	20,1	1206	19,6
2.º Ciclo do Ensino Básico	914	14,9	491	8	423	6,9
3.º Ciclo do Ensino Básico	572	9,3	297	4,8	275	4,5
Ensino Secundário	603	9,8	297	4,8	306	5
Ensino Médio	21	0,4	7	0,2	14	0,3
Ensino Superior	330	5,4	136	2,2	194	3,1
Total	6141	100	2969	48,3	3172	51,7

Fonte: INE, Censos 2001, XIV Recenseamento Geral da População

### 6.1.1. Biblioteca Escolar

Procurando identificar se os alunos frequentam a biblioteca da escola, verificamos, através do Quadro 18, que 70,9% costumam frequentá-la regularmente e, apenas de vez em quando, 39,3%. Somente 7,7% referem que não a utilizam. Efectivamente, os alunos costumam utilizar a biblioteca; contudo, a frequência com que o fazem não é elevada.

Já referimos a necessidade de promover a inovação educacional como resposta adequada e pertinente do sistema escolar aos desafios que se lhe colocam. Um dos espaços dentro das escolas onde ela se pode concretizar é a Biblioteca, a qual se inscreve, actualmente, como uma peça fundamental na estratégia geral de mudança da Escola e do Ensino.

Além de identificar se os alunos costumam frequentar a biblioteca escolar, procurámos constatar qual a frequência de uso. Assim, os alunos utilizam a biblioteca com pouca frequência, apenas de vez em quando (Quadro

18). Subsiste ainda uma cultura *instalada*, embora os alunos já se tenham apercebido que a construção dos saberes e competências que lhes são exigidos passam pela biblioteca escolar e, igualmente, por uma competência literária em TIC. Neste sentido, partilhamos a perspectiva de Santos (1976), quando refere que as bibliotecas, em colaboração com os professores, contribuem para o desenvolvimento dos alunos.

Procurámos também identificar as actividades que se desenvolvem na biblioteca. As actividades realizadas na biblioteca e a que os alunos dão menor relevo são a consulta documental, actividades escolares, ler jornais e revistas e outro tipo de leituras. Constatamos, através do Quadro 19, que as **actividades mais desenvolvidas** são: pesquisas (51,3%), visionamento de filmes (47,9%) e requisição de livros (42,7%). Estes resultados enquadram-se na actual perspectiva de biblioteca escolar, enquanto espaço de apoio curricular, investigação, mas também lugar recreativo, onde se pode ouvir música, visionar um filme, jogar, etc. Quando Umberto Eco (2002) refere que a biblioteca é um modelo do Universo, compreendemos que o primeiro deverá adaptar-se ao segundo.

Relativamente à **prestação de serviços da biblioteca**, os alunos consideram-se satisfeitos (76,1%). As mudanças exigem, no entanto, eficácia e racionalidade na gestão e integração das necessidades da escola, não só relativamente à natureza das actividades que aí se desenvolvem, mas também no que se refere a actuações que visem a estruturação da biblioteca escolar, o respeito pela preservação e manutenção dos recursos e equipamentos em boas condições ou a sua transferência para espaços inadequados ao seu funcionamento.

A biblioteca escolar deve ser um espaço de recursos pedagógicos directamente ligados às actividades quotidianas de ensino e às actividades curriculares lectivas ou não lectivas ou de ocupação de tempos livres. O seu uso deve respeitar a natureza e funções do espaço, isto é, deve corresponder àquilo que se espera que uma biblioteca faça.

A este propósito recolheu-se informação acerca da opinião dos alunos sobre **o que devia melhorar na biblioteca**, realçando-se a actualização dos computadores (18,8%), os funcionários poderem ser mais acessíveis e competentes (10,3%), maior variedade de filmes (8,5%) e a existência de mais

espaço para jogos (5,1%). Uma minoria falou da falta de silêncio; da necessidade de mais luz solar; que devia estar aberta mais tempo, ter mais livros e revistas para adolescentes, mais CDs e DVDs, mais enciclopédias e jornais de desporto.

Realçamos os registos associados à opinião que têm dos funcionários da biblioteca que, supostamente, deviam ser mais acessíveis e competentes e os computadores deviam ser mais actualizados. A este propósito, Rueda (1998, p.14) refere que a situação ideal passaria por cada escola possuir um quadro especializado para assumir a direcção da Biblioteca, pois aí seria dado um passo vital para o funcionamento e estabilidade deste espaço. Efectivamente, as funcionárias da biblioteca não têm formação especializada e, no entanto, são consideradas e agem como parceiras no processo de construção do conhecimento.

O factor espaço é indicado como limitativo e, segundo a nossa opinião, com razão, pois que o que se verifica é que, embora o espaço destinado à biblioteca tenha sido construído de raiz, ele não tem as condições necessárias para se criar um ambiente propício à aprendizagem.

Relativamente aos dados recolhidos referentes a um melhor acervo documental, o Manifesto das Bibliotecas Escolares (UNESCO, 1999) refere que estas devem dispor de um financiamento suficiente e regular. Mas, o que se verifica, inclusive a biblioteca escolar alvo do presente estudo, é que não se atribui dotação orçamental suficiente para aquisição e actualização do material, o que “dada a multiplicidade dos saberes no mundo de hoje, retira operacionalidade à Biblioteca” (Silva, 2002, p.237).

Os alunos inquiridos referem também o perfil das funcionárias como algo a melhorar. Concordamos, pois, tal como já referiu Calixto, as nossas funcionárias “não têm qualquer carreira específica (...) como há normalmente falta de pessoal, é frequente serem deslocadas para outros serviços e a biblioteca fecha” (Calixto, 1996, p.30).

Normalmente, os técnicos da biblioteca são professores e funcionários a quem é atribuída, anualmente, essa função pelo Órgão de Gestão. Estes profissionais da educação têm uma responsabilidade acrescida no acompanhamento dos alunos, colmatando as suas necessidades ao recolher e tratar a informação e gerindo os recursos educativos. Servem, assim, de

mediadores entre os utilizadores, as fontes de informação e os recursos existentes.

Sobre a utilização da Biblioteca para efeitos de pesquisa para as várias disciplinas, os alunos referem que às vezes fazem pesquisas para as várias disciplinas (41,9%) contrariando, assim, uma pequena percentagem que nunca faz pesquisas (7,7%). A este propósito, os alunos referem os professores das disciplinas de Ciências Naturais (53%), Língua Portuguesa (48,7%) e Área de Projecto (47%) **como aqueles que costumam sugerir mais vezes a biblioteca**, e os professores de Educação Visual (70,1%) e Educação Física (66,7%) aqueles que menos a solicitam. É da nossa convicção que esta situação se prende com o perfil do professor mas, também, com as metodologias de trabalho associadas às disciplinas. Independentemente da disciplina e/ou área curricular não disciplinar que o professor lecciona, tal como Hall (1986), defendemos ser fundamental desenvolver nos alunos competências relacionadas com a pesquisa de informação, selecção e organização da mesma.

Relativamente ao material existente na biblioteca, 23,9% dos alunos consideram-no actualizado; 47,9% dos alunos acham o material diversificado e 28,2% dos alunos referem que o material para pesquisas é pouco.

### 6.1.2. Uso da Internet

No que diz respeito ao principal **local de acesso à Internet**, o Quadro 9 mostra que a maioria dos alunos utiliza este instrumento na escola/biblioteca escolar (64,1%), em casa (31,7%), e apenas uma minoria (0,9%) não tem acesso à Internet. Justificando o supracitado, constatamos que a maior parte dos alunos acede à Internet na escola/biblioteca escolar. Os motivos poderão estar relacionados com limitações de natureza financeira e indisponibilidade, pois muitos alunos despendem tempo com tarefas domésticas, para além do estudo.

No Quadro 10, podem observar-se quais as **ferramentas informáticas** que os alunos mais utilizam para apoiar os estudos. Referem a Internet (82,9%), o Word (63,2%) e o PowerPoint (54,7%). A ferramenta que menos utilizam é o Excel (8,5%).

As ferramentas informáticas mais utilizadas pelos alunos são a Internet e o Word, uma vez que estas são as ferramentas privilegiadas no trabalho escolar, de carácter francamente interdisciplinar, a primeira para procurar informação, a outra para elaboração de textos cumprindo a tarefa anterior. Quanto às ferramentas de comunicação – *chat* e *e-mail*, talvez os alunos ainda não denotem consciência, nem das suas potencialidades nem dos seus perigos, embora saibamos que, tal como refere Dias (1999), a partilha do conhecimento através dos meios tecnológicos como o correio electrónico, *chat*, *blogue*, etc – promovem o desenvolvimento do pensamento crítico através da experiência partilhada.

Em relação ao contexto e período em que os alunos acedem à Internet, verificamos, pelo Quadro 11, que **os alunos acedem frequentemente à Internet** no tempo livre (13,7%), às vezes através das aulas (64,1%) e nunca acedem à Internet através dos clubes (68,4%). Neste seguimento, o contexto em que os alunos mais acedem à Internet é nos trabalhos inerentes às aulas e, também, nas actividades de tempo livre, sendo que o espaço menos utilizado é nas actividades dos clubes. Pensamos que as razões para esta escolha relacionam-se com o facto de se tratar de actividades extracurriculares com uma forte componente prática.

Relativamente ao período do dia em que os alunos têm mais **disponibilidade para consultar a Internet**, referem o tempo de aulas (88,9%) e no tempo livre (66,7%).

Quanto ao grau de dificuldade no uso da Internet, o Quadro 13 permite-nos constatar que 48,7% dos alunos referem que é **fácil utilizar a Internet** e muito poucos consideram difícil a sua utilização. Por este facto, quando procedem a uma pesquisa na biblioteca escolar não solicitam ajuda (83,8% - Quadro 14) porque não precisam (90,6%), contudo quando o fazem consideram-na eficaz (70,1%). Estes dados levam-nos a concluir existir uma boa receptividade desta ferramenta pelos alunos.

A maior parte dos alunos encara as novas tecnologias de uma maneira fácil. Presentemente, o perfil do aluno que frequenta o 3º Ciclo do Ensino Básico não é o mesmo de há uma década atrás. Muito embora a faixa etária em causa se mantenha inalterada, situando-se em média entre os 12 e os 15 anos, o mundo a que os alunos estão expostos e a cultura eminentemente

tecnológica que integram, fazem com que a sua realidade seja substancialmente diferente. Hoje em dia, há uma série de meios tecnológicos que os jovens dominam, entre eles a Internet, estando a emergir um novo paradigma educativo, com novas formas de comunicação, ao qual a escola terá forçosamente de se abrir. Como diz Adell (1997), as TIC não são apenas mais uma ferramenta didáctica, elas são e estão no mundo onde crescem os jovens.

As razões apontadas para a **ajuda** ser pouco eficaz, são a falta de tempo de quem apoia (56,4%) e também a sua formação inadequada (27,4%).

É primordial que o Ministério da Educação reconheça o importantíssimo papel que desempenha a equipa pedagógica da biblioteca escolar, onde se incluem naturalmente os funcionários, fortalecendo este *actor* educativo. Os resultados obtidos permitem-nos concluir que é urgente formar professores e funcionários na área da biblioteconomia, apostando-se em futuras carreiras de professor bibliotecário e funcionário da biblioteca escolar (cf. Vitorino, 2001).

No que diz respeito às **fontes de informação** que os alunos costumam consultar para realizar pesquisas, referem a Internet (93,2%) e as enciclopédias (59%). Em menor destaque surgem os dicionários, os livros didácticos, as cassetes de vídeo, os CD-ROMs, os jornais e as revistas.

Como se pode verificar a quantidade de conhecimentos que as sociedades modernas produzem tem vindo a aumentar progressivamente e as "fontes" são numerosas, para além de existir uma concorrência de meios técnicos cada vez mais aperfeiçoados. O professor deixou de ser o único recurso de que os alunos dispõem para realizar a sua aprendizagem e passou a ser um recurso entre outros e, sobretudo, um orientador capaz de gerir discursos e práticas diversificadas. Na verdade, "o manual escolar e o discurso do professor já não bastam (...) Para que o conhecimento progrida é necessária a pluralidade de fontes de informação" (Silva, 2002, p.57).

Relativamente ao uso da **Internet como fonte de pesquisa**, os alunos usam-na frequentemente (40,2%) e apenas uma minoria (0,9%) nunca utiliza a Internet. Constatamos a adesão dos alunos a esta fonte de informação. Como se tem vindo a verificar, muitos benefícios educacionais potenciais podem emanar da utilização da Internet nas escolas. A Internet pode ajudar os professores a obter e partilhar informações com facilidade, desenvolver as

suas habilidades em muitas áreas e comunicar-se com outros educadores, assim como com toda a comunidade educativa. Para os estudantes, a rede pode prover um meio potencialmente precioso de obter informações, como também de comunicação e colaboração com pessoas fora de suas escolas e comunidades. Contudo, às vezes, a tecnologia é adquirida mais como um símbolo de modernidade do que para fins educacionais bem planeados. Além disso, como a Internet geralmente é considerada um recurso desejável, as escolas são pressionadas a ampliar o acesso na sala de aula antes mesmo de planejar uma utilização eficaz nesse ambiente.

Como também já referimos, não basta aceder à informação disponibilizada pelos outros. É conveniente que cada instituição coloque na rede a sua própria informação, de modo a não ter uma posição de mero consumidor e fornecedor passivo de informação e tornar-se um produtor e, nessa medida, ter também uma participação mais activa na Rede e nos novos processos de comunicação e de informação.

Para usar a Internet de maneira eficaz, os educadores normalmente precisam de melhorar a sua capacidade técnica e conhecimento dessa ferramenta. Precisam também de desenvolver a visão de como ela pode contribuir de maneira produtiva para o seu trabalho. Não são tarefas simples. Muitos professores podem não ter formação ou disponibilidade para utilizar esses recursos, o que torna crucial a disponibilização de actividades profissionais e suporte permanente a eles direccionadas.

## 6.2. DISCUSSÃO DOS RESULTADOS REFERENTES AOS PROFESSORES

No que se refere à análise da **situação profissional**, constata-se que a Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Aquilino Ribeiro, na sua maioria, integra docentes do Quadro de Nomeação Definitiva (51,2%).

Quanto à **idade** observa-se que a maioria dos docentes apresenta idades entre os 36 - 45 anos (46,3%), 26 – 35 anos (39%), sendo que 53,7% dos docentes são do sexo feminino e 46,3% do **sexo** masculino. Apesar da maioria dos docentes pertencer ao sexo feminino, a amostra revela-se homogénea quanto ao sexo.

Relativamente às **habilitações académicas** a maior parte dos docentes é licenciada (75,6%) e existe, ainda, uma minoria que corresponde a graus académicos diversos: bacharelato, especialização e mestrado.

Quanto à **situação profissional**, no presente ano lectivo a maioria dos docentes são do quadro da Escola Básica dos 2º e 3º Ciclos Aquilino Ribeiro (31,7%) contudo, existe, também, uma grande percentagem de docentes contratados (29,3%). Tal situação fica a dever-se à mobilidade do corpo docente (destacados e requisitados) e à falta de estabilização da classe docente.

Sobre a **disciplina ou área curricular não disciplinar** que os docentes leccionam, verificamos que a maior percentagem dos docentes inquiridos lecciona Língua Portuguesa (22%), Matemática (17,1%) e Ciências da Natureza (17,1%). Relativamente às áreas curriculares não disciplinares realça-se o Estudo Acompanhado (24,4%) e a Área de Projecto (34,1%).

No que diz respeito ao **tempo de exercício da função docente** a maioria dos docentes, que respondeu ao questionário, apresenta entre 11 a 20 anos de serviço da função docente (43,9%), contudo na Escola Aquilino Ribeiro a maioria dos docentes tem menos de 2 anos de serviço (48,8%).

Esta situação é justificada pelo facto de, nas escolas, ainda existir uma grande mobilidade ao nível do concurso por destacamento e requisição e, também, devido à falta de abertura de vagas para os quadros de escola.

### **6.2.1. Biblioteca Escolar**

No que concerne ao **uso da biblioteca da escola**, verificamos que 78% dos docentes frequentam-na às vezes, e 41,5%, 1 a 2 vezes por semana; as razões invocadas são incompatibilidade de horário e a parca quantidade de materiais pedagógico-didáticos. De referir que muitos docentes residem fora do concelho de Vila Nova de Paiva, o que os leva a abandonar a escola mal acabam as aulas. Os intervalos são destinados a pausa (as aulas agrupam-se em blocos de 90m) e a tomarem alguma refeição.

Associadas a estas razões, afigura-se-nos que existe ainda uma percepção algo limitada das reais funções da biblioteca, bem como uma questão cultural herdada e bastante enraizada. As bibliotecas escolares ainda

não são consideradas elementos fundamentais do sistema educacional. Importa consciencializar os docentes do contributo que as bibliotecas podem dar para o enriquecimento das suas práticas pedagógicas, até porque “é nos países com mais tradição no domínio das bibliotecas escolares (...) que se registam níveis mais elevados de desenvolvimento cultural” (Veiga, et al., 1996, p.32). Segundo Silva (2002, p.238), “o nosso ensino não apela à Biblioteca. É um ensino que não põe em destaque a aprendizagem, mas assenta no saber feito”.

As **actividades que os docentes mais desenvolvem**, na biblioteca escolar são: a consulta documental (68,3%) e as pesquisas (61%). Na verdade, actualmente, assiste-se a um enriquecimento pedagógico dos recursos que acompanham o manual (*Kit Pedagógico*).

Constatamos que as actividades mais citadas pelos professores estão directamente ligadas a actividades de pesquisa, estabelecendo-se uma relação estreita entre a biblioteca e as fontes de pesquisa. Procurámos constatar se os professores costumam realizar projectos pedagógicos integrando os recursos da biblioteca. Através do Quadro 36, verificamos que 61% dos professores costumam “às vezes” realizar projectos pedagógicos com recursos da biblioteca escolar. Vale a pena destacar que 22% “nunca” realiza projectos pedagógicos com recursos da biblioteca. Pensamos que estes resultados podem estar relacionados com a formação dos professores, a qual não integra nos seus planos curriculares formação em biblioteconomia. Sentimos que a nossa biblioteca escolar ainda não conseguiu despertar no corpo docente a sua influência no processo do ensino-aprendizagem.

No actual contexto da sociedade da informação, importa realçar que os professores devem valorizar mais a informação na construção do crescimento, devendo incluir a utilização das bibliotecas escolares e da aprendizagem das técnicas de informação e documentação nas suas práticas pedagógicas. Visão partilhada igualmente por Calixto (1996), que defende a utilização da biblioteca pelos professores e alunos.

Sobre se os docentes **estimulam os alunos a usarem a biblioteca escolar** como fonte de pesquisa observa-se que estimulam frequentemente o seu uso como fonte de pesquisa (51,2%) e todos se sentem satisfeitos com a prestação de serviços da biblioteca da escola (100%).

Na sociedade de informação em que vivemos, a educação assente na promoção das diversas literacias para a construção do conhecimento assume uma tendência crescente, sendo que ainda há muito a fazer ao nível das atitudes dos professores, pelo que as bibliotecas revelam-se como o instrumento apropriado para o desenvolvimento destas competências.

A perspectiva da UNESCO, segundo a qual “o professor deve encorajar os alunos a utilizar os recursos da biblioteca escolar, não limitando os seus conhecimentos ao que é transmitido na sala de aula” é igualmente partilhada por nós.

Em suma, os resultados obtidos levam-nos a concordar com Silva (2002), quando refere que não existe nas práticas pedagógicas o costume de ensinar os alunos a procurarem a informação e a fundamentarem-se, a tirarem partido das potencialidades da biblioteca.

No que diz respeito à opinião **do que deve melhorar na biblioteca**, grande parte dos docentes não tem opinião sobre o assunto, enumerando alguns aspectos: maior diversidade de livros (9,4%), melhor formação das funcionárias (2,4%), mais material pedagógico (2,4%). Referem, ainda, que a biblioteca devia estar dividida por espaços temáticos, nomeadamente jogos e computadores (2,4%).

Efectivamente, grande parte dos docentes não tem opinião sobre o que devia melhorar na biblioteca, revelando pouco conhecimento a seu respeito, embora a equipa educativa da biblioteca revele grande preocupação em dialogar, informar e articular com os restantes docentes da escola, bem como com toda a comunidade educativa. Como evidenciámos em capítulo anterior, todos os professores deveriam conhecer um documento importante: o *Manifesto da UNESCO para as Bibliotecas Escolares* (1999), onde estas são apresentadas como recursos ao serviço do ensino, proporcionando informação e ideias fundamentais para o sucesso na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento e desenvolvendo, nos alunos, competências para a aprendizagem ao longo da vida, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos críticos e responsáveis.

### 6.2.2. Uso da Internet

Os docentes **acedem frequentemente à Internet** (58,5%) e utilizam-na há mais de 2 anos (65,9%), gastando, por vezes 2 horas por semana com esta ferramenta pedagógica (31,7%). Habitualmente, **acedem à Internet em casa** (78%) ou na escola (46,3%) e consideram que a qualidade do acesso na escola é regular (56,1%). Por oposição aos alunos, talvez razões de natureza financeira e de conveniência justifiquem esta opção.

De acordo com o referido por 61% dos professores, o uso da Internet revela-se como uma actividade fácil.

Para 63,6% dos inquiridos (Quadro 43), o seu **desempenho profissional**, antes e após o uso da Internet, parece ter aumentado devido aos benefícios do uso desta ferramenta. Verificamos que muitos dos docentes (61%) já frequentaram formação sobre as novas tecnologias de informação e comunicação. A formação contínua do professor é extremamente importante, na vertente técnica, para que ele possa tirar partido dos meios e equipamentos disponíveis nas escolas, não esquecendo a vertente metodológica, o que se reflectirá com certeza nas suas práticas educativas.

De facto, os docentes consideram que o uso da Internet se revela como uma actividade fácil e o seu desempenho profissional, após terem começado a usar a Internet, parece ter aumentado. Consideram que o uso desta ferramenta vem otimizar a sua prática lectiva, beneficiando significativamente as aprendizagens dos alunos. Da observação directa que fizemos, apercebemo-nos que a maioria dos docentes usa o computador para preparar as aulas, centrando-se a sua utilização na elaboração de fichas e em actividades de pesquisa na Internet. Afirmam ainda que não existe uma utilização regular das TIC a nível pedagógico e que o stress do professor, aliado à falta de confiança e segurança para utilizar as tecnologias contribuem para um seu desaproveitamento real, minorando a sua eficácia.

Constatamos, através do Quadro 45, que a maioria dos docentes realça como **vantagem do uso pedagógico** da Internet a quantidade de informação disponível (56,1%) e, ainda a actualidade e oportunidade da informação (39%).

Pareceu-nos que a maior parte dos professores está sensibilizada para as potencialidades da Internet, embora consciente de que ela não é a fonte de todas as soluções ou a origem de todos os problemas.

Com a generalização da ligação das escolas à Internet passará a existir um manancial de informação disponível, que exigirá um trabalho de pesquisa, selecção e organização de informação com interesse educativo de forma a conseguir a sua capitalização para fins didáctico-pedagógicos. Já referimos que a capacidade de seleccionar informação, de a gerir e de actuar criticamente perante a sua quantidade e diversidade é fundamental.

Partilhamos com Moran (1997), a ideia de que as tecnologias não mudam necessariamente a relação pedagógica. Ensinar com a Internet só constituirá uma mais-valia se se mudar o tradicional paradigma de ensino. Caso contrário, a Internet será outra tecnologia e só isso.

Associada a esta questão, surge a **Internet como ferramenta que pode auxiliar no processo do ensino-aprendizagem**. Entre os inquiridos, 97,6% consideram que é preponderante e utilizam-na frequentemente para pesquisar conteúdos programáticos (46,3%), solicitando 61%, por vezes, ajuda (Quadro 46).

De uma forma geral, a maioria dos docentes realça os motores de pesquisa da Internet como uma ferramenta que pode auxiliar no processo do ensino-aprendizagem. Não obstante os esforços encetados, (veja-se a última iniciativa CRIE ao dotar as escolas de computadores portáteis para professores e alunos, bem como projectores multimédia e pontos de acesso à Internet sem fios, e os antecessores Projecto Minerva e Programa Nónio-Século XXI), os dados estatísticos recolhidos a nível nacional, revelam que o nível de implantação das TIC no sistema educativo, sobretudo no que respeita a sua utilização em sala de aula em interacção directa com os alunos, é ainda insuficiente, apontando para a necessidade de investir na formação e na divulgação de projectos concretos que demonstrem o potencial das tecnologias. Assim, podemos afirmar que existem duas dimensões no que à intervenção das TIC no ensino diz respeito. Uma dimensão é a realidade que temos implantada no terreno, outra é o que está previsto na Lei, e que será desejável. O Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro, que enquadra este processo, esclarece no seu preâmbulo que a utilização das TIC constitui uma

formação transdisciplinar, a par do domínio da língua e da valorização da dimensão humana do trabalho; no entanto, tal como já referimos, das intenções à execução vai uma certa distância.

Podemos observar, no Quadro 48 que, para além da Internet, os docentes utilizam como **fonte de pesquisa** os livros didáticos (87,8%) e as enciclopédias (75,6%). Aconselham aos seus alunos a Internet (95,1%), as enciclopédias (85,4%) e os livros didáticos (82,9%). Em menor percentagem surgem os jornais e as revistas.

Embora os professores realcem a Internet, reconhecem a importância de outros suportes, nomeadamente os impressos, como forma de complementar os seus conhecimentos.

Constatou-se que as enciclopédias e os livros didáticos são as fontes de informação mais usadas pelos professores estudados. Considera-se que, entre os vários factores que explicam esta vinculação são a rotina e a forte tradição pedagógica a que os professores parecem estar submetidos, sendo estes documentos considerados como a espinha dorsal de quase todas as disciplinas. Outra razão para a escolha do livro didático, poderá ter a ver com o facto dele aglutinar outros materiais didáticos (livro do professor, acetatos, CD-ROM), que contêm orientações para a condução de aula, simplificando o seu trabalho.

Verificou-se que 46,3% dos docentes quando solicitam aos seus alunos trabalhos de pesquisa na biblioteca escolar, prestam-lhes **apoio específico** e, também, dão apoio, frequentemente, quando a pesquisa é feita através da Internet (41,5%), verificando se as fontes são fiáveis (34,1%) (Quadro 49).

Frequentemente, acontece que os docentes mandam realizar pesquisas sem consultar previamente o fundo documental disponível na biblioteca, revelando-se pouco exigentes na aceitação deste tipo de trabalhos, que são meras cópias da informação retirada de várias fontes. Entendemos que, por muito “inteligentes” que sejam os meios, por si só, pouco ou nada farão em prol da educação se os recursos humanos a eles associados não acompanharem, em termos de habilidades e competências, a evolução tecnológica.

Sentimos que é necessário apelar a uma maior intervenção dos professores, neste domínio, já que sem,

“o seu empenhamento, apostado na ligação da biblioteca escolar ao Projecto Educativo e ao Plano Anual de Actividades – com professores que (...) não frequentem a biblioteca, não apelem à fundamentação dos saberes através dela, não acompanhem lá os seus alunos (...) – não será possível alterar a realidade que temos” (Silva, 2000, p.75). Torna-se, por isso, urgente mudar mentalidades e hábitos de trabalho que apelem a metodologias dinâmicas, assentes em recursos.

É nossa convicção que o trabalho do educador não se resume somente ao domínio de técnicas que facilitem a aprendizagem do aluno, mas se esse educador estimular e desenvolver no aluno a auto-estima, o respeito por si e pela ética, este vai valorizar o que faz e não se sujeitará a, apenas, “colar” as pesquisas efectuadas. Cabe ao educador fazer com que o aluno interiorize esse entendimento, incentivando-o à escolha e tratamento da informação.

Com esta atitude, o professor passará de agente transmissor, para agente colaborador, usando os recursos para perseguir o sucesso educativo.

### 6.3. DISCUSSÃO DAS HIPÓTESES

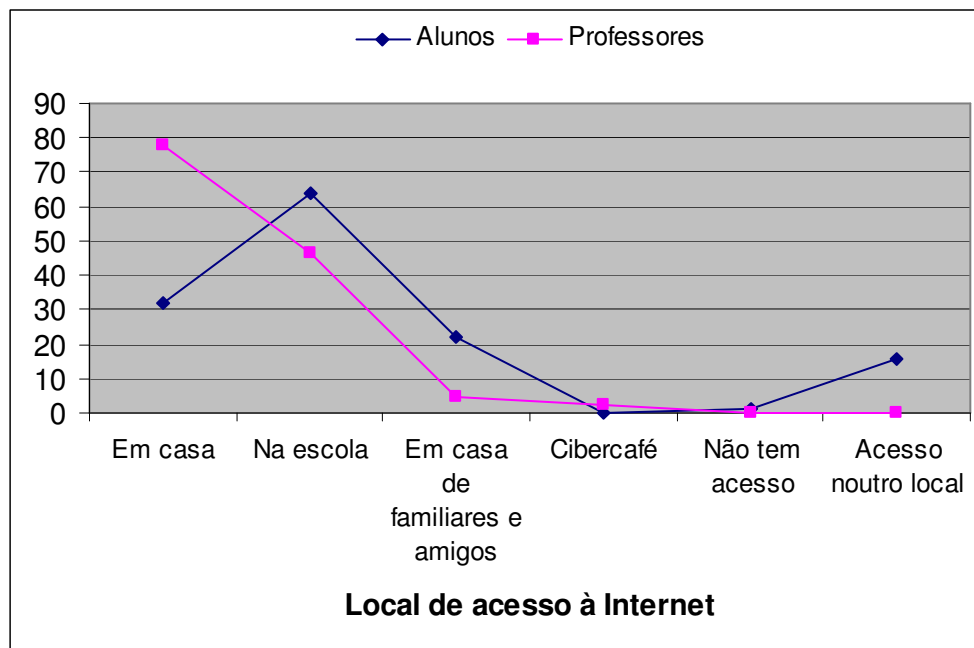
Seguidamente, discutimos as **hipóteses formuladas**, pretendendo dar a conhecer os factores que supostamente poderão influenciar a escolha da Biblioteca Escolar como fonte de informação e construção do conhecimento. Para o efeito, recorre-se à análise comparativa dos resultados, de forma a evidenciar as associações entre as variáveis em casa.

#### **H<sub>1</sub>. A Biblioteca Escolar é o principal local de acesso à Internet**

Esta análise visa concretamente averiguar a existência de diferenças ao nível do acesso à Internet por parte dos alunos (Questão II – 1) e dos professores (Questão III – 4). Verificamos claramente que os professores acedem maioritariamente à Internet em casa (78%). Os alunos acedem maioritariamente na escola (64,1%); em casa (31,7%); em casa de familiares ou amigos (22,2%); utilizam também outros locais (15,5%) e existem, ainda, 0,9% dos alunos que não têm acesso.

Desta forma, a hipótese 1 é confirmada em parte, os professores não acedem na biblioteca escolar, mas os alunos sim.

**Gráfico 11 – Principal local de acesso à Internet por alunos e professores**



A explicação mais provável pode estar relacionada com a carga horária dos professores (22h/semana), embora esteja a sofrer alterações, na medida em que o tempo de permanência na escola passou recentemente para 35h/semana. Esta situação *libertava* os professores mais cedo, aproveitando estes, tal facto para conciliar a sua vida profissional com a pessoal. Pensamos também estar relacionado com questões de natureza financeira, uma vez que muitos alunos não são detentores de grande poder económico, associado à herança de modelos vivenciais divergentes dos escolares.

Assistimos ainda a alguns constrangimentos inerentes à Internet, a saber:

- Reduzida penetração de PCs em Portugal, comparativamente com o resto da Europa;
- Zonas desfavorecidas, com limitações no acesso a serviços de Banda Larga (regiões infoexcluídas);
- Preços elevados para a massificação destes serviços;
- Desconhecimento dos benefícios de adopção e utilização da Internet;

- Reduzido conhecimento e formação em TIC.

Apesar desta situação, o Governo, através da UMIC está a fazer um grande investimento nesta área ao nível das escolas, cujos objectivos são:

- Ligar todas as escolas do ensino básico e secundário através de banda larga, permitindo aos alunos e professores o acesso a recursos educativos em linha;

- Introduzir as TIC no processo do ensino-aprendizagem, ao colocar em cada sala do ensino básico um computador, uma impressora, ligação e software educativo;

- Colocar redes wireless por toda a escola;

- Dotar as escolas de computadores portáteis, subsidiando a sua aquisição por jovens estudantes;

- Permitir a webização dos serviços académicos (inscrições, exames, notas, requerimentos, e-learning, MSN, Netescrita, blogues, etc).

Face a tudo isto, assiste-se a um processo evolutivo curioso, pois que uns e outros envolvem-se, esforçam-se e integram-se na actual sociedade de informação.

## **H<sub>2</sub>. A situação profissional dos professores influencia o uso da Biblioteca Escolar para a realização de projectos pedagógicos**

Na sequência da mobilidade inerente à profissão de professor, pretende-se verificar se a sua situação profissional (Questão I – 1), poderá de alguma forma influenciar o uso da Biblioteca Escolar para a realização de projectos pedagógicos (Questão II – 5).

Dos professores do Quadro de Nomeação Definitiva, 26,8% utilizam às vezes a biblioteca escolar para a realização de projectos pedagógicos; 12,2% nunca utilizam; 7,3% frequentemente e 4,9% utilizam sempre.

Dos professores do Quadro de Zona Pedagógica 14,6% utilizam às vezes a biblioteca escolar para a realização de projectos pedagógicos e 4,9% nunca a utilizam para esse fim.

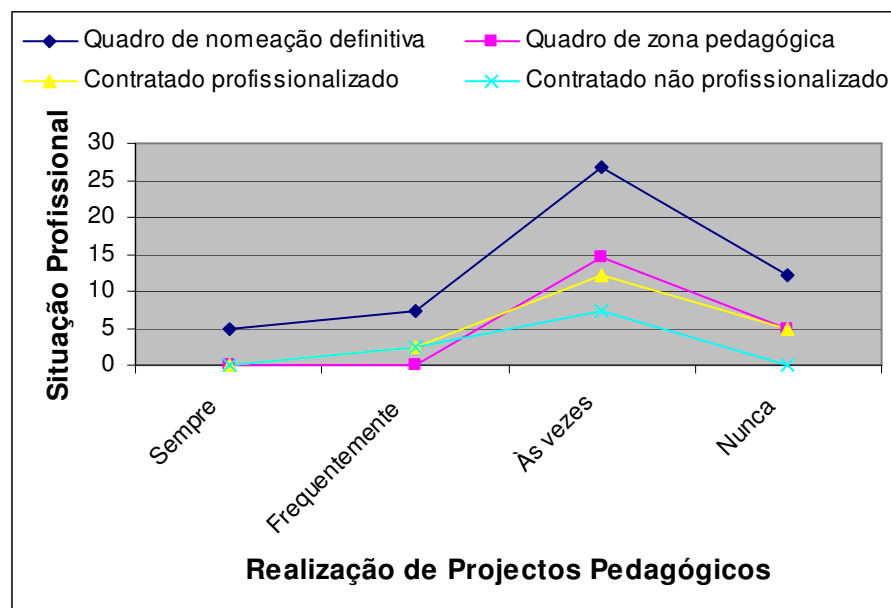
Dos professores Contratados Profissionalizados, 12,2% utilizam às vezes a biblioteca escolar para a realização de projectos pedagógicos; 4,9% nunca utilizam e 2,4% frequentemente.

Dos professores Contratados não Profissionalizados 7,3% utilizam às vezes a biblioteca escolar para a realização de projectos pedagógicos e 2,4% utilizam frequentemente a biblioteca.

Assim, através da representação gráfica abaixo indicada podem observar-se os dados mais evidentes:

A generalidade dos professores utiliza às vezes a biblioteca para realizar projectos pedagógicos, sendo que a maior percentagem é referente aos professores do QND (26,8%). Parece-nos que a aquisição do domínio pedagógico das Ciências da Educação, adquirido aquando da profissionalização, está relacionada positivamente com a utilização dos recursos da biblioteca. Os professores Contratados não Profissionalizados (7,3%) utilizam com menos frequência a biblioteca para a realização de projectos pedagógicos. Desta forma, confirma-se a hipótese 2, realçando-se que a situação profissional dos docentes pode condicionar a utilização da biblioteca para a realização de projectos pedagógicos.

**Gráfico 12 – Influência da situação profissional no uso da biblioteca escolar para realizar projectos pedagógicos**



Reconhece-se a importância da formação adequada e qualificada dos profissionais da educação, em nome do sucesso e do progresso pessoal e colectivo. Se considerarmos que “o conhecimento é a chave para o próximo milénio”, de acordo com as recomendações da União Europeia e da OCDE, de 1997, então a educação terá de ter ao seu serviço, docentes com sólida formação.

“Todas estas vertentes – rapidez na mudança, crescente multiculturalidade e mobilidades sociais – aliadas à imprevisibilidade do futuro, coloca a Escola perante um enorme desafio, com a certeza de que a qualidade da educação é a chave do sucesso” (Beltrão e Nascimento, 2000).

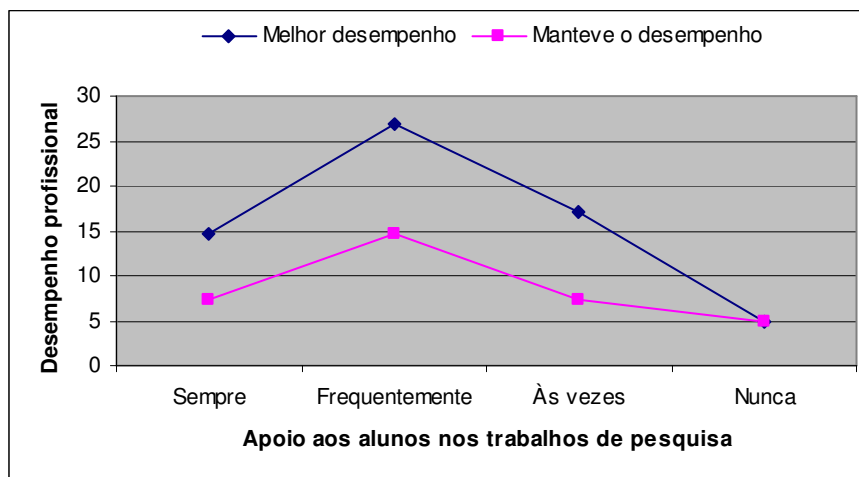
Creemos, pelos dados apontados, que o facto dos professores do Quadro de Nomeação Definitiva frequentarem mais a biblioteca, poderá estar relacionado com o papel pedagógico desenvolvido por este espaço de aprendizagem, no interior da escola. Depreende-se que exista alguma articulação e relação entre os actores educativos, estando a biblioteca escolar a cumprir os objectivos a que se propõe.

### **H<sub>3</sub>. Os professores que usam a Internet para as suas práticas lectivas, fomentam atitudes de pesquisa nos alunos**

Esta hipótese remete-nos para a análise das Questões IV – 3 e IV – 7 referentes ao desempenho profissional dos docentes após o uso da Internet contrapondo o apoio que prestam aos seus alunos nos trabalhos de pesquisa. Assim, 26,8% dos docentes consideram que melhoraram o seu desempenho com o uso da Internet e dão um apoio frequente aos seus alunos, fomentando-lhes atitudes de pesquisa; 17,1% dão às vezes; 14,6% sempre e 4,9% dos docentes nunca dão apoio nos trabalhos de pesquisa. Daqueles professores que consideram que o uso da Internet não interferiu no seu desempenho profissional, 14,6% dão apoio às vezes; 7,3% dão apoio frequentemente; 7,3% dão sempre e 4,9% nunca dão apoio aos seus alunos nos trabalhos de pesquisa. Efectivamente, o que se constata na representação gráfica que se segue é que os docentes que consideram ter melhorado o seu desempenho

após o uso da Internet prestam mais apoio aos seus alunos, fomentando-lhes atitudes de pesquisa. Confirma-se, assim, a hipótese apresentada.

**Gráfico 13 – Influência do desempenho profissional dos professores, após o uso da Internet, no apoio que estabelecem nos trabalhos de pesquisa**



A generalidade dos docentes (26,8%) que usam a Internet com fins pedagógicos, dão um apoio frequente, aos seus alunos, fomentando-lhes atitudes de pesquisa.

No presente estudo, a importância do recurso educativo – Internet é inquestionável, porquanto está presente um novo conceito de aprender. Constata-se, sobre esta questão, que os professores estão conscientes de que a construção do conhecimento passa por múltiplos caminhos e serve-se de instrumentos variados. Um desses instrumentos é a chamada pesquisa escolar.

**H<sub>4</sub>. A idade dos professores influencia a frequência com que acedem à Internet**

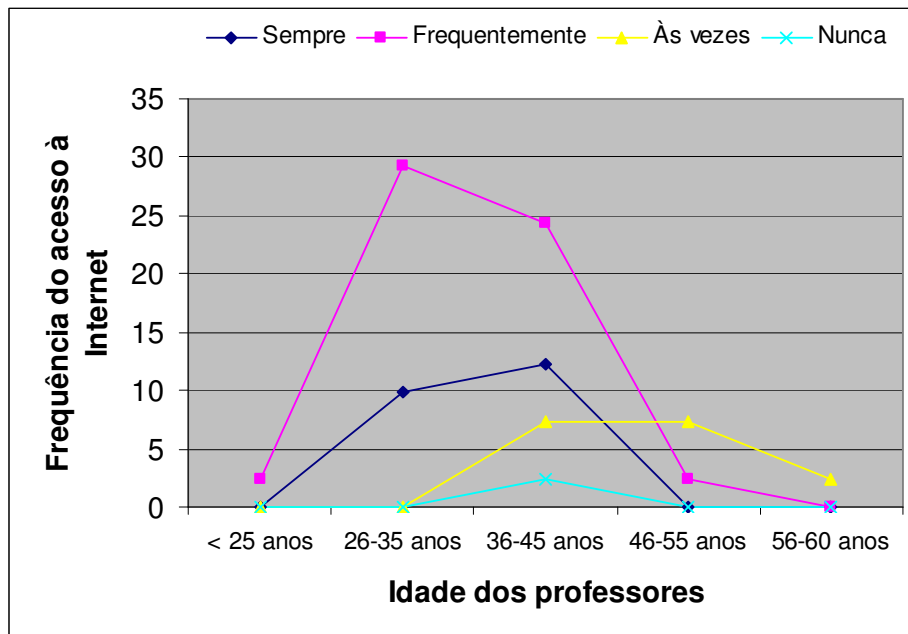
A verificação desta hipótese remete-nos para os dados pessoais dos professores para o uso da Internet. Nomeadamente, a questão da Idade

(Questão I – 2.1) contrapondo com a Questão III – 1 referente à frequência com que estes acedem à Internet.

Nesta análise, evidenciam-se diferenças entre os grupos de idade. Como nos é dado a observar, dos professores com menos de 25 anos, 2,4% acedem à Internet frequentemente. Na classe dos 26 aos 35 anos, 29,3% acedem frequentemente, enquanto 9,8% acedem sempre. Dos professores que apresentam entre os 36 e os 45 anos, 24,4% acedem frequentemente; 12,2% acedem sempre; 7,3% às vezes e 2,4% nunca acedem à Internet. Na classe dos 46 aos 55 anos surgem 2,4% que acedem frequentemente e 7,3% acedem às vezes. No último grupo dos 56 aos 60 anos de idade 2,4% dos professores referem que acedem apenas às vezes à Internet.

Na representação gráfica que se segue, evidencia-se a maior frequência de acesso à Internet na classe dos 26 aos 35 anos de idade. Desta forma, confirma-se a hipótese 4, sendo que a idade dos professores influencia a frequência de acesso à Internet.

**Gráfico 14 – Influência da idade dos professores na frequência com que acedem à Internet**



Assiste-se ainda a uma certa relutância face às tecnologias de informação e comunicação, o que se repercute posteriormente numa atitude de resistência à inovação e à mudança. Acreditamos que este facto poderá

justificar-se pela conjugação de alguns factores, de onde destacamos: ausência de formação informática nas licenciaturas em ensino de antigamente. Hoje, assiste-se a um esforço institucional que está a ser encetado pelos Ministério da Educação (Programa Nónio séc. XXI) e da Ciência e da Tecnologia (Programa Internet na Escola); atitude de desconfiança por parte dos professores mais velhos, pelas TIC. Ao mesmo tempo que sentem respeito pelas suas potencialidades, emergem sentimentos de desconforto e relutância, criando uma relação de inibição e também de indiferença; finalmente, razões de natureza metodológica. Como refere Papert (1996, citado por Costa, 2006), é estranho que com novos recursos tão poderosos, se continue a fazer o mesmo tipo de trabalho que se fazia anteriormente, reduzindo-se o papel da tecnologia a um mero instrumento de transmissão de informação, limitando-se o aluno a receber e a assimilar pacificamente essa mesma informação. Tal como já o afirmámos a formação de professores é fundamental. Vitorino (2006) refere a necessidade de se ultrapassar o anterior paradigma: sala de aula+quadro preto>manual+senhora mestra+funcionária de limpeza. Hoje, os recursos de informação e conhecimento são ilimitados, e a postura dos professores tem de ser outra, em nome do sucesso educativo que todos desejamos.

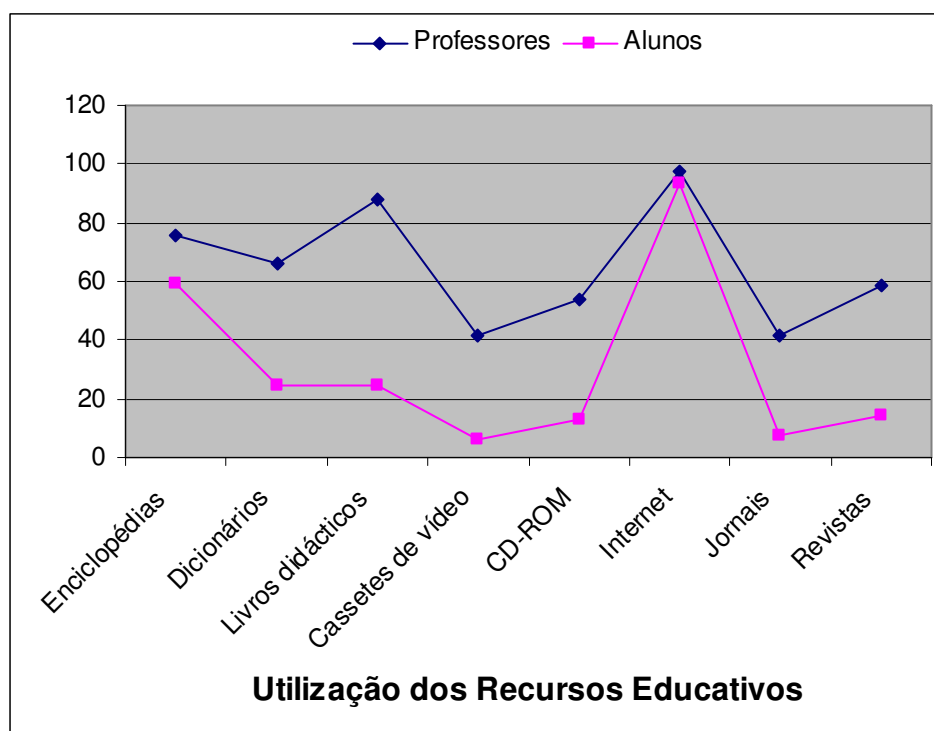
##### **H<sub>5</sub>. Existem diferenças quanto à utilização dos recursos educativos, por alunos e professores, para a realização das pesquisas**

No que diz respeito à utilização dos recursos educativos, por alunos (Questão II – 10) e professores (Questão IV – 5), para a realização de pesquisas, pode observar-se que 97,5% dos professores utiliza a Internet e 87,8% os livros didácticos; 93,2% dos alunos utilizam também a Internet e, ainda, as enciclopédias (59,0%).

Com base nos indicadores apresentados, tanto os alunos como os professores privilegiam a Internet para a realização das pesquisas, pelo que não se confirma totalmente a hipótese 5: há coincidência no que diz respeito ao uso da fonte de informação principal (a Internet), mas há divergência

relativamente à fonte de informação secundária (livros didácticos para os professores e enciclopédias para os alunos).

**Gráfico 15 – Utilização dos recursos educativos, por alunos e professores, para realização das pesquisas**



O que se pode concluir é que, no presente estudo, tanto professores como alunos estão conscientes da importância das TIC ao serviço da educação, demonstrando uma postura correcta face às exigências actuais da sociedade. Parece-nos também haver significado para o papel da pesquisa na construção do saber.

### Síntese Conclusiva

Como se tem vindo a verificar, muitos benefícios educacionais potenciais podem emanar da utilização das tecnologias nas escolas. A Internet pode ajudar os professores a obter e partilhar informações com facilidade, desenvolver as suas habilidades em muitas áreas e comunicar-se com outros

educadores, assim como com toda a comunidade educativa. Para os estudantes, a rede pode prover um meio potencialmente precioso de obter informações, como também de comunicação e colaboração com pessoas fora de suas escolas e comunidades.

Contudo, às vezes, a tecnologia é adquirida mais como um símbolo de modernidade do que para fins educacionais bem planeados. Além disso, como a Internet geralmente é considerada um recurso desejável, as escolas são pressionadas a ampliar o acesso na sala de aula antes mesmo de planejar uma utilização eficaz nesse ambiente.

Considerando a questão inicial subordinada às bibliotecas escolares e a partir de uma visão global dos indicadores, tal permite-nos verificar ainda um atraso significativo no que diz respeito ao seu uso, bem como à otimização pedagógica dos recursos nos seus diversos suportes, incluindo a Internet.

Actualmente, de acordo com fontes oficiais, Portugal está aquém dos seus congéneres europeus no que diz respeito à pesquisa escolar integrando as TIC, muito embora se verifique uma grande evolução. Segundo um relatório divulgado pela Comissão Europeia “*Use of Computers and the Internet in Schools in Europe, 2006*”, quase todas as escolas portuguesas estão equipadas com computadores e ligação à Internet, que são utilizadas com fins educativos (97%). No entanto, a relação computador/aluno é relativamente baixa, quando comparada com os demais países da União Europeia (6 computadores/100 alunos). Contudo, é fundamental referir que a mudança tem sido lenta mas existe.

Relativamente à biblioteca, são vários os estudos que atestam a importância deste espaço dentro da escola, uma vez que os alunos aqui adquirem competências e atitudes que poderão ser usadas transversalmente no currículo escolar, revelando-se profícuas para uma melhor integração no mundo em geral, podendo exercer plenamente a sua cidadania.

Sente-se, portanto, a necessidade de uma redefinição curricular, onde se prevejam soluções para que se torne possível a articulação dos recursos da biblioteca escolar e das tecnologias de informação, com vista à construção do conhecimento.

Seguidamente, parece-nos oportuno destacar as seguintes conclusões, do ponto de vista dos alunos:

- Os alunos utilizam a biblioteca com pouca frequência, apenas de vez em quando, contudo apresentam-se satisfeitos com a prestação de serviços da biblioteca.
- As actividades mais desenvolvidas na biblioteca são as pesquisas e o visionamento de filmes.
- Relativamente ao funcionamento da biblioteca, realçam o comportamento dos funcionários, que supostamente devia ser mais acessível e competente e, os computadores mais actualizados. Uma grande percentagem não tem opinião, pensa-se que devido ao facto de utilizarem apenas de vez em quando este espaço para as suas pesquisas e apoio no estudo.
- A propósito da frequência da pesquisa escolar para as várias disciplinas, às vezes pesquisam, sendo que os professores que mais solicitam a utilização da biblioteca escolar para este fim são os docentes de Língua Portuguesa, Ciências Naturais e Área de Projecto. Os professores que menos sugerem a biblioteca são os que leccionam as disciplinas de Educação Visual e Educação Física.
- Relativamente ao material existente na biblioteca, consideram-no diversificado.
- Os rapazes utilizam menos as enciclopédias e mais os CR-ROM comparativamente às raparigas; estas utilizam mais vezes a biblioteca para o visionamento de filmes.
- Os alunos do 7º ano utilizam os dicionários com mais frequência do que os alunos dos outros
- As ferramentas informáticas que mais utilizam para apoiar os estudos são a Internet e o Word. Verifica-se que acedem frequentemente à Internet no tempo livre e às vezes através das aulas. Onde utilizam menos esta ferramenta informática é nas actividades dos clubes
- As fontes de informação mais utilizadas, para as pesquisas dos alunos, são a Internet e as enciclopédias, e utilizam-nas frequentemente.
- A maioria dos alunos tem acesso à Internet na escola.

- Consideram fácil o uso da Internet e não solicitam ajuda porque não precisam. Os que pedem ajuda, na grande maioria consideram-na eficaz. Os alunos que consideram a ajuda pouco eficaz referem a falta de tempo de quem apoia.

▪

Expõem-se, de seguida, as conclusões do ponto de vista dos professores:

- A Escola Básica dos 2<sup>o</sup> e 3<sup>o</sup> Ciclos Aquilino Ribeiro, na sua maioria, integra docentes com nomeação definitiva e licenciados. Contudo, existe uma percentagem considerável de docentes contratados. A maioria dos docentes, apresenta entre 11 a 20 anos de serviço da função docente, contudo, na Escola Aquilino Ribeiro, a maioria dos docentes tem menos de 2 anos de serviço.
- A maior percentagem de professores inquiridos apresenta idades entre os 26 e 45 anos. A amostra revela-se homogénea quanto ao sexo.
- A maior percentagem dos docentes inquiridos lecciona Língua Portuguesa, Matemática e Ciências da Natureza. Das áreas curriculares não disciplinares realça-se o Estudo Acompanhado e a Área de Projecto.
- Os docentes frequentam às vezes a biblioteca da escola, por incompatibilidade de horário.
- Denota-se que as actividades mais desenvolvidas na biblioteca são a pesquisa e a consulta documental; só às vezes realizam projectos pedagógicos. Estimulam frequentemente o uso da biblioteca escolar como fonte de pesquisa.
- Todos os docentes inquiridos referem que se sentem satisfeitos com a prestação de serviços da biblioteca da escola; no entanto, grande parte não tem opinião sobre o que devia melhorar. Alguns docentes consideram que devia existir uma maior diversidade de livros.
- A idade e o sexo dos docentes não influenciam a utilização da biblioteca para realizar projectos pedagógicos; apenas a variável da idade influencia a frequência com que costumam aceder à Internet. Assim, os docentes com menos idade acedem sempre ou frequentemente,

enquanto os docentes com mais idade acedem à Internet apenas às vezes.

- Os docentes, às vezes, prestam apoio específico quando solicitam trabalhos de pesquisa na biblioteca escolar, e dão apoio frequentemente quando a pesquisa é feita através da Internet, verificando se as fontes são fiáveis.
- Os docentes realçam a Internet como ferramenta que pode auxiliar no processo do ensino-aprendizagem e costumam pesquisar frequentemente para leccionar conteúdos programáticos, utilizando a Internet como fonte de pesquisa. Às vezes, quando procedem a uma pesquisa, solicitam ajuda.
- Para além da Internet, os docentes utilizam como fonte de pesquisa as enciclopédias e os livros didácticos e sugerem aos seus alunos a pesquisar enciclopédias, livros didácticos e na Internet.
- Os docentes consideram que o uso da Internet se revela como uma actividade fácil e o seu desempenho profissional após o uso da Internet parece ter aumentado.
- Os docentes acedem frequentemente à Internet e utilizam-na há mais de 2 anos, gastando até 2 horas por semana com esta ferramenta pedagógica. Acedem à Internet em casa ou na escola e consideram que a qualidade do acesso na escola é regular.
- A maioria dos docentes já frequentou formação sobre as novas tecnologias de informação e comunicação e realçam como vantagem do uso pedagógico da Internet a quantidade de informação disponível, a actualidade e oportunidade da informação.

## Conclusão Geral

“A escola meramente informativa é potencialmente redutora.  
A escola da interpretação é genuinamente culta.”  
Roberto Carneiro (2006)

O presente trabalho resultou em larga medida da construção pessoal feita ao longo do tempo e da leitura de obras e artigos de investigadores nacionais e estrangeiros, bem como das inúmeras discussões tidas com a orientadora e com colegas de trabalho.

Ao realizar este trabalho pudemos concluir que existe ainda muito por fazer no contexto escolar, no que respeita a inovações ao nível dos processos de ensino e aprendizagem. Com efeito, há que valorizar o papel que a escola desempenha, enquanto espaço de construção de crescimento e desenvolvimento físico, psíquico e intelectual dos indivíduos, reconhecendo a importância dos recursos e a “valorização da diversidade de metodologias e estratégias de ensino e actividades de aprendizagem, em particular com recurso a tecnologias de informação e comunicação, visando favorecer o desenvolvimento de competências numa perspectiva de formação ao longo da vida” (art. 3 do Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro).

A consciência de que a sociedade está a mudar rapidamente é sentida por todos nós, emergindo uma preocupação crescente em investir na Educação como motor de desenvolvimento nacional, no contexto globalizante da sociedade actual. A escola, como instituição responsável pela formação e educação dos cidadãos, perante este novo paradigma terá de proceder à adopção de novas estratégias educativas, onde os actores assumam novas posturas e os conteúdos sofram modificações impulsionadas pelo uso das tecnologias.

Estamos conscientes de que as bibliotecas escolares só poderão cumprir os seus objectivos se os docentes fizerem a apropriação de novas metodologias, integrando os diversos recursos aí existentes, incluindo ferramentas tecnológicas, fazendo deste espaço um meio de integração e desenvolvimento verdadeiramente transversal do conhecimento.

Relativamente às conclusões da investigação empírica, procurou-se sintetizar de uma forma integrada e analítica todos os conhecimentos e resultados que surgiram. Todos os procedimentos foram executados sem

sacrificar qualquer rigor, de forma que a abordagem se tenha centrado numa exposição, tanto quanto possível, acessível a uma vasta gama de leitores.

As limitações da amostra realçam algum cuidado na extrapolação dos resultados. Os resultados obtidos não são definitivos. A dimensão da amostra e o tipo de amostragem, e ainda, e por este facto, o reduzido poder estatístico, tornaram a interpretação dos mesmos bastante limitativa, perspectivando futuras investigações nesta área, parecendo de relevante importância verificar os dados do actual estudo utilizando outras variáveis, nomeadamente a condição sócio-económica e as políticas locais e regionais para a educação.

As conclusões que se tiram deste trabalho só podem ter cabimento no contexto do quadro teórico exposto e das limitações operativas. Estas limitações estendem-se do plano teórico geral para as condições particulares de realização do estudo, nomeadamente a pouca experiência no domínio da investigação e, ainda, as limitações temporais para a elaboração desta memória.

Subsiste a ideia de *muita teoria e pouca prática* sendo que, por esse motivo, deparamo-nos com frequência na nossa pesquisa com respostas que careciam de informações mais concretas, ao nível da utilização da biblioteca escolar, e no que diz respeito à apropriação de novas metodologias de ensino e aprendizagem.

Ao colocar como objectivo central a importância das bibliotecas na construção do conhecimento, pretende-se eliminar a distância entre a sala de aula e este espaço pedagógico que supostamente deverá ser, também, dinâmico. Os professores e alunos que participam activamente das actividades, envolvendo as TIC e os recursos de pesquisas existentes na biblioteca, têm mais possibilidades de desenvolver projectos que integrem a escola e os seus participantes.

A ideia é que, ao integrar a biblioteca escolar na rotina escolar, todos os participantes do universo escolar – alunos, professores, gestores, funcionários e comunidade educativa – possam usufruir dos seus benefícios, como o acesso às novas tecnologias, competências de literacia, incluindo a digital e social, na era da sociedade da informação.

Após este estudo, estamos convictos de que professores e alunos estão conscientes da importância da biblioteca escolar e dos seus recursos no

panorama educativo. Mas se, por um lado, os alunos quase que inconscientemente, e pelo inevitável estereótipo da moda, comportamentos e gostos, acabam por aderir, nem que seja unicamente por motivos que se prendem com as tecnologias de informação e comunicação, por outro lado, é junto dos professores que residem, em nosso entender, as maiores dificuldades de adaptação e adesão ao novo paradigma da educação. A aversão às tecnologias, associado a um deficitário plano de formação contínua dos professores, são dois fortes motivos que obstaculizam a mudança. No entanto, devemos apontar o contributo dado para alterar esta situação, nomeadamente através do actual *Programa de Desenvolvimento Educativo para Portugal (PRODEP III)* que, neste momento, financia e propõe aos Centros de Formação acções de formação apenas no âmbito das bibliotecas escolares e das TIC, numa tentativa de restringir as escolhas dos professores quanto à sua formação e conduzi-los à aquisição de competências relacionadas com estas áreas.

Embora seja o final da pesquisa, este trabalho tornou-se o começo de novas dúvidas, e abertura para novos horizontes. Consideramos que temos muito ainda a aprender, a reflectir e a mudar na nossa prática docente, para que, também nós, possamos ser conhecimento em direcção ao Conhecimento.

Perante todas as dúvidas e interrogações que nos suscitou a elaboração deste trabalho, podemos afirmar convictamente que a reflexão, discussão e análise feitas contribuíram para a construção do nosso conhecimento. Consideramos, no entanto, que muito há ainda para aprender, reflectir e mudar na nossa prática docente.

Pouco adianta uma escola possuir biblioteca, laboratório de informática e outras tecnologias – como Televisão, vídeo e câmara digital, entre outras ferramentas pedagógicas – se os professores e alunos desconhecem seu potencial ou não acompanham o trabalho realizado neste espaço.

Entendemos constituir este estudo de caso um documento exploratório a ser analisado em contexto local, de onde pode ser retirada informação para uma valorização crescente da biblioteca escolar, contribuindo assim, para a concretização dos objectivos pedagógicos que a escola prossegue.

Reflectindo os temas da investigação teórica, o trabalho empírico tem como principais objectivos: a) averiguar se os alunos e professores valorizam e

utilizam a biblioteca escolar; b) identificar as ferramentas informáticas que os alunos utilizam para apoiar os seus estudos; c) averiguar se os docentes e alunos sentem as vantagens do uso pedagógico da Internet; d) averiguar se os docentes dão apoio específico aos alunos quando lhes solicitam trabalhos de pesquisa na Internet.

Em termos mais específicos, verificamos, também, que a biblioteca escolar desempenha um importante papel no acesso aos recursos educativos.

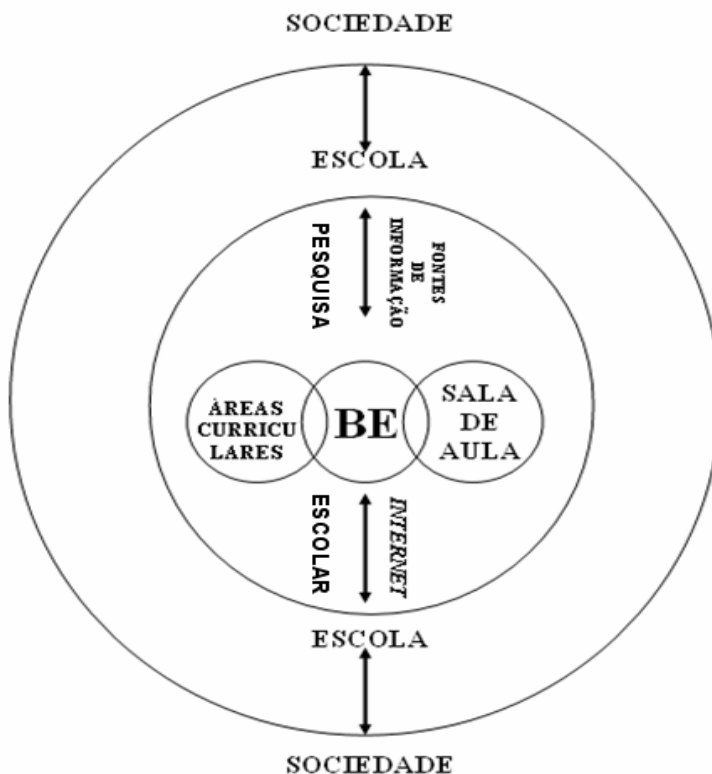
Os nossos resultados revelaram uma significativa influência da biblioteca escolar e dos seus recursos junto dos alunos e professores, indo ao encontro dos pressupostos teóricos e dos dados de investigação empírica em que nos baseámos. Em termos globais, fazem sobressair a relação entre biblioteca e fontes de pesquisa, particularmente a Internet. Esta é considerada como principal agente motivador para o uso da biblioteca, constituindo-se como uma importante ferramenta pedagógica ao serviço do processo do ensino-aprendizagem e destacam como vantagens, principalmente a actualidade e quantidade de informação. Os professores utilizam a Internet, às vezes, para realizar projectos pedagógicos. A maior parte dos professores que acede à Internet são professores pertencentes ao Quadro de Nomeação Definitiva e fazem-no em sua própria casa, enquanto que o principal local de acesso dos alunos é a escola. Quanto ao grau de facilidade de uso da Internet, alunos e professores consideram-no de fácil manuseamento.

Desde logo, isto denota consciência, por parte de alguns professores, da importância de uma pedagogia centrada nos recursos, podendo rentabilizar a biblioteca escolar como um óptimo “ recurso, quer como parceiro indispensável das actividades disciplinares específicas, quer como potência autónoma na formação plena dos indivíduos” (Sousa, 2000, p.29). Os resultados revelam maior consciência quanto à importância da Internet, como ferramenta de pesquisa escolar. Os alunos, sementes germinadas nos tempos actuais, mostram-se mais receptivos face às exigências da sociedade da informação e comunicação, em que se inserem

Donde, podemos concluir que a biblioteca escolar deve ser encarada com maior rigor, como um equipamento capaz de transformar as práticas escolares e contribuir para um maior sucesso educativo, um instrumento fundamental para a aquisição das competências e dos saberes que Edgar Morin (2000) propõe como fundamentais para o século XXI.

Finalizaremos este trabalho com um esquema (Figura 2), que ilustra a temática abordada no nosso trabalho teórico e que poderá servir de referência no quadro empírico por nós apresentado, onde acentuamos o papel formativo e educacional da biblioteca na escola e na sociedade.

**Figura 2 – Sociedade de Informação / Biblioteca Escolar**



Na sociedade da informação e comunicação, a biblioteca escolar revela-se, sem dúvida, um local potenciador de pesquisa e aprendizagem indispensável para a construção do conhecimento. Os professores da Escola Básica 2,3 Aquilino Ribeiro também estão conscientes disso, embora não a frequentem assiduamente e, também reconhecem a importância dos recursos educativos, nomeadamente a Internet, para alcançar o sucesso educativo.

## Recomendações

“The best way to predict the future is to invent it”  
Alan Kay (1991)

Na maior parte das bibliotecas escolares, nomeadamente as pertencentes à Rede de Bibliotecas Escolares, existe um mínimo de condições técnicas, bem como o reconhecimento das potencialidades de uma integração plena dos seus recursos no processo do ensino-aprendizagem. Os alunos estão abertos a metodologias que envolvam um trabalho colaborativo, construtivo e que envolvam as TIC. Algumas limitações surgem, decorrendo estas da falta de interdisciplinaridade e da importância da aprendizagem não formal, que ocorre fora da sala de aula.

Assim, urge reconhecer que é importante usar a biblioteca escolar e utilizar os recursos aí disponíveis, estruturando e proporcionando situações e experiências propiciadoras da construção do conhecimento partilhado.

Não querendo apresentar propostas ambiciosas, e como tal difíceis de concretizar, apenas pretendemos propor algumas sugestões que poderão contribuir para um melhor funcionamento das bibliotecas.

Neste contexto, entendemos que deve ser delineado um plano de acção que permita:

- Disponibilizar conteúdos e instrumentos de apoio à realização de actividades lectivas decorrentes das visitas dos alunos e professores à biblioteca da escola.

- Disponibilizar materiais necessários aos alunos e professores na dinamização das actividades.

- Dar acesso diferenciado a uma base de dados para recolha e apresentação de informação, relevante para o acompanhamento dos trabalhos de pesquisa.

- Promover e disponibilizar áreas de discussão, Web fóruns, para troca de ideias e experiências entre os docentes das escolas e os alunos

Sintetizando, poderíamos dizer que o mais importante no sistema educativo é o aluno, constituindo nosso objectivo educá-lo, formá-lo e socializá-

lo, através de um conjunto de saberes e competências conducentes a uma sua integração plena na sociedade em que se encontra.

Acreditamos que, de acordo com o perfil etário e cognitivo dos alunos alvo da nossa proposta de análise, será possível fomentar uma verdadeira cultura de interacção, partilha, cooperação e pesquisa com vista à construção do conhecimento. Compete ao professor, em última instância, o papel primordial de promotor deste contexto de aprendizagem, sabendo rentabilizar os recursos existentes na biblioteca escolar.

A crescente importância do papel das bibliotecas em contexto escolar é inquestionável, elas apresentam-se como “um elemento fundamental, tanto do sistema educativo, como do sistema bibliotecário dos países desenvolvidos” (Calixto, 1996, p. 83).

Torna-se, assim, urgente a implementação de um programa de formação de docentes e funcionários nesta área, com o objectivo de promover uma atitude de receptividade à inovação pedagógica, dando resposta às actuais exigências da sociedade.

Face aos resultados obtidos e mediante as reflexões decorrentes da leitura de bibliografia especializada, tal levou-nos a concluir que é fundamental instalar, nas escolas, uma determinada cultura bibliotecária, fazendo eco de que uma boa biblioteca é sinal de educação e ensino de qualidade. Pensamos estar no bom caminho, o *Plano Nacional de Leitura*, a previsível carreira de professor-bibliotecário, entre outras medidas, constituem um encorajamento para aqueles que há muito reconheceram que as bibliotecas escolares são um espaço de aprendizagem indispensável à construção do conhecimento.

## BIBLIOGRAFIA

### A

Adell, J. (1997). Tendências en educación en la sociedad de las tecnologías de la información. *EduTec (Revista electrónica de Tecnología Educativa)*, 7

Alarcão, I. (1998). Construção do conhecimento e ludicidade. Um estudo descritivo do processo da construção do conhecimento no âmbito de um seminário curricular numa licenciatura em ensino na Universidade de Aveiro. In *Aprendizagem como aquisição e construção do conhecimento*. Aveiro: Cadernos CIDINE.

Alçada, I. (1996). As Novas Bibliotecas Escolares. *Noesis*, 38, mar./jun., 18-23.

Alonso, M. L. (1994). Inovação curricular, profissionalidade docente e mudança educativa. In *Actas do Encontro ProfMat-93*. (pp. 17). Lisboa: APM.

Alonso, M. L. (1999). *Inovação curricular, formação de professores e melhoria da escola*. Tese de Doutoramento, Universidade do Minho, Braga.

Alves, M. (2000). *Intervenção da Biblioteca Escolar no processo ensino-aprendizagem*. Estudo de caso. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação. Universidade de Lisboa.

Alves, M. (1999). Biblioteca escolar: tecnologias de informação e currículo. *Liberpolis: Revista das Bibliotecas Públicas*, 2, 69-80.

### B

Back, M. H. de C. (coord.) (1981). Interesses e estímulos na leitura dos estudantes de 1º e 2º graus e condições de funcionamento de bibliotecas escolares. *Boletim ACB*, 1, 3-4.

Baganha, F. (2004). *Novas bibliotecas, novos conceitos*. Lisboa: Biblioteca Digital – Universidade Fernando Pessoa.

Bagno, M. (2001). *Pesquisa na escola: O que é, como se faz*. São Paulo: Layola.

Barnes, A., Perla N. (2002). La biblioteca escolar como recurso central del aprendizaje: Propuesta de formación en el centro educativo. *Annales de Documentation. Revista de Biblioteconomia y documentation*, 31, 24-40.

Barret, H., Akerberg, U. (1999). School Library and ICT in a Multicultural Society: *A study of school libraries and the use of ICT in the City District of Rosengard*. Malmoe, Sweden.

Barroso, J. (1997). Dez anos de Lei de Bases: a reforma da escola. *Noesis: A educação em revista*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 41, Jan./Março.

Barroso, J., Rosa, Alexandre, Costa, António Firmino da, Ávila, Patrícia (1999). *Da Cultura da Homogeneidade à Cultura da Diversidade*. Lisboa: Departamento da Educação Básica do Ministério da Educação.

Benavente, A., Rosa, A., Costa, A. F., Ávila, P. (1996). *A Literacia em Portugal. Resultados de uma pesquisa extensiva e monográfica*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian/Conselho Nacional de Educação.

Bertrand, Y., Valois, P. (1994). *Paradigmas educacionais: Escola e sociedades*. Lisboa: Instituto Piaget. Horizontes Pedagógicos.

## C

Calçada, T. (1996). Bibliotecas: Perspectivas e realidades. *Noesis: A educação em revista*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional, 38, Abril/Junho, 30-32.

Calixto, J. A. (1996). *A biblioteca escolar e a sociedade de informação*. Lisboa: Editorial Caminho.

Canário, R. (1996). *Que futuro para as bibliotecas?* *Noesis*, 37,60-62.

Canário, R., Barroso, Cristina, Oliveira, Fernando, Pessoa, Ana Maria (1994). *Mediatecas escolares: Génese e desenvolvimento de uma inovação*. Lisboa: Ministério da Educação.

Canário, R., Oliveira, F. (1992). *Centro de Recursos Educativos: Modalidades de utilização para professores*. Lisboa: Centro de Recursos da Escola Preparatória Marquesa de Alorna.

Canário, R., Sousa, J. P. de (1997). *Formação especializada de professores responsáveis de bibliotecas escolares*. Lisboa: Gabinete Coordenador da Rede de Bibliotecas Escolares.

Cardoso, A. P. (2000). *Receptividade à inovação pedagógica: O professor e o contexto escolar*. Tese de doutoramento, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação, Coimbra.

Carmo, H., Ferreira, M. M. (1998). *Metodologia da Investigação: Guia para a auto-aprendizagem*. Lisboa: Universidade Aberta.

Carneiro, R. (2000). 20 Anos para vencer 20 décadas de atraso educativo. In *O Futuro da Educação em Portugal, Tendências e Oportunidades*. Lisboa: DAPP-ME.

Carneiro, R. (2006). Debate Nacional sobre Educação: Como vamos melhorar a educação nos próximos anos? In Seminário “Educação, Ciência e Tecnologia”. Lisboa: CNE.

Carretero, M. (1997). *Construtivismo e educação*. Porto Alegre: ArtMed.

Castells, M. (1999). *A galáxia da Internet: Reflexões sobre a Internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Castells, M. (1999a). *A Sociedade em Rede*. 2ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

Castells, M. (2001). *O fim do milénio. A era da informação: A economia, a sociedade e a cultura*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Cervo, A. L., Bervian, P. A. (1983). *Metodologia Científica*. 3ª ed. São Paulo: McGraw-Hill.

Comissão Europeia (1995). *Livro Branco sobre a educação e a formação: Ensinar e aprender rumo à sociedade cognitiva*. Luxemburgo: Comunidade Europeia.

Conselho Nacional de Educação (1999). *A sociedade de informação na escola*. 2ª ed. Lisboa: Ministério da Educação.

Contiero, V. (1999). *Leitura: da biblioteca escolar ao lar*. [on-line]

<http://www.moderna.com.br/artigos/arte0018>.

Costa, H., Nobre, L. S., Serrano, M. F. (1998). *Sistema Educativo Português. Caracterização e propostas para o futuro*. Lisboa: Ministério da Educação.

Costa, E. (1989). O crescer duma biblioteca como unidade pedagógica. *Correio Pedagógico*. Porto: Asa, 29,2.

## D

D'Hainaut, L. (1990). *Conceitos e Métodos da Estatística – Uma variável a uma dimensão*. I. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Delgado-Martins, M. R., Ramalho, G., Costa, A. (2000). *Literacia e sociedade. Contribuições pluridisciplinares*. Lisboa: Editorial Caminho.

Delors, J (2001). A educação ou a utopia necessária. In Educação: Um tesouro a descobrir - Relatório para a Unesco da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. (pp. 11-30). Porto: ASA.

Denis, L. G. (1963). L'école secondaire et les bibliothécaires professionnels. *L' instruction publique*, 7, 6, Février, 5-11.

Dewey, J. (1995). *Democracia y educación*. Madrid: Morata.

Dias, P. B. da S.(org.) (1999). Actas da I Conferência Internacional de tecnologias da Informação e Comunicação na Educação: Desafios: Challenges 99. Braga: Centro de Competências Nónio Séc. XXI da Universidade do Minho.

Documento electrónico disponível em: <http://www.prof2000.pt>.

## E

Eco, U. (2002). *A biblioteca*. 5ª ed. Lisboa: Difel.

## F

Faure, E. (1981). *Aprender a ser*. 3ª ed. Lisboa: Bertrand.

Fernandes, M. R. (2000). Mudança e inovação na pós-modernidade: Perspectivas curriculares. Porto: Porto Editora.

Fortin, M.-F. (1999). O processo de investigação: Da concepção à realização. Lisboa: Lusociência.

Fragata, J. S.I. (1967). Noções de metodologia: Para elaboração de um trabalho científico. Porto: Livraria Tavares Martins.

Freire, P. (1997). *Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa*. 6ª ed. São Paulo: Paz e Terra.

Freire, P. (2000). *Pedagogia do Oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Furtado, J. A. (2000). Os livros e as leituras. Novas tecnologias da informação. Lisboa: Livros e Leituras.

## G

Gardner, H. (1994). *Estruturas da Mente: A teoria das inteligências múltiplas*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Ghiglione R., Matalon, B. (1993). *O Inquérito: teoria e prática*. 4ª ed. Oeiras: Celta.

Giddens, A. (2000). *Sociologia*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.

Giddens, A. (2002). *A Modernidade e Identidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Gil, A. (1991). *Métodos e Técnicas de Pesquisa Social*. São Paulo: Editora Atlas.

Gil, A. (1995). *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*. 3ªed. São Paulo: Editora Altas.

Gil, A. (2002). *Como Elaborar Projectos de Pesquisa*. 4ªed. São Paulo: Editora Altas.

Gómez Hernández, José A. (2004). Por qué y para qué las bibliotecas en el siglo XXI. In *Palabras por la biblioteca*. (pp. 93-97). Madrid: Educación y Biblioteca, Junta de Comunidades de Castilla – La Mancha.

Gómez, A. P. (1994). La interacción teoría-práctica en la formación del docente. In L. Mesa e J. M. Jeremias, *Las Didácticas en la Formación del Profesorado*. Santiago de Compostela: Tórculo Edicións.

Gonçalves, M. J. V. (2001). *Bibliotecas, mediatecas, centro de recursos nas escolas – com quem?*. Lisboa: Ministério da Educação.

## H

Habermas, J. (1984). *The Theory of Communicative Action. Reason and the Rationalization of Society*. Vol. I. Bóston: Beacon.

Hannedottir, S. K. (1995). *Bibliotecários escolares. Linhas de orientação para os requisitos de competência*. Holanda: International Federation of Library Association.

Hargreaves, A. (1998). *Os professores em tempo de mudança*. Lisboa: Editora Mac GrawHill.

Hassenforder, J. (coord.) (1972). *Sociologie de l'éducation : Dix ans de recherches*. Paris: L'Harmattan.

## K

Kay, A. (1991). Computers, Networks and Education. In *Scientific American*, 265, 3.

Kuhn, T. (1962). *Paradigma em Thomas Kuhn*. [on-line]

<http://www.sul-sc.com.br/afolha/pag/thomaskuhn-htm>.

Kuhn, T. (2003). *A estrutura das revoluções científicas*. 7ª ed. São Paulo: Perspectiva.

## L

Lakatos, E. (1991). *Fundamentos de metodologia científica*. 3ª ed. São Paulo: Edições Atlas.

Lakatos, E., Marconi, M. A. (1992). *Metodologia do trabalho científico*. 4ª ed. S. Paulo: Edições Atlas.

Lakatos, E., Marconi, M. A. (1996). *Técnicas de Pesquisa*. 3ª ed. São Paulo: Edições Atlas.

Landsheere, G., Landsheere V. (1976). *Definir os objectivos da Educação*. Lisboa: Ed. Moraes.

Leal, F. C. (2000). *Que escola para a Sociedade do Conhecimento?* [on-line] <http://www.prof2000.pt>.

Lévy, P. (1993). *As tecnologias da Inteligência: O futuro do pensamento na era da informática*. Rio de Janeiro: Ed. 34.

Lévy, P. (1998). *Inteligência Colectiva: por uma antropologia do ciberespaço*. São Paulo: Loyola.

## M

Magalhães, M. de L. (2000). A formação de leitores e o papel das bibliotecas. In F. Sequeira (org.), *Formar Leitores. O Contributo da Biblioteca Escolar*. (pp. 59-73). Lisboa: Ministério da Educação.

Marques, R. (1998). *Na sociedade de informação: O que aprender na escola?* Porto: ASA.

Martínez Rodrigues, M. A. (1999). El enfoque sociocultural en el estudio del desarrollo y la educación. Escuela Nacional de Estudios Profesionales, Campus Iztacala. Universidad Nacional Autónoma de México. *Revista Electrónica de Investigación Educativa*. UABC. México.

Masuda, Y. (1982). *A sociedade da informação como sociedade pós-industrial*. Rio de Janeiro: Ed. Rio.

Matta, R. C. M. (2003). *Prática de pesquisa escolar..* [on-line]

Moraes, M.C. (2004). *O Paradigma educacional emergente*. Campinas, Papirus.

Moran, J. M. (1997). Como utilizar a Internet na educação. In *Revista Ciência da Informação*. Brasília, 26, 2, Maio-Agosto 1997, 146-153.

Moreira, A. F. B., Macedo, E. F. de (2002). *Currículo, práticas pedagógicas e identidades*. Porto: Porto Editora.

Morgado, J. C. (2001). O currículo no ensino básico: Globalizar, integrar, adequar e flexibilizar. In C. V. Freitas, C. Leite e J. C. Morgado (Eds), *Reorganização curricular do ensino básico: Fundamentos, fragilidades e perspectivas*. (pp. 7-15). Porto: ASA.

Morin, E. (2000). *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 2ª ed. São Paulo: UNESCO/Cortez Editora.

Morin, E., (2003). *O problema epistemológico da complexidade*. 2ª ed. Lisboa: Publicações Europa-América.

## N

Niskier, A. (1993). *Tecnologia educacional: Uma visão política*. Rio de Janeiro: Editora Vozes.

Nogueira, A. J. F. (2001). *Centros de recursos educativos: Um projecto de escola*. Tese de Mestrado, Universidade Aberta, Lisboa:

Nóvoa, A., coord. (1995). *As organizações escolares em análise*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.

Nunes, H. B. (1998). *Da biblioteca ao leitor*. Braga: Autores de Braga.

Nunes, M. B. (2006). Múltiplas Formas de Literacia. In II Encontro do Curso de Ciências e Tecnologias da Documentação e Informação. Vila do Conde.

## O

OCDE (1989). *O Ensino na sociedade moderna*. Porto: Edições ASA.

## P

Pádua, E. M. M. de (1996). *Metodologia da pesquisa: Abordagem teórico-prática*. São Paulo: Papirus.

Papert, S. (1994). *A Máquina das crianças: Repensando a escola na era da informática*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Parent, A.-M. (1963). *Rapport de la Commission royale d'enquête sur l'enseignement dans la province de Québec*. Québec : Ministère de l'Éducation.

Patte, G. (1983). *Laissez-les lire! Les enfants et les bibliothèques*. 2ªed. Paris: Éditions Ouvrières.

Perrenoud, P. (1997). *Práticas pedagógicas, profissão docente e formação, perspectivas sociológicas*. 2ª ed. Lisboa: Dom Quixote, Instituto de Inovação Educacional.

Perrenoud, P. (2000). *10 Novas competências para ensinar: Convite à viagem*. Porto Alegre: Artes médicas.

Perrenoud, P. (2001). *Porquê construir competências a partir da escola?* Porto: Edições ASA.

Pessanha, A. M. (2004). *A Biblioteca Escolar nas novas práticas educativas face à sociedade de informação*. Tese de mestrado, Instituto Superior da Ciência do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Pessoa, A. M. (1994). *A biblioteca escolar*. Porto: Companhia das Letras.

Pestana, M. H., Gageiro, J. N. (2003). *Análise de dados para ciências sociais. A complementaridade do SPSS*. 3ª ed.. Lisboa: Edições Sílabo.

Piaget, J. (1990). *Para onde vai a educação?* 2ª ed. Lisboa: Livros Horizonte.

Pinto, M. L. da S. (2002). *Práticas Educativas numa Sociedade Global*: Porto: Edições ASA.

Portugal. Ministério da Ciência e da Tecnologia. Grupo de Missão para a Sociedade de Informação (1997). *Livro Verde para a sociedade da informação em Portugal*. 3ª ed. Lisboa: Ministério da Ciência e da Tecnologia.

Portugal. Ministério da Educação (2001). *Resultados do Estudo Internacional Pisa 2000*. Lisboa: Ministério da. Educação.

Portugal. Ministério da Educação (2002). *Currículo Nacional do Ensino Básico*. Lisboa: Ministério da Educação.

Portugal. Ministério da Educação Portugal. Departamento da Educação Básica (2001). *Currículo nacional do Ensino Básico. Competências essenciais*. Lisboa: Ministério da Educação.

Prado Júnior, C. (1973). Teoria Marxista do Conhecimento e método dialéctico materialista. *Discurso: Revista do Departamento de Filosofia da USP*. 4, 4, 51.

## Q

Quivy, R., Van Campenhoudt, L. (1992). Manual de investigação em ciências sociais. Lisboa: Gradiva.

## R

Rodrigues, A. (2000). A biblioteca escolar e os programas de Português. In F. Sequeira (org.) *Formar leitores. O contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Ministério da Educação.

Rodrigues, M. J. (1999). Novas competências para a sociedade do futuro, In *Escola, Diversidade e Currículo* (pp.69-78). Lisboa: Ministério da Educação.

Rostaing, H. (1997). La bibliométrie et ses techniques. Toulouse: Sciences de la société.

Rueda, R. (1998). Biblioteca Escolar: Guia para el profesorado de educación primaria. Madrid: Narcea.

## S

Sánchez, R. (2002). Las dos caras de Internet.

(<http://isis.scriptmania.com/doscaras.htm>)

Santos, B. S. (1996). *Um discurso sobre as ciências*. 8ª ed. Porto: Edições Afrontamento.

Sequeira, F. (2002). A Literacia em Leitura. In *Revista Portuguesa de Educação*. Braga: Universidade do Minho, vol.15, nº 2, pp. 51-60.

Sequeira, M. F. (2000). *Formar Leitores: o contributo da biblioteca escolar*. Lisboa: Instituto de Inovação Educacional.

Silva, L. M. (2000). Bibliotecas Escolares: um contributo para a sua justificação, organização e dinamização. Braga: Livraria Minho.

Silva, L. M. (2002). *Bibliotecas Escolares e construção do sucesso educativo*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia da Universidade do Minho.

Sklibeck, M. (1998). Os sistemas educativos face à sociedade da informação. In Marques, R., et al. *Na Sociedade de Informação: o que aprender na escola?* Porto: ASA.

Sousa, J.M. (2000). *O professor como pessoa*. Porto: Livros do Brasil.

Souza, H. (1988). A biblioteca escolar ainda é privilégio. In: *Revista Nova Escola*. São Paulo, nº 18,.6-13.

Souza, M. A. (1996). *Internet: a rede global*. São Paulo: APB.

## T

Tarapanoff, K. (1982). Biblioteca Escolar: um problema de qualidade. In *Seminário Nacional sobre Bibliotecas Escolares*. Brasília, 1, 39-42.

Tarea, G. B. (1999). Las bibliotecas escolares: Centros de recursos para el aprendizaje?: Del dicho al hecho. In *1er Seminario Internacional de bibliotecas escolares*. Santiago: Programa Mece Media, Ministerio de Educación.

Tedesco, J. C. (org.) (2004). *Educação e novas tecnologias: esperança ou incerteza?* Brasília: Ed. Cortez.

Toffler, A. (1990). *Choque do futuro*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.

Toffler, A., Toffler, H. (1995). *A Terceira Vaga*. Lisboa: Edições Livros do Brasil.

## U

Usherwood, B. (1999). *A Biblioteca Pública como Conhecimento Público*. Lisboa: Editorial Caminho.

## V

Veiga, I., Barroso, C., Calixto, J. A., Calçada, T., Gaspar, T. (1996). Relatório síntese: *Lançar a Rede de Bibliotecas Escolares*. Lisboa: Ministério da Educação.

Vygotsky, L. S. (1987). *Pensamento e Linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.

## W

Wyn, E. (2001). Projecto de parecer da comissão para a cultura, a juventude, a educação, os meios de comunicação social e os desportos destinados à Comissão do Emprego e dos Assuntos Sociais sobre *iliteracia e exclusão social*. Estrasburgo. Parlamento Europeu.

## OUTRA BIBLIOGRAFIA CONSULTADA

Conferência da Sociedade da informação (1997). *Na Sociedade da Informação: O que aprender na escola*. Porto: Edições ASA.

Conselho Nacional de Educação (1998). *A Sociedade da Informação na Escola*. Lisboa: CNE (Seminários e colóquios).

Portugal. Ministério da Educação (2002). *As tecnologias de informação e comunicação e a qualidade das aprendizagens: Estudos de caso em Portugal*. Lisboa: Departamento de Avaliação Prospectiva e Planeamento, Centros de Competências Nónio das Universidade de Évora, da Universidade do Minho e da Faculdade de Ciências da Universidade de Lisboa.

Unesco. (1998). Relatório Mundial de Educação. *Professores e ensino num mundo em mudança*. Porto: Edições ASA.

## REFERÊNCIAS WEBGRÁFICAS

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro de Vila Nova de Paiva. Consulta em : 15 de Janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.eprep-aquilino-ribeiro.rcts.pt>.

Biblioteca Nacional. Consulta em :12 de Janeiro de 2007. Disponível em: <http://sirius.bn.pt/sirius/sirius.exe>.

Direcção Geral para a Sociedade da Informação. Consulta em : 7de Março de 2007. Disponível em: <http://europa.eu.int/comm/dgs/information-society/mission/index-pt.htm>.

Formação em Tecnologias da Informação e Comunicação, *Estratégias para a acção*. Consulta em : 18 de Março de 2007. Disponível em: <http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/docum/estrategias.pdf>.

La recherche l'information à l' école secondaire : l'enseignant et le bibliothécaire, partenaires de l'élève (1998). Consulta em : 23 de Março de 2007. Disponível em <http://pages.infinet.net/formanet/cs/leveille.html>.

Rede Nacional de Bibliotecas Escolares (1996). Consulta em : 16 de Janeiro de 2007. Disponível em: <http://www.rbe.min-edu.pt>.

Ministério da Educação; "Software educativo Nónio Século XXI. Consulta em : 11 de Março de 2007. Disponível em: <http://www.dapp.min-edu.pt/nonio/softeduc/index.htm>.

Livro para a Sociedade da Informação em Portugal (1997). Consulta em : 4 de Março de 2007 Disponível em: <http://www.posconhecimento.pcm.gov.pt/documentos/pdf/livroverde.pdf>.

Programa Internet nas Escolas. Consulta em : 6 de Abril de 2007. Disponível em: <http://www.uarte.mct.pt/>.

Sociedade da Informação em Portugal, Comissão Interministerial. Consulta em : 4 de Março de 2007. Disponível em: <http://www.cisi.mct.pt/home.html>.

Ligar Portugal – Um programa de acção integrado no Plano Tecnológico do XVII Governo (2005). Mobilizar a Sociedade de Informação e do Conhecimento. Consulta em : 25 de Março de 2007 Disponível em: <http://www.mctes.pt>.

PRODEP III – Medidas 4, 5 e 9. Consulta em : 5 de Abril de 2007 Disponível em: <http://www.prodep.min-edu.pt>.

International Association of School Librarianship (IASL). Consulta em : 2 de Fevereiro de 2007 Disponível em: <http://www.iasl.org/>.

UNESCO – Manifesto da Unesco sobre as Bibliotecas Escolares (1999). Consulta em: 12 de Fevereiro de 2007 Disponível em: <http://www.apbad.pt/pmanif-bibescol>.

Portugal. Ministério da Educação - Estratégias para a acção – as TIC na Educação. Consulta em : 19 de Março de 2007. Disponível em: <http://www.giase.min-edu.pt>.

Portugal. Instituto Nacional de Estatística – *Portugal em números*. INE (2003). Lisboa. Consulta em : 23 de Maio de 2007. Disponível em: <http://www.ine.pt>

## LEGISLAÇÃO

Portugal (1986) Lei nº 46/86, de 14 de Outubro. Diário da República, I Série, nº 237 (Lei de Bases do Sistema Educativo).

Portugal (1989). Dec. Lei nº 286/89, de 29 de Agosto. Diário da República, II Série (Planos curriculares dos ensinos básico e secundário).

Portugal (1996). Desp. Conj. nº 184/ME/MC/96, de 27 de Agosto. Diário da República, II Série (Criação de um gabinete para a elaboração e execução de um Programa de instalações da Rede de Bibliotecas Escolares).

Portugal (1998). Dec. Lei nº 115-A/98, de 4 de Maio. Diário da República, I Série - A (Regime de autonomia, administração e gestão dos estabelecimentos públicos da educação pré-escolar e dos ensinos básico e secundário).

Portugal (2001). Lei nº 6/2001, de 18 de Janeiro. Diário da República – I Série-A, nº 15 (Princípios orientadores da organização e da gestão curricular do ensino básico).

Portugal (2006). Despacho nº 13 599/2006, de 28 de Junho. Diário da República, 2ª série (Princípios gerais de organização de horário de trabalho: Componente não lectiva).

**ANEXOS**

Anexo 1



Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro  
Código –161834

**Inquérito – Alunos**

Nº

Não  
preencher

Este questionário insere-se num trabalho de investigação que conduzirá à elaboração de uma dissertação no âmbito do Mestrado em *Administração e Planificação em Educação*, na Universidade Portucalense, sob orientação da Professora Doutora Maria Manuela Barreto Nunes e que tem como objectivo reflectir sobre o contributo das **Bibliotecas Escolares** para a construção do Conhecimento.

A informação que lhe solicitamos é fundamental, pelo que o rigor, a objectividade e a clareza das suas respostas serão importantes para a concretização dos objectivos deste estudo. As respostas são anónimas e está garantida a confidencialidade das mesmas, destinando-se apenas a fins académicos.

Agradecemos, desde já, a sua colaboração.

\_\_\_\_\_  
(Maria Helena Pinto)

**Assinale com uma cruz (x) a(s) resposta(s) que corresponde(m) ao seu caso.**

## I – Dados pessoais

### 1. Nível de escolaridade/Ano

3º Ciclo			
7º Ano		8º Ano	9º Ano

### 2. Idade

De 12 a 13 anos	
De 14 a 15 anos	
Mais de 16 anos	

### 3. Sexo

Masculino		Feminino	
-----------	--	----------	--

### 4. Profissão dos Pais

Pai	Mãe

### 5. Nível de Escolaridade

Pai	Mãe

## II – Uso da Internet

### 1. Qual é o seu principal local de acesso à Internet?

Em casa	
Na escola/biblioteca escolar	
Em casa de familiares/amigos	
Não tem acesso	
Outro (s). Especificar: _____	

2. Indique as ferramentas informáticas que utiliza para apoiar os seus estudos. Assinale os itens que se adequam à sua resposta.

Correio electrónico	
Internet	
Chats	
Word	
Power Point	
Excel	

3. Na escola, em que situação acede à Internet?

	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
<b>Aulas</b>				
<b>Clubes</b>				
<b>Tempo livre</b>				

4. Na escola, qual o período do dia em que tem mais disponibilidade para consultar a Internet?

Tempo de aulas	
Intervalos	
Hora do almoço	
Tempo livre	

5. Classifique o uso da Internet:

Muito fácil	
Fácil	
Difícil	
Muito difícil	
Não utilizo a Internet	

6. Quando procede a uma pesquisa na biblioteca escolar, solicita ajuda?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

**7. Quando lhe é prestada ajuda, considera-a:**

Muito eficaz	
Eficaz	
Pouco eficaz	

**8. A ajuda revela-se pouco eficaz, devido a:**

Formação inadequada de quem apoia	
Falta de tempo de quem apoia	
Perfil inadequado no atendimento	

**9. Quando não solicita ajuda, porque motivo não o faz:**

Não se sente à vontade	
Não precisa	
Não o podem ajudar	

**10. Que tipo de fontes de informação costuma consultar para realizar essas pesquisas?**

Enciclopédias	
Dicionários	
Livros didáticos	
Cassetes de vídeo	
CD-ROMs	
Internet	
Jornais	
Revistas	
Utilizo outras fontes. Especificar: _____	

**11. Utiliza a Internet como instrumento de pesquisa?**

Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
--------	----------------	----------	-----------	-------

### III – Uso da Biblioteca

#### 1. Costuma frequentar a biblioteca da escola?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

#### 2. Com que frequência utiliza a biblioteca escolar?

Todos os dias	
1 a 2 vezes por semana	
De 15 em 15 dias	
1 vez por mês	
De vez em quando	
Não utilizo a biblioteca da escola	

#### 3. Indique as actividades que desenvolve na biblioteca da escola.

Consulta documental	
Desenvolver actividades escolares	
Realização de pesquisas	
Ler jornais e revistas	
Visionamento de filmes	
Requisitar livros	
Não utilizo a biblioteca da escola	
Ler (livros de ficção, banda desenhada, etc)	
Realizo outras actividades. Especificar:	

#### 4. Está satisfeito com a prestação de serviços da biblioteca da escola?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- O que poderia melhorar? (Especifique):

---



---



---



---



---

## IV - Pesquisa Escolar

### 1. Costuma pesquisar para as disciplinas da escola?

Sempre	Frequentemente	Às vezes	Raramente	Nunca
--------	----------------	----------	-----------	-------

### 2. Quais os professores que costumam sugerir a biblioteca da escola para fazer pesquisas?

Disciplinas	Frequente	Às vezes	Nunca
Língua Portuguesa			
Língua Estrangeira I			
Língua Estrangeira II			
História			
Geografia			
Matemática			
Ciências Naturais			
Ciências Físico-Químicas			
Educação Visual			
Educação Tecnológica			
Educação Física			
TIC			
Educação Moral e Religiosa Católica			
<b>Áreas Curriculares não Disciplinares</b>			
Estudo Acompanhado			
Área de Projecto			
Formação Cívica			

### 3. Considera que a biblioteca escolar tem:

Material actualizado	
Material diversificado	
Pouco material para pesquisa	

---

4. Já alguma vez desenvolveu com professores algum trabalho de pesquisa, integrando os recursos da biblioteca, Internet e sala de aula?

Disciplinas	Frequente	Às vezes	Nunca
Língua Portuguesa			
Língua Estrangeira I			
Língua Estrangeira II			
História			
Geografia			
Matemática			
Ciências Naturais			
Ciências Físico-Químicas			
Educação Visual			
Educação Tecnológica			
Educação Física			
TIC			
Educação Moral e Religiosa Católica			
<b>Áreas Curriculares não Disciplinares</b>			
Estudo Acompanhado			
Área de Projecto			
Formação Cívica			

Anexo 2



DIRECÇÃO REGIONAL DE

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro  
Código –161834

**Inquérito – Professores**

Nº

Não  
preencher

Caro(a) colega:

Este questionário insere-se num trabalho de investigação que conduzirá à elaboração de uma dissertação no âmbito do Mestrado em *Administração e Planificação em Educação*, na Universidade Portucalense, sob orientação da Professora Doutora Maria Manuela Barreto Nunes, e que tem como objectivo reflectir sobre o contributo das **Bibliotecas Escolares para a Construção do Conhecimento**.

A informação que lhe solicitamos é fundamental, pelo que o rigor, a objectividade e a clareza das suas respostas serão importantes para a consecução dos objectivos deste estudo. As respostas são anónimas e está garantida a confidencialidade das mesmas, destinando-se apenas a fins académicos.

Agradecemos, desde já, a sua colaboração.

\_\_\_\_\_  
(Maria Helena Pinto)

**Assinale com uma cruz (X) a(s) resposta(s) que corresponde(m) ao seu caso.**

## I - Recursos Humanos da Escola

### 1. Situação Profissional

Situação Profissional	
Quadro de Nomeação Definitiva	<input type="checkbox"/>
Quadro de Zona Pedagógica	<input type="checkbox"/>
Contratado Profissionalizado	<input type="checkbox"/>
Contratado não Profissionalizado	<input type="checkbox"/>

### 2. Dados pessoais e profissionais

#### 2.1. Idade:

< 25 anos                       26-35 anos                       36-45 anos

46-55 anos                       56-60 anos                       > 60 anos

**2.2. Sexo:** Masculino                       Feminino

### 3. Habilitações Académicas

Bacharelato (ou equivalente)       Licenciatura       Especialização

Mestrado       Doutoramento       Outra. Qual? \_\_\_\_\_

### 4. Situação Profissional, no presente ano lectivo

Quadro de Escola onde lecciona	<input type="checkbox"/>
Quadro de Escola destacado	<input type="checkbox"/>
Quadro de Zona Pedagógica	<input type="checkbox"/>
Contratado(a)	<input type="checkbox"/>
Outra. Qual? _____	<input type="checkbox"/>

## 5. Disciplinas/Áreas Curriculares não Disciplinares que lecciona

<b>Disciplinas</b>	
Língua Portuguesa	
Francês	
Inglês	
História	
História e Geografia de Portugal	
Geografia	
Matemática	
Ciências Naturais	
Ciências da Natureza	
Ciências Físico-Químicas	
Educação Visual	
Educação Visual e Tecnológica	
Educação Tecnológica	
Educação Física	
Educação Musical	
TIC	
Educação Moral e Religiosa Católica	
<b>Áreas Curriculares não Disciplinares</b>	
Estudo Acompanhado	
Área de Projecto	
Formação Cívica	
Atelier de Informação	
Atelier da Matemática	
<b>Outra(s)</b>	
Educação Especial	
Curso EFA (Educação e Formação de Adultos)	

## 6. Tempo de exercício da função docente

< 2 anos       2-5 anos       6-10 anos

11-20 anos       21-30 anos       >30 anos

## 7. Tempo de serviço na Escola Básica 2,3 Aquilino Ribeiro

< 2 anos       2-5 anos       6-10 anos       >10 anos

## II - Uso da Biblioteca

### 1. Costuma frequentar a biblioteca da escola?

Frequentemente	Às vezes	Nunca	
----------------	----------	-------	--

Se respondeu “**Frequentemente**” e “**Às vezes**” passe à **questão 3**.  
Se respondeu “**Nunca**” continue.

**2. Indique as razões porque não frequenta a biblioteca.**

Incompatibilidade de horário	
Recursos materiais próprios	
Pouca motivação	
Outra. Qual?	

**Passe à questão 6.**

**3. Com que frequência utiliza a biblioteca escolar?**

Todos os dias	
1 a 2 vezes por semana	
De 15 em 15 dias	
1 vez por mês	
De vez em quando	

**4. O que costuma fazer na biblioteca da escola?**

Consulta documental	
Desenvolver actividades escolares	
Realização de pesquisas	
Ler jornais e revistas	
Visionamento de filmes	
Requisitar livros	
Outro(s). Especificar:	

**5. Utiliza os recursos da biblioteca escolar para realizar projectos pedagógicos?**

Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
--------	--	----------------	--	----------	--	-------	--

**6. Está satisfeito com a prestação de serviços da biblioteca da escola?**

Sim		Não	
-----	--	-----	--

- **O que poderia melhorar? (Especifique):**

---



---



---



---



---

**7. Estimula os seus alunos a usar a biblioteca escolar como fonte de pesquisa?**

Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
--------	--	----------------	--	----------	--	-------	--

**III – Uso da Internet**

**1. Com que frequência costuma aceder à Internet?**

Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
--------	--	----------------	--	----------	--	-------	--

Se respondeu “**Nunca**” passe directamente à **questão 8**

**2. Qual é o tempo médio de uso da Internet, por semana?**

De 0 a 2 h	
De 2h a 5h	
De 5h a 10h	
De 10 h a 15h	
De 15h a 20h	
Mais de 20h	

**3. Há quanto tempo utiliza a Internet, como ferramenta pedagógica?**

Mais de 2 anos	
Entre 1 e 2 anos	
Menos de 1 ano	
Não utilizo	

**4. Qual o seu principal local de acesso à Internet?**

Em casa	
Na escola	
Na casa de familiares/amigos	
Não tem acesso	
Outro. Qual? _____	

**5. Qual é o grau de qualidade do acesso à Internet na escola?**

Muito Bom	
Bom	
Regular	
Mau	

**6. Considera o uso da Internet:**

Muito fácil	
Fácil	
Difícil	
Muito difícil	
Não utilizo a Internet	

7. Comparando o seu desempenho profissional antes e após o uso da Internet, considera que:

Desempenho profissional	
Aumentou	
Não interferiu	
Diminuiu	

8. Já alguma vez frequentou formação sobre as TIC?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

9. Na sua avaliação, quais são as maiores vantagens do uso pedagógico da Internet? Numere de 1 (maior vantagem) a 7 (menor vantagem).

- Quantidade de informação disponível;
- Actualidade e oportunidade da informação;
- Facilidade de utilização da rede;
- Possibilidade de acesso a pessoas e instituições, geograficamente afastadas, no processo ensino-aprendizagem;
- Troca de mensagens;
- Recursos oferecidos;
- Outro (s). (Especificar): \_\_\_\_\_

10. Considera que a Internet é uma ferramenta que o pode auxiliar no processo ensino-aprendizagem?

Sim		Não	
-----	--	-----	--

#### IV - Pesquisa Escolar

1. Costuma pesquisar para leccionar conteúdos programáticos?

Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
--------	--	----------------	--	----------	--	-------	--

2. Quando procede a uma pesquisa na biblioteca escolar, solicita ajuda?

Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
--------	--	----------------	--	----------	--	-------	--

**3. Utiliza a Internet como instrumento de pesquisa?**

Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
--------	--	----------------	--	----------	--	-------	--

**4. Utiliza outras fontes de pesquisa? Indique quais.**

Enciclopédias	
Dicionários	
Livros didáticos	
Cassetes de vídeo	
CD-ROMs	
Jornais	
Revistas	
Outras. Especificar: _____	

**5. Quais as fontes de informação que costuma indicar aos seus alunos para a realização de pesquisas?**

Enciclopédias	
Dicionários	
Livros didáticos	
Cassetes de vídeo	
CD-ROMs	
Internet	
Jornais	
Revistas	
Outras. Especificar: _____	

**6. Dá apoio específico aos alunos quando lhes solicita trabalhos de pesquisa na biblioteca escolar?**

Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
--------	--	----------------	--	----------	--	-------	--

**7. Dá apoio específico aos alunos quando lhes solicita trabalhos de pesquisa na Internet?**

Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
--------	--	----------------	--	----------	--	-------	--

**8. Costuma verificar se as fontes que consulta na Internet são fiáveis?**

Sempre		Frequentemente		Às vezes		Nunca	
--------	--	----------------	--	----------	--	-------	--

**Muito obrigada pela colaboração prestada!**

## Anexo 3



DIRECÇÃO REGIONAL DE EDUCAÇÃO DO CENTRO

Agrupamento de Escolas Aquilino Ribeiro  
Código -161834

## FICHA DE DESCRIÇÃO

## BIBLIOTECA ESCOLAR AQUILINO RIBEIRO

## A – Identificação e Caracterização da Biblioteca Escolar Aquilino Ribeiro

## 1. Integração da Biblioteca Escolar na Rede de Bibliotecas Escolares

Ano de Integração

\_\_2004\_\_

## 2. Recursos Humanos – Equipa Pedagógica da Biblioteca Escolar

2.1. Nº total de professores que formam a equipa. 

2.2. Critérios presidiram à designação dos professores que integram a equipa.

1	Formação na área das BEs	Perfil do professor	4
2	Experiência na área das BEs	Redução parcial da componente lectiva	5
3	Continuidade de funções	Necessidade de completar o horário	6

2.3. Caracterização dos professores da equipa de acordo com o nível de ensino

Nível de ensino	Coordenador	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5
2º Ciclo	x	x		x	x	x
3º Ciclo			x			

### 3. Formação na área das Bibliotecas Escolares

	S/formação	Menos de 50 h	De 50 a 100h	De 100 a 250h	> 250h
<b>Coordenadora</b>					×
<b>P1</b>	×				
<b>P2</b>	×				
<b>P3</b>	×				
<b>P4</b>		×			
<b>P5</b>		×			

### 4. Horário e Funções

#### 4.1. Número de horas atribuídas a cada elemento

	Coord.	P 1	P 2	P 3	P 4	P 5
<b>Nº total horas</b>	<b>8</b>	<b>4</b>	<b>4</b>	<b>3</b>	<b>2</b>	<b>2</b>

#### 4.2. Funções desempenhadas por cada elemento

<b>Funções na BE</b>	<b>Coord.</b>	<b>P 1</b>	<b>P 2</b>	<b>P 3</b>	<b>P 4</b>	<b>P 5</b>
Organização e gestão da BE	×	×	×			
Tratamento documental	×	×				
Difusão da informação	×	×	×	×	×	×
Produção de documentação (dossiers temáticos, maletas pedagógicas,...)		×				
Manutenção de equipamento informático/audiovisual			×			
Animação/promoção da leitura				×	×	
Apoio na pesquisa		×				×
Formação de utilizadores	×	×	×	×	×	×

## B- Organização/Gestão da Biblioteca Escolar

### 1. Organização / Gestão do Espaço

#### 1.1. Zonas funcionais da biblioteca

Atendimento	Leitura de documentos impressos
Leitura informal (leitura periódicos/B.D.)	Trabalho individual
Leitura áudio (CDs)	Trabalho em grupo
Leitura vídeo/DVD/TV	Jogos (Xadrez)
Leitura multimédia	Internet

### 2. Classificação da biblioteca quanto aos recursos físicos

<b>Parâmetros</b>
<b>Recursos Físicos</b>
Mobiliário específico para:
Exposição de documentos
Material não-livro
Produção gráfica
Equipamento
Espaço para:
Trabalho individual
Trabalho em grupo
Consulta vídeo/DVD
Consulta informática/multimédia

### 3. Horário

#### 3.1. Horário de funcionamento da Biblioteca Escolar

<b>A Biblioteca está aberta</b>
Durante o período de aulas, sem interrupção Das 8h 30m às 17h 15m

## 4. Colecção

### 4.1. Recursos documentais da biblioteca

<b>Material impresso</b>
Obras de referência (dicionários, enciclopédias)
Monografias (ficção)
Monografias (não ficção)
Manuais escolares
<b>Material sonoro</b>
Música
<b>Material audiovisual</b>
Documentários
Filmes ficção/Não ficção
<b>Material multimédia</b>
Bases de dados em linha
Internet

### 4.2. Avaliação dos recursos documentais

<b>Recursos documentais</b>
Adequação ao nível etário e interesses dos alunos
Adequação ao currículo
Actualidade
Diversidade temática
Diversidade de suportes

## 5. Recursos

<b>Documentos</b>	<b>Livre acesso na BE</b>	<b>Empréstimo domiciliário</b>
Documentos impressos	×	×
Documentos sonoros	×	
Documentos audiovisuais	×	
Documentos multimédia	×	

<b>Apoio ao utilizador</b>
Pesquisa de informação a pedido dos alunos
Pesquisa de informação por um professor
Apoio ao currículo escolar/recursos educativos
Apoio de carácter lúdico/recreativo
Apoio de carácter generalista/cultura geral
Seleção/aconselhamento de conteúdos em linha

## 6. Comunicação/Divulgação

### 6.1. Instrumentos de divulgação/comunicação

Guia do utilizador	Placard informativo
Boletim da BE	Guias informativos
Jornal da escola	Listas bibliográficas
Sítio web da biblioteca	Contactos informais

## C – Integração da Biblioteca na Escola

### 1. Integração da Biblioteca escolar

#### 1.1. Reunião da Coordenadora com os órgãos e estruturas pedagógicas da escola

Órgão de gestão
Conselho Pedagógico
Departamentos Curriculares
Conselhos de Directores de Turma
Conselhos de Turma
Coordenação de Projectos
Áreas Curriculares não Disciplinares

## D – Dinamização da biblioteca escolar

### 1. Formação do utilizador

Visitas guiadas à BE para os professores
Visitas guiadas à BE para os alunos
Formação de alunos (pesquisar, aprender a consultar documentos)
Formação de professores para utilização da BE
Divulgação do Regulamento/Guia da BE
Divulgação de guias de apoio para autoformação

---

**2. Animação cultural e ocupação de tempos livres**

<b>Actividades</b>
Exposições
Feiras do Livro
Ciclos de vídeo
Difusão de eventos culturais
Concursos/passatempos
Utilização lúdica das TIC
Leituras encenadas
História do dia
Clube "Amigos da Biblioteca"
Escritor do Mês

**3. Actividades que ocorrem na Biblioteca**

Consultar no local os recursos da BE
Desenvolver situações de aprendizagem co grupo-turma na BE
Solicitar apoio da BE na planificação de actividades lectivas
Organizar conjuntamente com a BE recursos pedagógicos
Solicitar os serviços de referência (apoio orientado ao utilizador)

**4. Computadores existentes na biblioteca**

**5. Computadores ligados à Internet**

**6. Formas de acesso à Internet**

**A Coordenadora da Biblioteca Escolar**

---

## **Anexo 4**

### **FEDERAÇÃO INTERNACIONAL DAS ASSOCIAÇÕES DE BIBLIOTECÁRIOS E DE BIBLIOTECAS**

A biblioteca escolar no contexto do ensino-aprendizagem para todos

Manifesto da Biblioteca Escolar

A biblioteca escolar proporciona informação e ideias fundamentais para sermos bem sucedidos na sociedade actual, baseada na informação e no conhecimento. A biblioteca escolar desenvolve nos alunos competências para a aprendizagem ao longo da vida e estimula a imaginação, permitindo-lhes tornarem-se cidadãos responsáveis.

#### **Missão da Biblioteca Escolar**

A biblioteca escolar disponibiliza serviços de aprendizagem, livros e recursos que permitem a todos os membros da comunidade escolar tornarem-se pensadores críticos e utilizadores efectivos da informação em todos os suportes e meios de comunicação. As bibliotecas escolares articulam-se com as redes de informação e de bibliotecas de acordo com os princípios do Manifesto da Biblioteca Pública da UNESCO.

A equipa da biblioteca apoia a utilização de livros e outras fontes de informação, desde obras de ficção a obras de referência, impressas ou electrónicas, presenciais ou remotas. Estes recursos complementam e enriquecem os manuais escolares e os materiais e metodologias de ensino.

Está comprovado que quando os bibliotecários e os professores trabalham em conjunto, os alunos atingem níveis mais elevados de literacia, de leitura, de aprendizagem, de resolução de problemas e competências no domínio das tecnologias de informação e comunicação.

As bibliotecas escolares devem disponibilizar os seus serviços de igual modo a todos os membros da comunidade escolar, independentemente da idade, raça, sexo, religião, nacionalidade, língua e estatuto profissional ou

social. Aos utilizadores que, por qualquer razão, não possam utilizar os serviços e materiais comuns da biblioteca, devem ser disponibilizados serviços e materiais específicos.

O acesso aos serviços e fundos documentais deve orientar-se pela Declaração Universal dos Direitos e Liberdades do Homem, aprovada pelas Nações Unidas, e não deverá ser sujeito a nenhuma forma de censura ideológica, política ou religiosa ou a pressões comerciais.

### **Financiamento, Legislação e Redes**

A biblioteca escolar é essencial a qualquer estratégia a longo prazo nos domínios da literacia, educação, informação e desenvolvimento económico, social e cultural. Sendo da responsabilidade das autoridades locais, regionais ou nacionais, a biblioteca escolar deve ser apoiada por legislação e políticas específicas. As bibliotecas escolares devem ter meios financeiros suficientes para assegurar a existência de pessoal com formação, documentos, tecnologias e equipamentos e ser de utilização gratuita.

A biblioteca escolar é um parceiro essencial das redes local, regional e nacional de bibliotecas e de informação.

Sempre que a biblioteca escolar partilhe equipamentos e/ou recursos com outro tipo de biblioteca, designadamente com a biblioteca pública, os objectivos específicos da biblioteca escolar devem ser reconhecidos e salvaguardados.

### **Objectivos da Biblioteca Escolar**

A biblioteca escolar é parte integrante do processo educativo.

Os objectivos seguintes são essenciais ao desenvolvimento da literacia, das competências de informação, do ensino-aprendizagem e da cultura e correspondem a serviços básicos da biblioteca escolar:

- apoiar e promover os objectivos educativos definidos de acordo com as finalidades e currículo da escola;
- criar e manter nas crianças o hábito e o prazer da leitura, da aprendizagem e da utilização das bibliotecas ao longo da vida;
- proporcionar oportunidades de utilização e produção de informação que possibilitem a aquisição de conhecimentos, a compreensão, o desenvolvimento da imaginação e o lazer;

- apoiar os alunos na aprendizagem e na prática de competências de avaliação e utilização da informação, independentemente da natureza e do suporte, tendo em conta as formas de comunicação no seio da comunidade;
- providenciar acesso aos recursos locais, regionais, nacionais e globais e às oportunidades que confrontem os alunos com ideias, experiências e opiniões diversificadas;
- organizar actividades que favoreçam a consciência e a sensibilização para as questões de ordem cultural e social;
- trabalhar com alunos, professores, órgãos de gestão e pais de modo a cumprir a missão da escola;
- defender a ideia de que a liberdade intelectual e o acesso à informação são essenciais à construção de uma cidadania efectiva e responsável e à participação na democracia;
- promover a leitura, os recursos e serviços da biblioteca escolar junto da comunidade escolar e fora dela.

A biblioteca escolar cumpre estas funções desenvolvendo políticas e serviços, seleccionando e adquirindo recursos, proporcionando acesso material e intelectual a fontes de informação apropriadas, disponibilizando equipamentos e dispondo de pessoal qualificado.

### **Equipa da Biblioteca Escolar**

O bibliotecário escolar é o elemento do corpo docente, qualificado, responsável pelo planeamento e gestão da biblioteca escolar. É apoiado por uma equipa tão adequada quanto possível, trabalhando em conjunto com todos os membros da comunidade escolar e em ligação com a biblioteca pública e outras.

O papel dos bibliotecários escolares varia consoante o orçamento, o currículo e as metodologias de ensino das escolas, de acordo com o quadro legal e financeiro nacional. Dependendo do contexto, existem áreas gerais nas quais é muito importante que os bibliotecários escolares possuam conhecimentos para poderem assegurar um funcionamento eficaz dos serviços: a gestão de recursos, a gestão de bibliotecas e de informação e a pedagogia.

Num meio cada vez mais dominado pelas redes de informação, os bibliotecários escolares devem possuir competências para planear e ensinar

diferentes técnicas no tratamento da informação tanto a professores como a alunos. Devem, por conseguinte, prosseguir a sua formação e desenvolvimento profissionais.

### **Funcionamento e Gestão**

Para garantir a eficácia e avaliação dos serviços:

- a política de serviços da biblioteca escolar deve ser formulada de modo a definir objectivos, prioridades e serviços em articulação com o currículo escolar;
- a biblioteca escolar deve ser organizada e gerida de acordo com padrões profissionais;
- os serviços devem ser acessíveis a todos os membros da comunidade escolar e funcionar no contexto da comunidade local;
- a biblioteca escolar deve promover a cooperação com os professores, a direcção das escolas, as entidades responsáveis, os pais, outros bibliotecários e profissionais de informação e as associações locais.

### **Aplicação do Manifesto**

Os governos, por intermédio dos Ministérios da Educação, são convidados a desenvolver estratégias, políticas e planos que apliquem os princípios deste Manifesto. Devem ainda prever a difusão do Manifesto nos programas de formação inicial e contínua de bibliotecários e de professores.

Incentivam-se todos os responsáveis a nível local e nacional e a comunidade de bibliotecários em todo o mundo a aplicar os princípios deste Manifesto.

O Manifesto foi preparado pela Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas e aprovado pela UNESCO na sua Conferência Geral em Novembro de 1999.

Tradução do Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares

Publicado pelo Ministério da Educação de Portugal

Gabinete da Rede de Bibliotecas Escolares

Sede Geral da IFLA C.P. 95312

2509 CH Haia

Holanda

Tel.: +31-70-3140884 Fax: +31-70-3834827

E-mail: [ifla@ifla.org](mailto:ifla@ifla.org) Web site: [www.ifla.org](http://www.ifla.org)

© 2000 Federação Internacional das Associações de Bibliotecários e de Bibliotecas (IFLA)

## **Anexo 5**

### **DECLARAÇÃO POLITICA DA IASL SOBRE BIBLIOTECAS ESCOLARES**

#### **Internacional Association of School Librarianship (IASL)**

O Princípio 7 da Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança afirma : “cada criança tem direito a receber educação, obrigatória e gratuita, pelo menos ao nível do ensino básico. Ser-lhe-á administrada uma educação que desenvolverá a sua cultura geral e lhe permitirá, numa base de igualdade, desenvolver as suas habilidades, capacidade de decisão e uma consciência moral de responsabilidade social, tornando-o um membro útil da comunidade.

A existência e utilização da biblioteca escolar constitui uma parte vital desta educação obrigatória e gratuita. A biblioteca escolar é essencial “ao desenvolvimento da personalidade humana, bem como ao progresso espiritual, moral, social, cultural e económico da comunidade”.

A biblioteca é essencial ao cumprimento das metas e objectivos de aprendizagem da escola e promove-os através dum programa planeado de aquisição e organização de tecnologias de informação e disseminação dos materiais de modo a aumentar e diversificar os ambientes de aprendizagem dos estudantes. Um programa planeado de ensino de competências de informação em parceria com os professores da escola e outros educadores é uma parte essencial do programa das bibliotecas escolares.

A biblioteca escolar proporciona um vasto leque de recursos, tanto impressos como não impressos – incluindo meios electrónicos - e acesso a dados que promovem em cada criança a consciência da sua própria herança cultural e uma base para a compreensão da diversidade de culturas.

#### **Funções**

A biblioteca escolar funciona como um instrumento vital do processo educativo, não como uma entidade isolada do programa escolar mas envolvida no processo de ensino-aprendizagem. As suas metas podem traduzir-se nas seguintes funções:

informativa – fornecer informação fiável, acesso rápido, recuperação e transferência de informação; a biblioteca escolar deverá integrar as redes de informação regionais e nacionais.

educativa – assegurar a educação ao longo da vida, provendo meios e equipamentos e um ambiente favorável à aprendizagem: orientação presencial, selecção e uso de materiais formativos em competências de informação, sempre através da integração com o ensino na sala de aula; promoção da liberdade intelectual.

cultural – melhorar a qualidade de vida mediante a apresentação e apoio a experiências de natureza estética, orientação na apreciação das artes, encorajamento à criatividade e desenvolvimento de relações humanas positivas.

recreativa - suportar e melhorar uma vida rica e equilibrada e encorajar uma ocupação útil dos tempos livres mediante o fornecimento de informação recreativa, materiais e programas de valor recreativo e orientação na utilização dos tempos livres.

### **Materiais**

A adequação dos materiais implica:

- -consciência de toda a gama de tecnologias de informação e de comunicação;
- -variedade, respeitante aos diversos campos de conhecimento e actividades recreativas;
- -materiais destinados aos jovens, que respeitem as suas capacidades cognitivas, afectivas e psicomotoras;
- -relevância para o programa de ensino-aprendizagem da escola;
- -materiais apelativos, de acordo com o interesse dos jovens;
- -utilização da primeira língua do estudante;
- -materiais que reflectam os interesses culturais valorizados pelas famílias dos jovens;
- -respeito pelas condicionantes de natureza económica.

### **Meios e Equipamentos**

Todas as bibliotecas escolares, desde as das escolas pré-primárias às secundárias, necessitam de espaço adequado onde explorar as tecnologias disponíveis para a preparação, processamento e armazenamento de todos os materiais da biblioteca, bem como de espaço que permita aos estudantes e professores utilizar plenamente estes materiais, através da leitura, visionamento, audição e de capacidades de processamento e recuperação de

---

informação. Os espaços devem enquadrar-se funcionalmente no design da arquitectura geral da escola, localizarem-se perto dos centros naturais de maior circulação e serem de acesso fácil a todos os utilizadores, incluindo deficientes. Deve também ter-se em consideração a utilização da biblioteca fora do horário normal das aulas. A expansão e reorganização do espaço exigem flexibilidade e capacidade de antevisão, provendo designadamente um número adequado de tomadas eléctricas. Deve ser dada atenção à iluminação, ao tratamento acústico das portas e tectos, ao controle da temperatura e humidade e ao mobiliário e estantaria, que devem ser adequadas à idade dos utilizadores.

### **Pessoal**

A instalação de uma biblioteca escolar exige que todas as pessoas que a utilizam aprendam de que modo ela pode ser efectiva e eficientemente utilizada. Cabe aos responsáveis pela biblioteca escolar exercer uma liderança nesse sentido. A preparação das equipas, tal como a de todos os professores, deve incluir informação sobre o papel da biblioteca escolar no processo de aprendizagem e na planificação e implementação das actividades de ensino. Para além da sua formação profissional como professor, o coordenador deve ter consciência das capacidades únicas que um bibliotecário escolar deve reunir para coordenar com eficácia o programa da biblioteca na escola, incluindo a preparação de um orçamento e de um horário escolar flexível, de modo a que os alunos possam potencializar a utilização dos materiais, dos meios e dos equipamentos. O administrador deve ter consciência dos benefícios para o ensino de um programa de ensino e de uma planificação desenvolvidos em cooperação na escola.

A Associação Internacional dos Bibliotecários Escolares defende que os bibliotecários escolares sejam professores qualificados que também tenham terminado cursos profissionais de biblioteconomia. Este tipo de preparação assegura-nos que os professores recebem ajuda e ensinam cooperativamente com pessoal profissionalizado que compreende os princípios e práticas do ensino e do programa e práticas educativas da escola. Esta cooperação com os professores pode dizer respeito aos seguintes itens: desenvolvimento do curriculum, actividades educativas proporcionadas pela escola, assim como planeamento de curto e longo prazo relativamente à utilização dos materiais, informação tecnológica e equipamento e desenvolvimento das competências de informação tendo em vista a educação da criança.

### Educação a longo prazo, competências e desenvolvimento da literacia

As capacidades apreendidas pelo estudante através da biblioteca dotam a criança com os meios que lhe possibilitam adaptar-se a uma variedade de situações e possibilitam a educação permanente ao longo da vida, mesmo em situações adversas. A biblioteca escolar promove a literacia através do desenvolvimento e promoção da leitura como meio de aprendizagem e de lazer. A leitura e as actividades audiovisuais estimulam e reforçam o interesse da criança pela leitura.

Além do mais, é proporcionado ao aluno um conhecimento profundo de toda a gama de tecnologias de informação e comunicação, Para além disto, o estudante é provido de conhecimento em toda a gama de tecnologias de informação e comunicação e sua utilização no sentido de localizar e avaliar informação para responder aos interesses e necessidades educativas e recreativas, bem como de capacidades para produzir registos e mensagens visuais, audiovisuais e electrónicas adequadas aos objectivos da comunicação. Estas competências promovem uma aprendizagem ao longo da vida. A aquisição destas competências permite ao jovem continuar a aprendizagem de forma autónoma, mesmo quando a sua educação é interrompida por imprevistos pessoais ou de natureza social.

Todos os sistemas de educação devem também ser estimulados a alargar os contextos de aprendizagem à biblioteca escolar não os reduzindo ao professor e aos manuais. Os bibliotecários escolares deverão cooperar com o staff das bibliotecas públicas e outros centros de informação da comunidade, permitindo partilhar os seus recursos de informação.

### **Apoio Público e Governamental**

O estabelecimento de boas bibliotecas escolares pode demonstrar que as autoridades públicas estão a cumprir as suas responsabilidades na promoção da educação, que permitirá aos jovens tornarem-se membros úteis da sociedade global e desenvolverem o seu potencial individual. Uma boa biblioteca escolar com um bibliotecário qualificado é o maior factor de desenvolvimento da qualidade educativa.

A biblioteca escolar pode providenciar materiais como fontes de informação para pais e agentes sociais e satisfazer as necessidades dos

jovens em casa, antes de ingressarem na escola, durante o processo de escolarização e depois de concluída a sua formação académica.

Um dos aspectos que pode ser avaliado e é particularmente valorizado pelas autoridades públicas e sociedades que se empenham em promover a educação dos jovens é o da facilitação de meios para a educação. A sociedade que investe na biblioteca escolar investe no seu próprio futuro.

Revisto pela IASL em Setembro de 1993